Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Ana Sofia Teixeira Ribeiro

O Garrano como Dinamizador Territorial e Cultural em Covide

junho de 2026

O Garrano como Dinamizador Territorial e Cultural em Covide
Ana Ribeiro
UMinho | 2026

Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Ana Sofia Teixeira Ribeiro

O Garrano como Dinamizador Territorial e Cultural em Covide

Trabalho de Projeto
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitetura
Área de Cidade e Território

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Rute Alexandra Santos
da Silva Carlos

junho de 2026

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.
Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.
Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial aos meus pais e ao meu irmão, a quem devo tudo, pelo apoio incondicional, pela compreensão e por acreditarem sempre em mim, mesmo nos momentos mais difíceis.

Ao Tomás, pelo carinho, pela paciência, pelo apoio constante e por estar sempre ao meu lado ao longo deste percurso.

Aos meus amigos, em especial à Maria e à Cláudia, por toda a amizade, pelas conversas, pela ajuda e por tornarem estes anos mais leves e mais bonitos.

À minha orientadora, Rute Carlos, expresso o meu agradecimento pela ajuda, disponibilidade, orientação e pela partilha de conhecimento ao longo deste trabalho.

A todos os que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho de projeto e fizeram parte deste percurso, o meu sincero agradecimento.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Ética e Conduta da Universidade do Minho.

DECLARAÇÃO DE USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri a qualquer forma de utilização indevida de ferramentas de Inteligência Artificial (IA), nem à falsificação ou omissão de informações, fontes, dados, resultados ou processos em nenhuma das etapas conducentes à sua elaboração.

Declaro ainda que qualquer utilização de ferramentas de IA foi feita de forma transparente e responsável, encontrando-se devidamente assinalada/descrita no trabalho, e que procedi à verificação crítica da exatidão do conteúdo produzido com o seu apoio, assumindo integralmente a responsabilidade pelo que submeto.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Ética e Conduta da Universidade do Minho, bem como as normas aplicáveis de integridade académica e de proteção de dados.

O Garrano como Dinamizador Territorial e Cultural em Covide

RESUMO

O presente Trabalho de Projeto aborda as transformações territoriais e socioeconómicas associadas ao despovoamento rural, tomando como caso de estudo a aldeia de Covide, localizada no concelho de Terras de Bouro, no contexto do Parque Nacional da Peneda-Gerês. A investigação desenvolve-se a partir dos princípios do decrescimento, entendidos como crítica ao modelo económico baseado no crescimento contínuo e como proposta de valorização de sistemas territoriais mais sustentáveis e equilibrados.

Neste contexto, o trabalho centra-se na relação entre arquitetura, território e regeneração rural, utilizando o Garrano enquanto elemento estruturante da paisagem e da identidade local. Historicamente associado às práticas agro-pastoris e à gestão do território de montanha, o Garrano desempenhou um papel fundamental nas dinâmicas ecológicas, produtivas e culturais do Noroeste Peninsular. Contudo, o abandono progressivo da agricultura tradicional e o enfraquecimento das práticas comunitárias conduziram ao declínio da raça e à perda de funcionalidade dos sistemas territoriais associados.

Perante esta realidade, o trabalho propõe uma estratégia de intervenção territorial e arquitetónica assente na reativação do Centro Interpretativo do Garrano, articulando-o com os terrenos aforados, os sistemas de pastoreio extensivo e os percursos territoriais associados ao animal. A proposta privilegia a reabilitação do edificado existente, a reutilização de materiais e soluções arquitetónicas de baixo impacto ambiental, procurando demonstrar de que forma a arquitetura pode contribuir para a regeneração ecológica, cultural e social da aldeia de Covide.

Palavras-chave:
Covide; Decrescimento; Garrano; Regeneração Territorial; Trilhos

The Garrano as a Territorial and Cultural Driver in Covide

ABSTRACT

This project addresses the territorial and socioeconomic transformations associated with rural depopulation, taking as a case study the village of Covide, located in the municipality of Terras de Bouro, within the context of the Peneda-Gerês National Park. The research is developed from the principles of degrowth, understood as a critique of the economic model based on continuous growth and as a proposal for the valorization of more sustainable and balanced territorial systems. In this context, the study focuses on the relationship between architecture, territory and rural regeneration, using the Garrano horse as a structuring element of the landscape and local identity. Historically associated with agro-pastoral practices and the management of mountain territories, the Garrano played a fundamental role in the ecological, productive and cultural dynamics of Northwestern Iberia. However, the progressive abandonment of traditional agriculture and the weakening of community practices have led to the decline of the breed and the loss of functionality of the territorial systems associated with it.

In response to this reality, the work proposes a territorial and architectural intervention strategy based on the reactivation of the Garrano Interpretative Centre, articulating it with communal grazing lands, extensive grazing systems and territorial routes associated with the animal. The proposal prioritises the rehabilitation of existing buildings, the reuse of materials and low-impact architectural solutions, seeking to demonstrate how architecture can contribute to the ecological, cultural and social regeneration of the village of Covide.

Keywords:

Covide; Degrowth; Garrano; Territorial Regeneration; Trails

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO 2

II. CAPÍTULO I - COVIDE 6
A Aldeia
Despovoamento e Abandono
Fragilidade Funcional e Transformação Territorial
Entre a Narrativa Oficial e a Realidade Local

III. CAPÍTULO II - O GARRANO COMO DINAMIZADOR TERRITORIAL E CULTURAL EM COVIDE 32
Estratégia
Caracterização do Garrano no seu Habitat

IV. CAPÍTULO III - PROJETO 54
Reabilitação do Centro Interpretativo do Garrano
- O Existente
- Fluxos
- Materialidade e Linguagem Construtiva
- Reativação do Complexo
- Ligação entre o Centro à Aldeia

Articulação do Centro e os Terrenos Aforados
- Os Terrenos Aforados como Suporte Territorial
- Plano de Libertação Progressiva
- Rewilding e Regeneração da Paisagem
- Circulação, Gestão e Monitorização Territorial
- Trilho da Libertação e Pontos de Observação

Rede de Percursos
- Trilho da Água e da Memória Territorial
- Trilho das Pastagens
- Trilho do Horizonte

Considerações Finais

ANEXOS 104
BIBLIOGRAFIA 137
CRÉDITOS DE IMAGEM 139

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Aldeia de Covide 1
Figura 2. Paisagem de Covide 7
Figura 3. Planta de localização de Covide 8
Figura 4. Planta Topográfica e de Ocupação do Solo em Covide 9
Figura 5. Evolução da Aldeia de Covide entre 2004 e 2024 10
Figura 6. Planta das Áreas de Aforados e Avistamento do Garrano 11
Figura 7. Evolução da população da aldeia de Covide 13
Figura 8. População de Covide por sexo e grupo etário 13
Figura 9. Distribuição percentual dos trabalhadores por grupo profissional 14
Figura 10. Estrutura Territorial de Covide 15
Figura 11. Núcleo Habitacional de Covide 16
Figura 12. Levantamento fotográfico da aldeia 17-18
Figura 13. Planta de Usos, Equipamentos e Serviços 19
Figura 14. Levantamento fotográfico dos Equipamentos e Serviços 21-22
Figura 15. Levantamento da materialidade da Aldeia 23
Figura 16. Materialidade Vernacular da Aldeia 24
Figura 17. Levantamento do Estado de Ocupação 25
Figura 18. Levantamento fotográfico de edifícios abandonados/ desocupados 27-28
Figura 19. Mapa de trilhos presentes em Covide 29
Figura 20. Garranos 33
Figura 21. O Garrano no centro de um sistema ecológico, produtivo e cultural 34
Figura 22. Diagrama de faseamento da estratégia 35
Figura 23. Garrano na Serra da Cabreira 37
Figura 24. Movimento Sazonal do Garrano 39-40
Figura 25. Mapa de recursos alimentares do Garrano em função do uso do solo em Covide- Zonas de Matos 42
Figura 26. Mapa de recursos alimentares do Garrano em função do uso de solos em Covide- Zonas Agrícolas 43
Figura 27. Mapa de recursos alimentares do Garrano em função do uso de solos em Covide- Zonas de Floresta 44
Figura 28. Esquema do Garrano como agente ecológico da paisagem 45-46
Figura 29. Aptidão do Garrano para domesticação e trabalho 47
Figura 30. Imagens do Garrano na década de 50 durante as Feiras Novas, em Ponte de Lima 48
Figura 31. Ciclo de Vida do Garrano 49-50
Figura 32. Mapa de criadores de Garranos no Norte de Portugal 51
Figura 33. Áreas de Coexistência entre Garrano e Lobo-Ibérico no Norte de Portugal 52
Figura 34. Centro Interpretativo do Garrano 55
Figura 35. Centro Interpretativo do Garrano antes da intervenção de 2022 57
Figura 36. Planta de Funcionalidades do Centro Interpretativo do Garrano 59
Figura 37. Fluxos existentes no Centro Interpretativo do Garrano 59

Figura 38. Levantamento fotográfico do Centro do Garrano 61
Figura 39a. Planta de Vermelhos e Amarelos do Centro do Garrano – Piso 0 63
Figura 39b. Planta de Vermelhos e Amarelos do Centro do Garrano – Piso -1 64
Figura 40a. Planta de Intervenção - Piso 0 63
Figura 40b. Planta de Intervenção – Piso -1 64
Figura 41. Secção AA' 66
Figura 42a. Secção BB' 66
Figura 42b. Secção BB' 66
Figura 42c. Secção BB' 65-66
Figura 43. Planta de ligação do Centro Interpretativo do Garrano ao centro da Aldeia de Covide 67
Figura 44. Terrenos Aforados envolventes de Covide 69
Figura 45. Esquema do Plano de Libertação 71
Figura 46. Garrano 73
Figura 47. Esquema do Ciclo Ecológico de Rewilding 74
Figura 48. Transformação da paisagem através de um Sistema de Libertação e Monitorização do Garrano 75
Figura 49. Trilho da Libertação 79-80
Figura 50. Trilho da Libertação – Aproximação dos Cercados 81-82
Figura 51. Ponto de Observação Elevado 83-84
Figura 52. Ponto de Observação Semi-Elevado 85-86
Figura 53. Ponto de Observação ao Nível do Solo 87-88
Figura 54. Ilustração do Ponto ao Nível do Solo – Pormenores Construtivos 89-90
Figura 55. Trilho da Água e da Memória Territorial 93-94
Figura 56. Trilho das Pastagens 95-96
Figura 57. Trilho do Horizonte 97-98
Figura 58. Garranos no seu Habitat Natural – Serra da Cabreira 99-100
Figura 59. Mapa da Caça e Pesca 106
Figura 60. Levantamento Fotográfico na ACERG 111
Figura 61. Levantamento Fotográfico de Garranos na Serra da Cabreira 112
Figura 62. Padrão da Raça Garrana 113-114
Figura 63. Hipsometria do Norte de Portugal e respetivas Zonas de Permanência do Garrano 115-116
Figura 64. Hipsometria de Terras de Bouro 117-118
Figura 65. Planta atual do Centro Interpretativo do Garrano - Piso 0 119-120
Figura 66. Planta atual do Centro Interpretativo do Garrano - Piso -1 121-122
Figura 67. Secções e Alçados atuais do Centro Interpretativo do Garrano 123-124
Figura 68. Planta de Vermelhos e Amarelos Centro Interpretativo do Garrano - Piso 0 125-126
Figura 69. Planta de Vermelhos e Amarelos Centro Interpretativo do Garrano - Piso -1 127-128
Figura 70. Planta de Intervenção do Centro Interpretativo do Garrano - Piso 0 129-130
Figura 71. Planta de Intervenção do Centro Interpretativo do Garrano - Piso -1 131-132
Figura 72. Secção Vermelhos e Amarelos e Secção de Intervenção do Centro Interpretativo do Garrano 133-134
Figura 73. Secções de Intervenção do Centro Interpretativo do Garrano 135-136



Fig. 1 Aldeia de Covide

INTRODUÇÃO

O conceito de decrescimento consolidou-se enquanto crítica ao paradigma económico baseado no crescimento contínuo da produção e do consumo, alertando para os limites ecológicos e para os impactos sociais e ambientais associados ao crescimento exponencial. Mais do que uma ideia de empobrecimento, o decrescimento propõe uma reorganização das prioridades sociais, valorizando a sustentabilidade, a equidade e a preservação dos recursos naturais.

No âmbito da unidade curricular de Atelier Integrado e posteriormente de Trabalho de Projeto, a presente investigação procura explorar estratégias territoriais alinhadas com os princípios do decrescimento, tomando a aldeia de Covide, localizada no concelho de Terras de Bouro, inserida no Parque Nacional Peneda-Gerês, um caso de estudo representativo das transformações que afetam os territórios rurais de montanha.

Este trabalho de projeto aborda a relação entre arquitetura, território e regeneração rural, tomando como elemento central o Garrano, raça equina autóctone historicamente associada às práticas agro-pastoris e à gestão da paisagem desta região. A investigação procura compreender de que forma a arquitetura pode contribuir para a regeneração ecológica, cultural e social de Covide, através da reativação das relações entre comunidade, paisagem e sistema produtivo.

Nas últimas décadas, os territórios rurais de montanha têm vindo a enfrentar profundas transformações socioeconómicas, marcadas pelo despovoamento, envelhecimento demográfico, abandono das práticas agrícolas tradicionais e retração funcional dos núcleos habitacionais. Em Covide, estas dinâmicas refletem-se na degradação do edificado vernacular, no encerramento de equipamentos de proximidade e no enfraquecimento das relações entre população, paisagem e práticas produtivas. Paralelamente, a crescente aposta no turismo de natureza tende a posicionar a aldeia sobretudo como um ponto de passagem associado ao consumo rápido da paisagem do Gerês, frequentemente dissociado das dinâmicas locais. Esta realidade torna-se particularmente evidente no caso do Garrano. Apesar da forte presença simbólica do animal nas narrativas turísticas associadas ao Gerês, verifica-se simultaneamente o encerramento do Centro Interpretativo do Garrano e a progressiva perda de funcionalidade da raça no território.

Neste contexto, o declínio do Garrano ultrapassa a dimensão da conservação animal, refletindo uma transformação mais ampla das relações entre comunidade, território e paisagem. Perante esta realidade, coloca-se a questão central da investigação: de que forma a arquitetura e a reativação do Garrano enquanto infraestrutura territorial podem contribuir para a regeneração ecológica, cultural e social da aldeia de Covide?

A presente investigação tem como principal objetivo desenvolver uma estratégia de intervenção territorial e arquitetónica capaz de contribuir para a regeneração da aldeia de Covide através da valorização do Garrano enquanto elemento estruturante da paisagem, biodiversidade e identidade local. Assim, pretende-se:

- Compreender as transformações territoriais e funcionais ocorridas na aldeia;

- Analisar o papel histórico, ecológico e cultural do Garrano;

- Investigar as potencialidades dos terrenos aforados e das estruturas existentes;

- Reativar o Centro Interpretativo do Garrano através da introdução de funções comunitárias, educativas e operativas relacionadas com a criação e monitorização da raça

- Desenvolver uma proposta arquitetónica assente na reabilitação do edificado existente, reutilização de materiais;

- Promover a criação de percursos e estruturas de apoio associadas à observação e interpretação da paisagem;

- Explorar um modelo de turismo de natureza à pequena escala compatível com os princípios de decrescimento e da sustentabilidade territorial.

A metodologia adotada assenta numa abordagem multidisciplinar que articula investigação teórica, análise territorial e desenvolvimento projetual. Inicialmente, procedeu-se à revisão bibliográfica sobre decrescimento, despovoamento rural, regeneração territorial e sistemas agro-pastoris de montanha, bem como sobre as características ecológicas e comportamentais do Garrano. Paralelamente, realizou-se uma análise territorial da aldeia de Covide através de observação direta, levantamento fotográfico, análise cartográfica e interpretação das dinâmicas sociais, funcionais e paisagísticas do território.

A partir desta leitura territorial e das especificidades ecológicas do Garrano, foi desenvolvida uma estratégia de intervenção centrada na reativação do Centro Interpretativo do Garrano enquanto infraestrutura territorial ativa. O processo projetual privilegia a reutilização do edificado existente, a integração de sistemas de apoio ao maneio e monitorização da raça e a articulação com os terrenos aforados e os percursos territoriais associados ao pastoreio e observação da paisagem.

O trabalho organiza-se em diferentes momentos de investigação e desenvolvimento projetual. Numa primeira fase, é realizada uma análise da aldeia de Covide e das transformações territoriais associadas ao despovoamento, abandono das práticas agro-pastoris e retração funcional do território. Posteriormente, é apresentada a estratégia de intervenção estruturada a partir da valorização do Garrano enquanto elemento ecológico, cultural e territorial. Numa fase seguinte, desenvolve-se o estudo do Garrano no seu habitat natural, procurando compreender os seus comportamentos, movimentos sazonais e relação com a paisagem de montanha, fundamentais para a definição da proposta projetual. Por fim, apresenta-se o desenvolvimento do projeto, centrado na reativação do Centro Interpretativo do Garrano e na sua articulação com os cercados de adaptação, os terrenos aforados, os pontos de observação e a rede de trilhos territoriais associados à observação do Garrano e à experiência da paisagem. As considerações finais sintetizam as principais reflexões desenvolvidas ao longo da investigação, discutindo o papel da arquitetura enquanto ferramenta de regeneração territorial, ecológica e comunitária.

CAPÍTULO I

COVIDE



Fig. 2- Paisagem de Covide

A ALDEIA

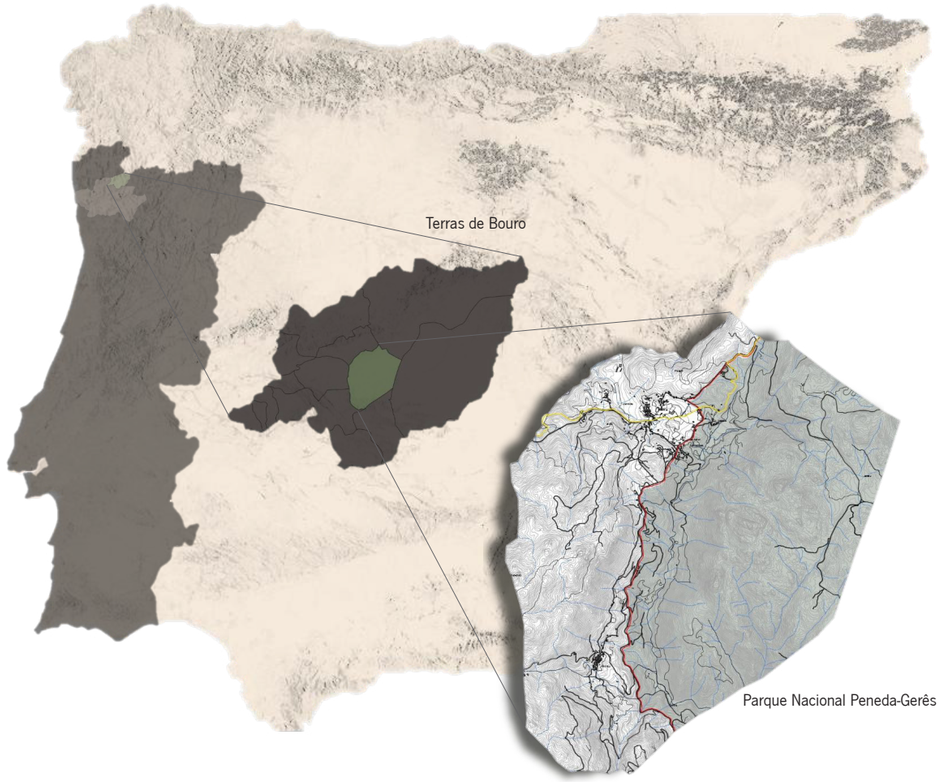


Fig. 3- Planta de localização de Covide

A aldeia de Covide (fig. 3), situada no Norte de Portugal, no concelho de Terras de Bouro, configura-se como um aglomerado rural de matriz minhota, com uma área aproximada de 1809 hectares. Insere-se no contexto singular do Parque Nacional da Peneda-Gerês, caracterizado por uma forte relação entre sistemas naturais e práticas humanas tradicionais.[II]

Este território de montanha, marcado por uma topografia acidentada, uma densa cobertura florestal e extensas áreas de terrenos aforados, estrutura-se segundo uma lógica de equilíbrio entre a exploração e a regeneração dos recursos.[III] A paisagem resulta, assim, de uma construção histórica onde a ação humana, longe de ser intrusiva, se integra num sistema ecológico mais amplo.

II Câmara Municipal de Terras de Bouro. (s.d.). Covide. Câmara Municipal de Terras de Bouro. Consultado em 13 de outubro de 2025, em https://www.cm-terrasdebouro.pt/municipio/freguesias/covide

III Câmara Municipal de Terras de Bouro. (1995). Plano Diretor Municipal de Terras de Bouro. Diário da República. Consultado em 17 de outubro de 2025, em https://www.cm-terrasdebouro.pt/servicos/urbanismo-e-ordenamento-do-territorio/pdm-online

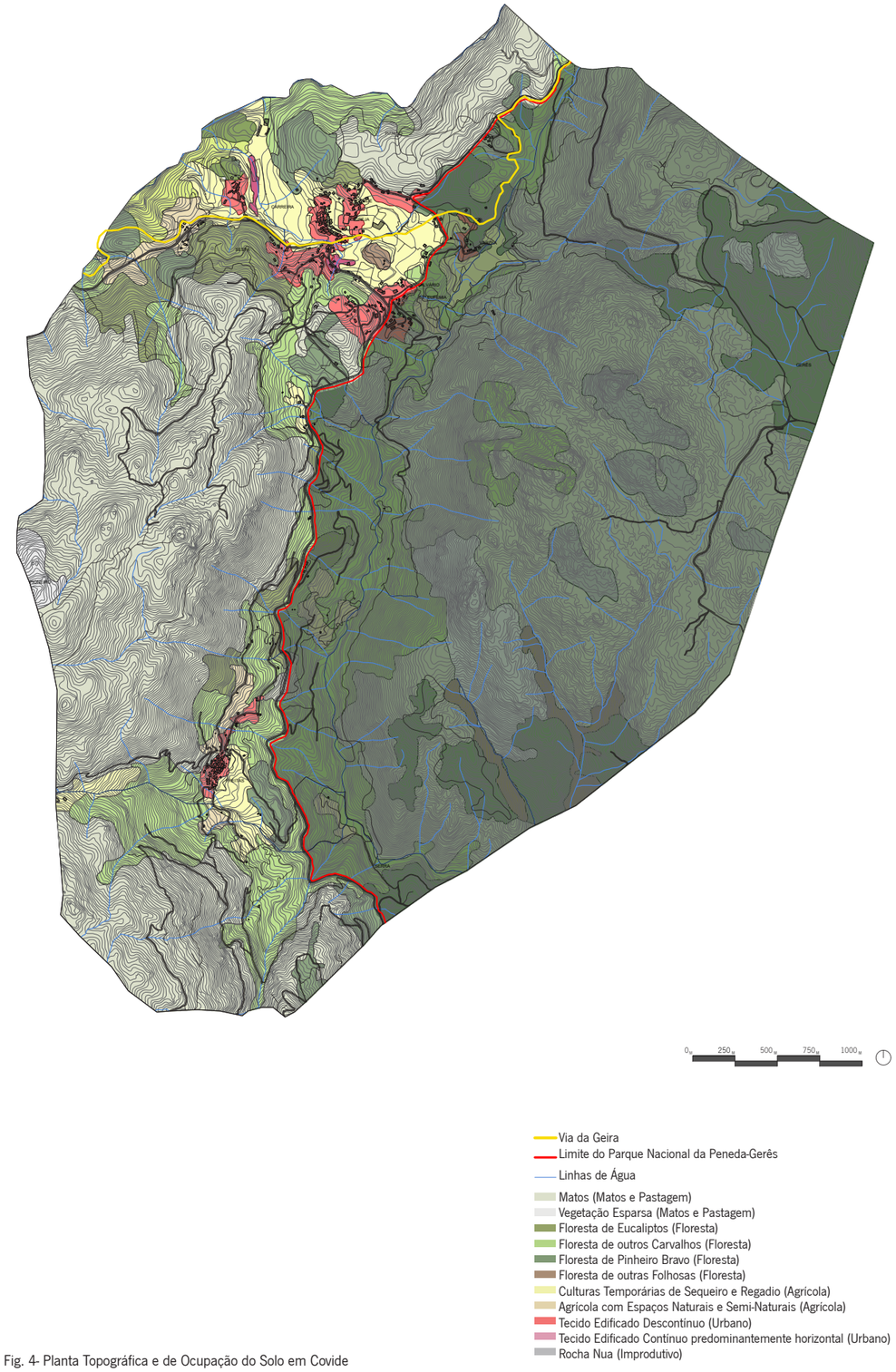


Fig. 4- Planta Topográfica e de Ocupação do Solo em Covide

A formação da aldeia de Covide está intimamente ligada a estas condições territoriais. A ocupação do solo (fig. 4) organizou-se em função da proximidade a recursos hídricos, áreas agrícolas e zonas de pastoreio, estabelecendo uma relação direta entre o assentamento humano e a paisagem produtiva. Atualmente, essa paisagem é dominada por formações vegetais e florestais, com extensas áreas de matos e florestas compostas por carvalhos, eucaliptos e pinheiros-bravos, enquanto as áreas agrícolas surgem de forma fragmentada, acompanhando as linhas de água e os solos de maior fertilidade.[IV] A composição florística integra espécies autóctones e ornamentais, coexistindo com árvores de fruto, refletindo a herança da policultura de subsistência que historicamente estruturou o território, embora hoje com expressão significativamente reduzida.

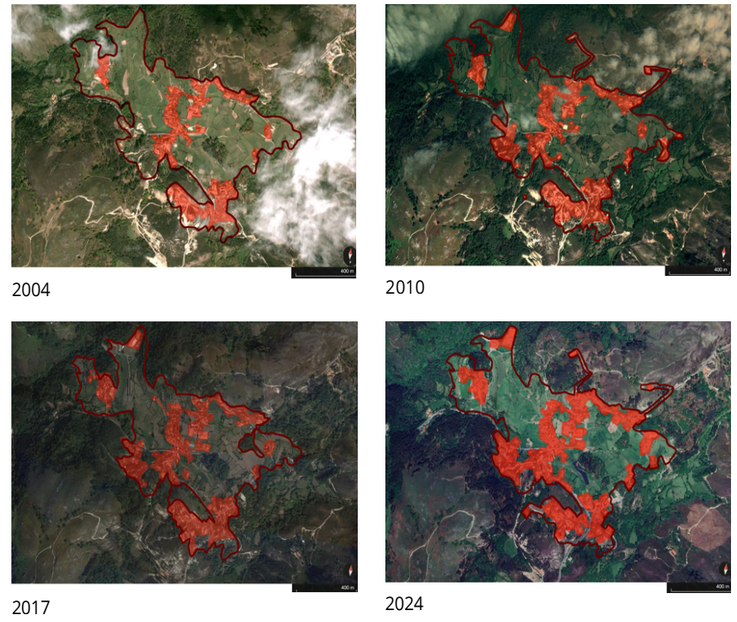


Fig. 5- Evolução da Aldeia de Covide entre 2004 e 2024

Nas últimas décadas, este modelo tem vindo a sofrer transformações significativas. Entre 2004 e 2024 (fig. 5), verificou-se uma expansão progressiva do núcleo edificado, acompanhada por uma reorganização das áreas agrícolas, marcada pela concentração e redefinição dos espaços produtivos. Estas dinâmicas refletem, simultaneamente, processos de modernização e o abandono gradual de práticas agrícolas tradicionais, contribuindo para a alteração da estrutura territorial.

IV Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas. (s.d.). GeoCatálogo ICNF. Consultado em 11 de novembro de 2025, em https://geocatalogo.icnf.pt/websig/

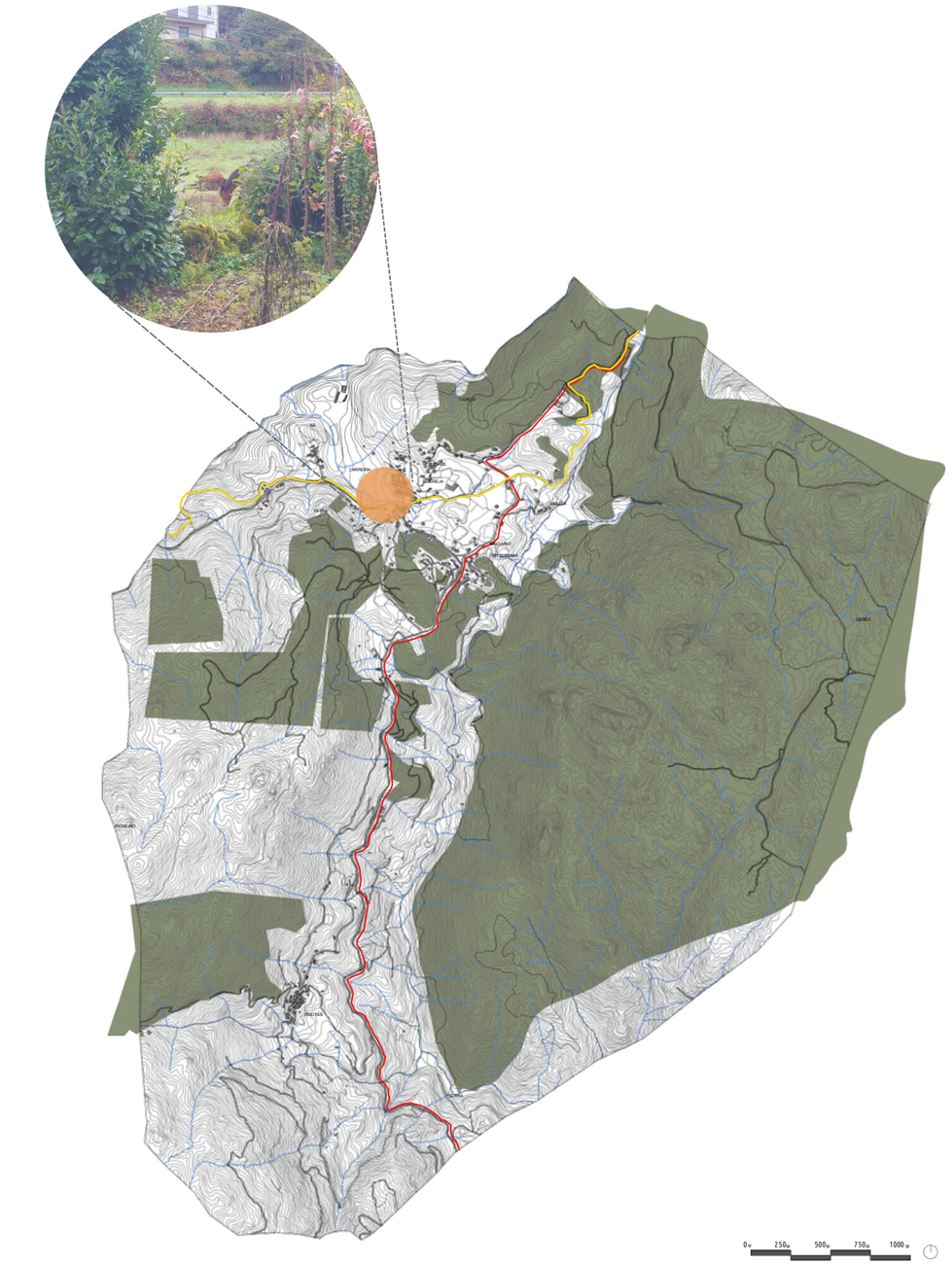


Fig. 6- Planta das Áreas de Aforados e avistamento do Garrano

Apesar dos terrenos aforados (fig. 6) manterem uma expressão territorial significativa — ocupando aproximadamente 1500 hectares e sendo geridos por uma comissão local composta por cerca de 11 elementos — a sua exploração florestal tem vindo a diminuir progressivamente ao longo das últimas décadas. Historicamente associados às práticas agro-pastoris e à gestão comunitária da montanha, estes terrenos desempenhavam um papel fundamental na organização produtiva e ecológica do território.

Contudo, o envelhecimento da população e o progressivo desinteresse das gerações mais jovens pelo setor primário contribuíram para a redução da sua utilização e gestão ativa. Esta realidade evidencia a perda de centralidade das atividades agro-pastoris enquanto estruturas organizadoras do território e traduz uma transformação profunda nas dinâmicas económicas e sociais de Covide.

Neste contexto, o Garrano assumia um papel estruturante nas dinâmicas territoriais de Covide. Mais do que um simples animal, integrava-se nas práticas produtivas e sociais da aldeia, sendo utilizado no trabalho agrícola, na mobilidade e na gestão dos terrenos comunitários. A sua presença contribuía para a manutenção dos ecossistemas, nomeadamente através do controlo da vegetação e da prevenção de incêndios, reforçando a interdependência entre práticas humanas e processos naturais.[V]

Face ao exposto, o progressivo abandono da agricultura tradicional e o enfraquecimento das práticas comunitárias conduziram à perda de funcionalidade do próprio Garrano nas dinâmicas locais. À medida que o território deixava de ser trabalhado e habitado de forma contínua, o animal entrou igualmente em declínio.[VI] Paradoxalmente, é neste território marcado pelo despovoamento e pela presença de extensas áreas naturais que o Garrano continua a encontrar as condições ecológicas mais favoráveis à sua sobrevivência, evidenciando a transformação das relações entre comunidade, território e sistema produtivo.

V Associação Portuguesa de Dressage e Alta Escola Equestre. (s.d.). Catálogo da exposição Garrano (pp. 4–7). Consultado em 22 de dezembro de 2025, em https://equitationportugaise.com/wp-content/uploads/2.Cata%CC%81logoEbook_Exposic%CC%A7a%CC%83o_Garrano-ilovepdf-compressed-ilovepdf-compressed.pdf

VI ATAHCA – Associação de Desenvolvimento das Terras Altas do Homem, Cávado e Ave. (2012). I Congresso Internacional do Garrano: candidatura a património nacional – Livro de atas (pp. 39–40). ATAHCA. Consultado em 22 de dezembro de 2025, em http://garrano.ipvc.pt/files/livro_atas.pdf

DESPOVOAMENTO E ABANDONO

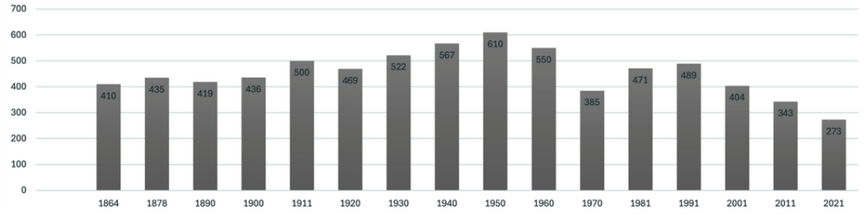


Fig. 7- Evolução da população da aldeia de Covide

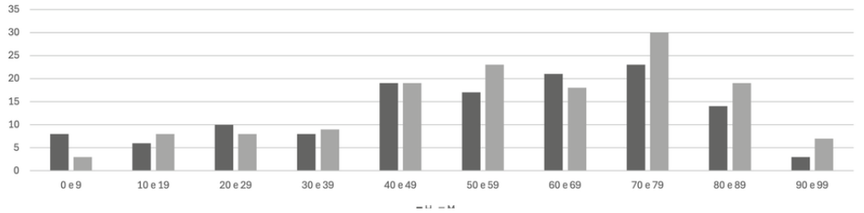


Fig. 8- População de Covide por sexo e grupo etário

As transformações socioeconómicas, impulsionadas pela industrialização e pela migração para os centros urbanos, conduziram a um acentuado processo de despovoamento e envelhecimento demográfico. De acordo com os dados dos Censos de 2021 (fig.7 e 8), a freguesia de Covide possui 273 habitantes, correspondendo a aproximadamente 2% da população do concelho de Terras de Bouro, evidenciando a tendência de declínio populacional característica dos territórios rurais do interior.[VII] A diminuição da população ativa resultou no abandono progressivo das práticas agro-pastoris tradicionais, provocando a fragmentação do território e o enfraquecimento dos sistemas comunitários de gestão, anteriormente fundamentais na organização e manutenção da paisagem rural.

VII Instituto Nacional de Estatística. (2021). **Censos 2021**. Consultado em 20 de novembro de 2025, em https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_populacao&xpid=CENSOS21

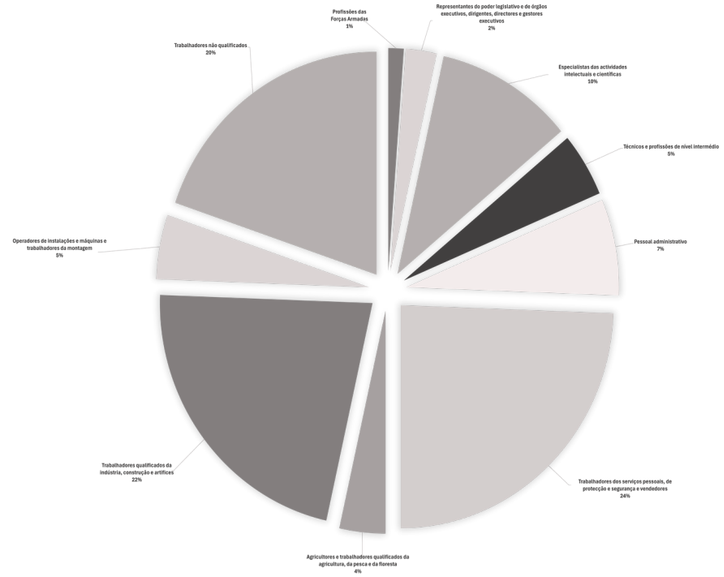


Fig. 9- Distribuição percentual dos trabalhadores por grupo profissional

Atualmente, a dinâmica socioeconómica da aldeia assenta na coexistência entre atividades tradicionais, como a agricultura de subsistência, a pecuária e o artesanato, e setores associados ao comércio e ao turismo rural (fig.9).[VIII] Contudo, verifica-se um movimento pendular significativo, em que parte da população ativa se desloca regularmente para centros urbanos como Terras de Bouro e Braga, quer por motivos laborais, quer para acesso a serviços, equipamentos e oportunidades educativas.[IX]

Paralelamente, a progressiva desvinculação entre a população e o território contribuiu para o desaparecimento de saberes e práticas ancestrais. O Garrano, outrora elemento central da vida rural, entrou em declínio, aproximando-se de uma situação de risco. A perda deste animal representa não apenas uma diminuição da biodiversidade, mas também a erosão de uma dimensão simbólica e cultural profundamente enraizada na identidade local.

VIII Câmara Municipal de Terras de Bouro. (s.d.). **Covide**. Câmara Municipal de Terras de Bouro. Consultado em 13 de outubro de 2025, em https://www.cm-terrasdebouro.pt/municipio/freguesias/covide

IX Instituto Nacional de Estatística. (2021). **Censos 2021**. Consultado em 20 de novembro de 2025, em https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_populacao&xpid=CENSOS21

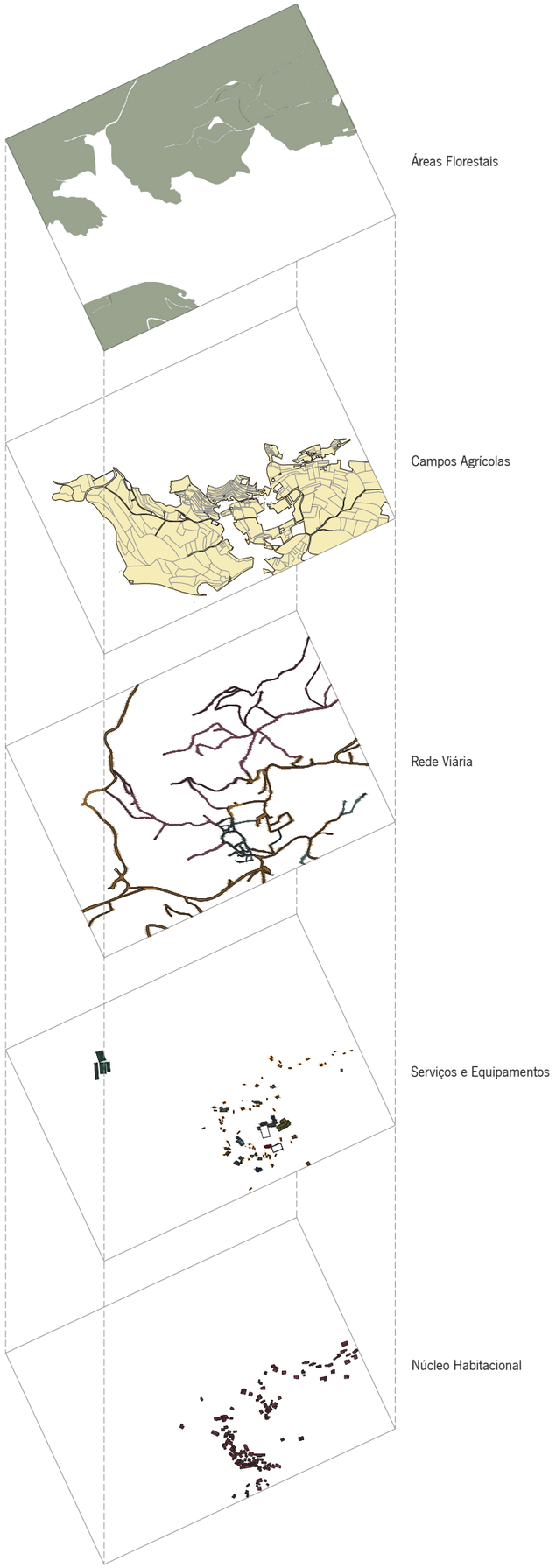


Fig. 10- Estrutura Territorial de Covide

FRAGILIDADE FUNCIONAL E TRANSFORMAÇÃO TERRITORIAL



Fig. 11- Núcleo habitacional de Covide

A composição territorial de Covide (fig. 10) configura-se como um exemplo representativo da ruralidade minhota, caracterizada pela compactação do núcleo habitacional, pela fragmentação da propriedade agrícola e pela forte relação entre assentamento humano e paisagem produtiva. A aldeia estrutura-se a partir de um núcleo consolidado de habitação tradicional, marcado pela presença da igreja e por um conjunto de construções em granito que refletem a matriz vernacular local (fig. 11). O tecido edificado organiza-se de forma compacta ao longo dos principais percursos, estabelecendo uma relação de proximidade entre habitação, espaços comunitários e estruturas de apoio agrícola. Em torno deste núcleo, desenvolvem-se numerosas parcelas agrícolas de pequena dimensão (fig. 12), delimitadas pela topografia, pelas linhas de água e pelos muros de pedra, evidenciando a herança de uma lógica de policultura e exploração familiar do solo. Para além das áreas cultivadas, a aldeia encontra-se envolvida por extensas zonas florestais e de matos, que estabelecem uma transição gradual entre o espaço habitado e a paisagem natural envolvente, reforçando a relação histórica entre comunidade, produção agrícola e território de montanha.





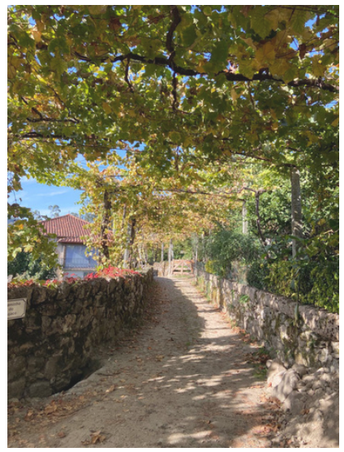









Fig. 12- Levantamento Fotográfico da Aldeia



Fig. 13- Planta de Usos, Equipamentos e Serviços

O território de Covide conserva um conjunto significativo de estruturas e equipamentos associados à preservação da identidade local e à valorização do património cultural (fig. 13 e 14). Destaca-se o Centro Interpretativo do Garrano, concebido como espaço de divulgação e salvaguarda desta raça autóctone do Noroeste Peninsular, historicamente ligada às práticas agrícolas, à mobilidade e à gestão do território. Paralelamente, a Fundação Calcedónia assume um papel relevante na valorização do património arqueológico e na recuperação de saberes tradicionais associados ao artesanato e à produção de linho. A Casa do Latim e do Catalão constitui igualmente um testemunho da memória cultural e educativa da aldeia, refletindo a permanência de elementos identitários profundamente enraizados no território.[X]

Contudo, a presença destes equipamentos contrasta com um processo progressivo de retração funcional da aldeia. O encerramento de infraestruturas de proximidade, como a escola primária, o posto de saúde e o campo desportivo, evidencia uma perda gradual de serviços essenciais e uma diminuição da capacidade de resposta às necessidades da população residente. A estrutura funcional atualmente existente concentra-se sobretudo em equipamentos de apoio social, estruturas administrativas e estabelecimentos ligados ao comércio e ao turismo rural, revelando uma crescente especialização económica associada ao setor turístico.

Paralelamente, o declínio de atividades tradicionalmente ligadas à utilização direta do território, como a agricultura, a caça e a pesca (Anexo 1), reflete uma transformação mais ampla das formas de relação entre comunidade e paisagem. A redução da atividade cinegética e piscatória evidencia não apenas alterações nas práticas económicas locais, mas também o enfraquecimento de dinâmicas comunitárias historicamente associadas à exploração e gestão dos recursos naturais.[XI]

X Câmara Municipal de Terras de Bouro. (s.d.). Covide. Câmara Municipal de Terras de Bouro. Consultado em 13 de outubro de 2025, em https://www.cm-terrasdebouro.pt/municipio/freguesias/covide

XI Câmara Municipal de Terras de Bouro. (s.d.). Covide. Câmara Municipal de Terras de Bouro. Consultado em 13 de outubro de 2025, em https://www.cm-terrasdebouro.pt/municipio/freguesias/covide



Centro Interpretativo do Garrano



Igreja



Centro Social e Lar



Escola Primária

Fig. 14- Levantamento fotográfico dos Equipamentos e Serviços



Espigueiro



Casa do Latim



Casa do Latim



Alojamento Local - Casa da Venda



Armazém



Alojamento Local - Casa d'Avó Lina - Gerês



Fig. 15- Levantamento da Materialidade da Aldeia



Fig. 16- Materialidade Vernacular da Aldeia

A presença de estruturas agrícolas tradicionais, como espigueiros, cortes e armazéns, reforça a permanência material da matriz rural minhota, embora muitas destas construções se encontrem atualmente desativadas ou desvinculadas das práticas que originalmente lhes davam sentido. Também ao nível da materialidade (fig. 15 e 16) se verifica uma condição híbrida, onde o granito e os elementos vernaculares coexistem com soluções construtivas contemporâneas e materiais industriais, refletindo processos de transformação e adaptação funcional do território.

A malha construída, originalmente compacta e adaptada às condições topográficas e climáticas, evidencia atualmente algumas situações de degradação e subutilização, particularmente visíveis no núcleo histórico. Ainda assim, o edificado vernacular mantém uma forte presença na estrutura da aldeia, conservando características construtivas e espaciais profundamente associadas à identidade local.

Assim, o território de Covide revela um conjunto de transformações associadas ao despovoamento, retração funcional e alteração das práticas tradicionais, refletindo mudanças mais amplas nas relações entre comunidade, território e sistema produtivo.

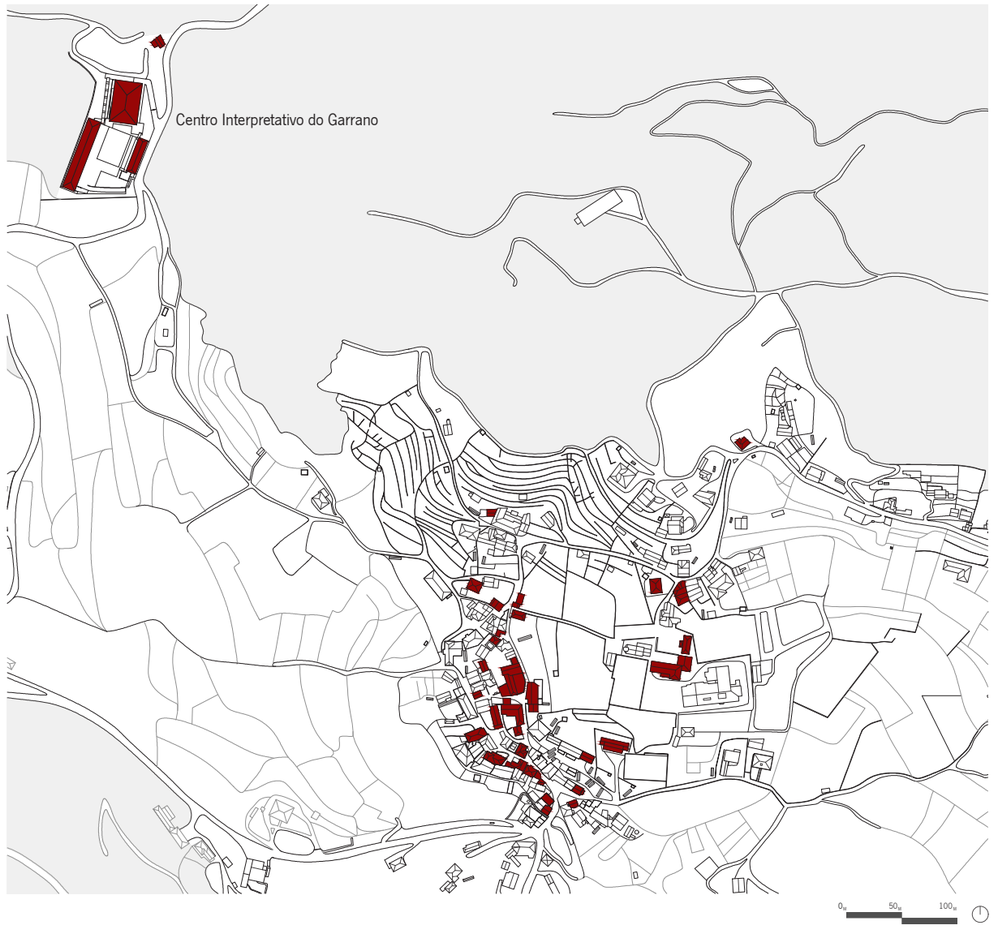


Fig. 17- Levantamento do Estado de Ocupação

ENTRE A NARRATIVA OFICIAL E A REALIDADE LOCAL

Uma análise funcional de Covide revela um contraste acentuado entre a promoção institucional do território e a realidade observada localmente.[XII] Embora as plataformas oficiais apresentem a aldeia como um polo dinâmico associado ao turismo de natureza e à valorização patrimonial, a observação direta evidencia um processo de obsolescência e abandono (fig. 17 e 18), particularmente visível no centro histórico.

Esta discrepância manifesta-se na degradação progressiva do edificado tradicional e na substituição gradual das dinâmicas rurais por uma lógica de especialização turística. O encerramento de equipamentos fundamentais, como a escola primária, o posto de saúde e o próprio Centro Interpretativo do Garrano, contradiz a imagem de vitalidade promovida institucionalmente e evidencia uma retração funcional que compromete a coesão territorial da aldeia.

Contudo, a maior evidência desta desarticulação entre a narrativa oficial e a realidade local não reside apenas na pedra, mas no património vivo. A lacuna entre a promoção turística e a vivência do território atinge o seu expoente máximo quando se aborda o Garrano. Embora as plataformas digitais do município e os roteiros regionais utilizem a imagem deste cavalo autóctone e do seu Centro Interpretativo como pilar de vitalidade e atração, o cenário encontrado no terreno é de uma profunda inoperância. O Centro Interpretativo, visto como símbolo de promessa de valorização, permanece encerrado, enquanto o animal, outrora motor da economia rural de Covide, é hoje um figurante silencioso num território que parece ter esquecido a sua função estruturante.

XII Câmara Municipal de Terras de Bouro. (s.d.). Covide. Câmara Municipal de Terras de Bouro. Consultado em 13 de outubro de 2025, em https://www.cm-terrasdebouro.pt/municipio/freguesias/covide









Fig. 18- Levantamento fotográfico de edifícios abandonados/desocupados















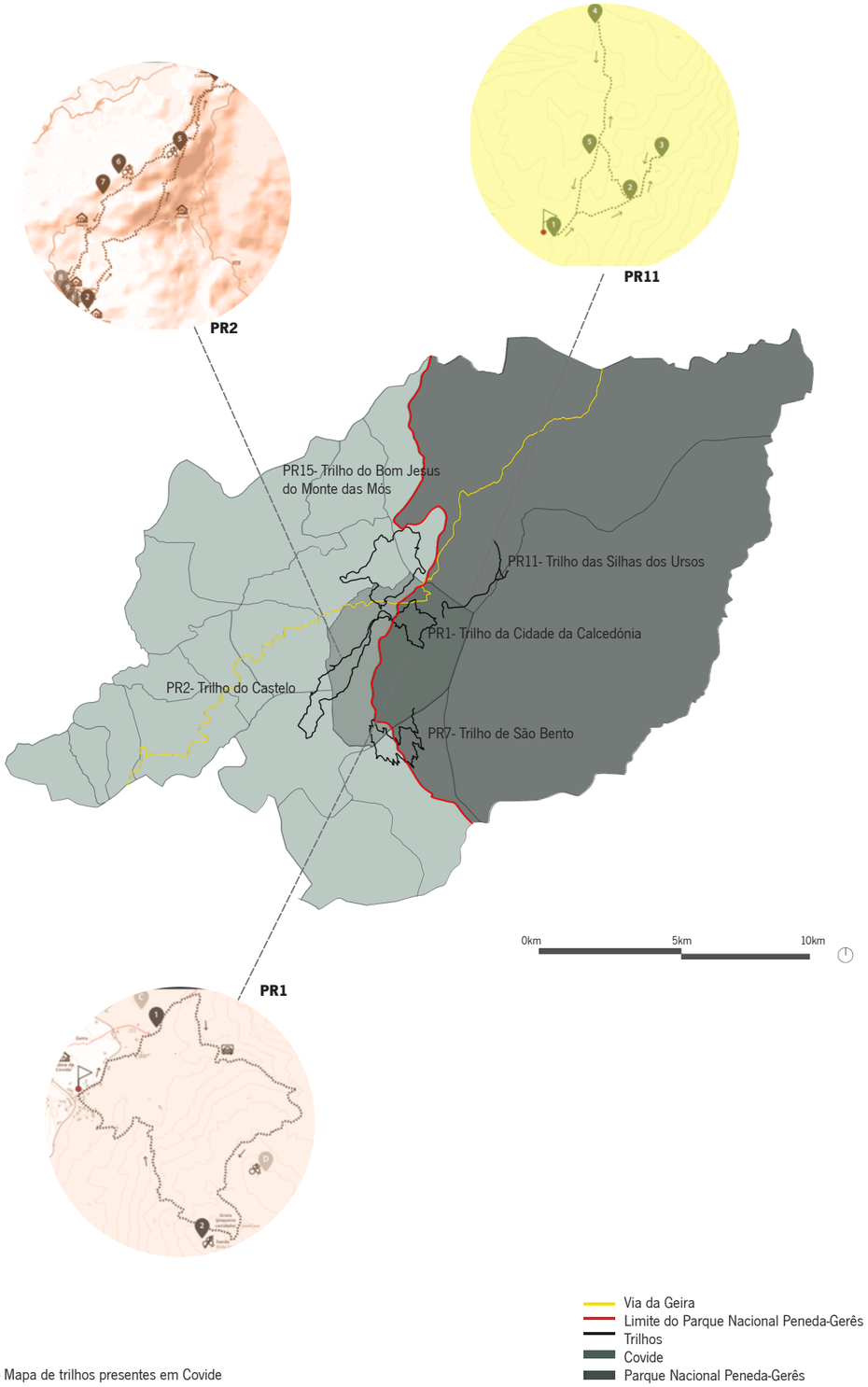


Fig. 19- Mapa de trilhos presentes em Covide

Atualmente, para tentar colmatar estas disfunções, o município tem apostado no turismo, explorando a proximidade ao Parque Nacional da Peneda-Gerês e valorizando os recursos naturais, paisagísticos e patrimoniais existentes no território. Neste contexto, a rede de trilhos (fig. 19) assume particular relevância enquanto elemento estruturante da estratégia de atração turística.[XIII] [XIV] A aldeia é atravessada por percursos que estabelecem ligação ao Parque Nacional da Peneda-Gerês e às localidades limítrofes, integrando igualmente a Via da Geira. Esta antiga calçada romana, que ligava Bracara Augusta a Asturica Augusta, configura-se como um dos itinerários romanos mais bem preservados da Península Ibérica, conservando marcos miliários e evidências da sua utilização histórica por legiões e peregrinos de Santiago de Compostela.[XV] Em Covide, subsistem ainda troços originais e vestígios significativos da estrutura viária romana, conferindo ao local um elevado valor arqueológico e patrimonial.

Contudo, a crescente aposta nos percursos turísticos e na proximidade ao Parque Nacional tende a posicionar Covide sobretudo como um ponto de passagem para outros destinos de maior notoriedade dentro do Gerês, em vez de valorizar plenamente as especificidades da própria aldeia e da sua paisagem cultural. Embora os trilhos contribuam para aumentar a circulação de visitantes, esta lógica de atravessamento territorial acaba frequentemente por reduzir o contacto com as dinâmicas locais, privilegiando uma experiência de consumo rápido da paisagem natural em detrimento da permanência, da vivência comunitária e do reconhecimento dos sistemas produtivos e culturais que historicamente estruturaram o território.

XIII Câmara Municipal de Terras de Bouro. (s.d.). Trilhos pedestres. Consultado em 16 de março de 2026, em https://turismo.cm-terrasdebouro.pt/listings/?search_keywords=trilhos&submit=&filter_job_type%5B%5D=

XIV Câmara Municipal de Terras de Bouro. (2021). Guia 2021: Trilhos pedestres na senda de Miguel Torga. Consultado em 16 de março de 2026, em https://turismo.cm-terrasdebouro.pt/wp-content/uploads/docs/Guia-2021-Trilhos-Pedestres-na-Senda-de-Miguel-Torga.pdf

XV Câmara Municipal de Terras de Bouro. (s.d.). Via XVIII / Geira. Consultado em 24 de outubro de 2025, em https://turismo.cm-terrasdebouro.pt/listings/via-xviii-geira/

CAPÍTULO II

O GARRANO COMO DINAMIZADOR TERRITORIAL E CULTURAL



Fig. 20- Garranos

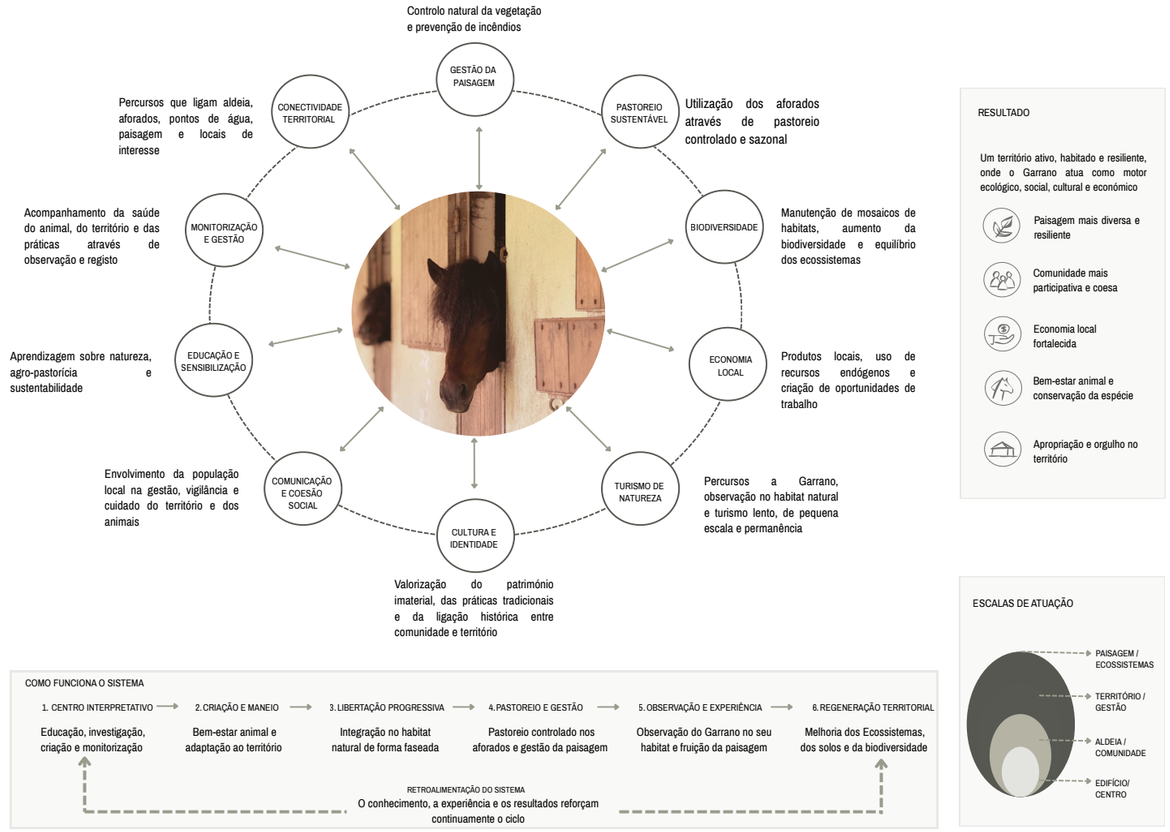


Fig. 21- O Garrano no centro de um sistema ecológico, produtivo e cultural

Perante este contexto, a estratégia de intervenção propõe uma abordagem integrada, assente nos princípios do decrescimento, da sustentabilidade e da valorização dos recursos locais. Em vez de introduzir modelos exógenos de desenvolvimento, procura-se reativar as lógicas intrínsecas do território, reconhecendo o seu potencial enquanto sistema ecológico, produtivo e cultural.

Neste sentido, o Garrano é reinterpretado como uma verdadeira infraestrutura territorial (fig. 21). A sua reintrodução e valorização não se limitam à conservação da espécie, mas assumem um papel ativo na regeneração da paisagem e na reativação das práticas agro-pastoris. Propõe-se, assim, a implementação de um sistema articulado de **criação**, **monitorização** e **libertação progressiva** dos animais no seu habitat natural, permitindo reconstruir relações ecológicas e produtivas historicamente associadas ao território de Covide.

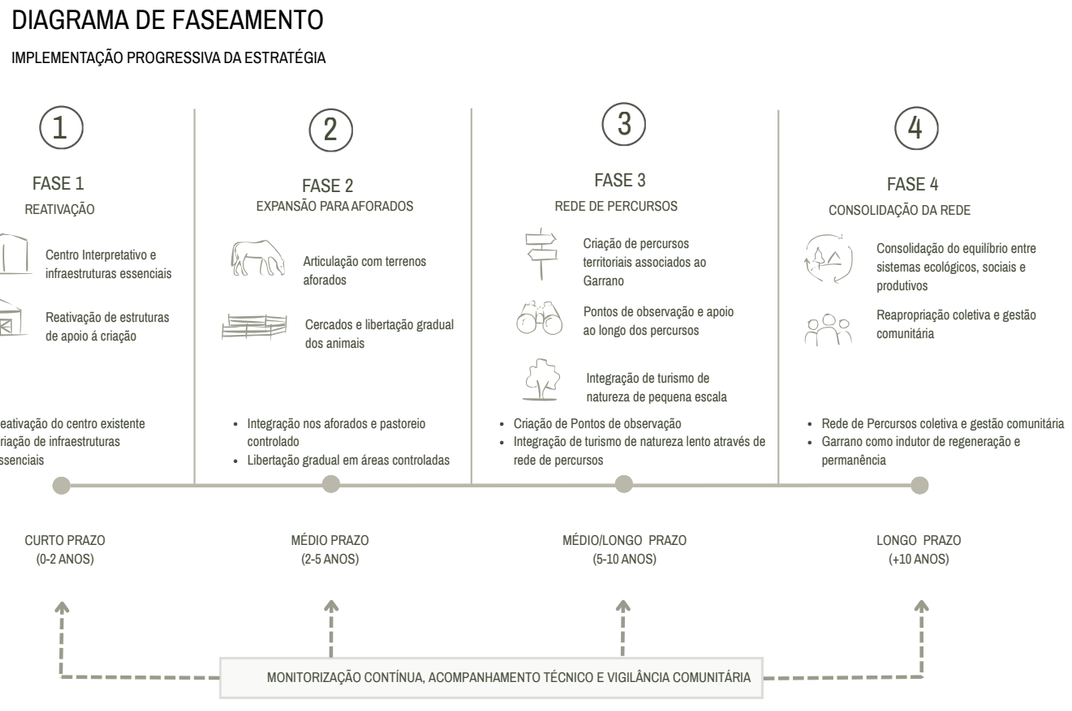


Fig. 22- Diagrama de faseamento da estratégia

O Centro Interpretativo do Garrano assume-se como elemento estruturante desta estratégia, deixando de funcionar apenas como equipamento expositivo para passar a integrar funções comunitárias, educativas e operativas de apoio ao território. Propõe-se a reativação do complexo enquanto espaço de acolhimento, sensibilização ambiental, monitorização e apoio à criação destes animais.

O programa prevê espaços dedicados ao Garrano e à paisagem de Covide, articulados com áreas de apoio ao maneio e acompanhamento da raça, incluindo manga, apoio veterinário e espaços técnicos. Paralelamente, propõe-se a transformação do picadeiro num espaço multiusos com cozinhas comunitárias, permitindo reforçar a utilização do equipamento pela população local ao longo do ano.

Do ponto de vista arquitetónico, privilegia-se a reabilitação do edificado existente, promovendo a reutilização de estruturas e materiais provenientes de demolições pontuais. As novas construções são concebidas como extensões do tecido existente, reinterpretando a arquitetura vernacular através de soluções contemporâneas e de baixo impacto ambiental.

A estratégia (fig. 22) estende-se para além do centro através da articulação com os sistemas tradicionais de gestão da terra, nomeadamente os terrenos aforados. Prevê-se a reativação destes terrenos como suporte ao pastoreio controlado e à circulação sazonal dos Garranos, tendo igualmente em consideração a observação direta do território e o contacto com práticas de criação desenvolvidas pela Associação de Criadores de Equinos da Raça Garrana (ACERG) na Serra da Cabreira (Anexo 2).

Prevê-se igualmente um sistema de acompanhamento técnico e vigilância comunitária, promovendo uma reapropriação coletiva do território.

É também nos terrenos aforados que serão implementados cercados destinados à libertação gradual dos animais criados no centro para o seu habitat natural. Paralelamente, a proposta procura reativar a relação entre aldeia, paisagem e sistema produtivo através da criação de percursos territoriais associados ao Garrano, articulando o Centro Interpretativo, os aforados, as zonas de pastoreio e diferentes áreas naturais de Covide. Mais do que infraestruturas turísticas convencionais, estes trilhos assumem-se como dispositivos de interpretação territorial, permitindo compreender a relação entre o animal, a paisagem e as práticas produtivas da aldeia.

Ao longo dos percursos prevê-se ainda a implementação de pontos de observação e apoio integrados na paisagem, destinados à permanência das pessoas e ao descanso dos animais durante os trajetos. Estas estruturas procuram incentivar formas de observação mais próximas das dinâmicas ecológicas e do habitat natural do Garrano.

Neste contexto, o turismo de natureza assume um papel complementar, privilegiando uma abordagem de pequena escala compatível com os princípios do decrescimento e com a capacidade de suporte do território, promovendo formas de permanência mais lentas e conscientes associadas à observação, aprendizagem e contacto direto com as dinâmicas locais.

Finalmente, propõe-se uma implementação faseada da intervenção. Numa primeira fase prevê-se a reativação do Centro Interpretativo e das infraestruturas de apoio à criação, posteriormente, a intervenção expande-se para os terrenos aforados e para a rede de percursos territoriais, integrando progressivamente zonas de pastoreio, sistemas de semiliberdade e pontos de observação ao longo dos trilhos. Numa fase final, pretende-se consolidar um equilíbrio entre sistemas ecológicos, sociais e produtivos, garantindo a sustentabilidade da proposta a longo prazo.

Desta forma, a intervenção não procura apenas responder ao declínio funcional da aldeia, mas reativar relações históricas entre comunidade, território e sistema produtivo, utilizando o Garrano como elemento estruturante de um processo mais amplo de regeneração territorial.

Dada a importância do Garrano na estratégia de intervenção, procede-se à análise das suas especificidades ecológicas, comportamentais e territoriais, fundamentais para o desenvolvimento da proposta projetual.



Fig. 23- Garrano na Serra da Cabreira

CARACTERIZAÇÃO DO GARRANO NO SEU HABITAT

O Garrano é um pequeno cavalo autóctone das terras altas do Norte de Portugal, constituindo, juntamente com as raças Lusitana e Sorraia, uma das três raças equinas nativas do país (Anexo 3). Historicamente associado às comunidades rurais de montanha, desenvolveu-se em estreita relação com os ecossistemas do Noroeste Peninsular, assumindo um papel relevante nas práticas agro-pastoris, na mobilidade e na gestão do território.

A presença do Garrano encontra-se sobretudo associada à Serra da Cabreira (fig. 23) e ao Parque Nacional da Peneda-Gerês[XVI], integrando-se Covide num território particularmente favorável à permanência da raça, tanto pela proximidade às áreas de pastoreio e aos terrenos aforados, como pelas condições ecológicas adequadas à sua sobrevivência. Estes animais estabelecem-se preferencialmente em zonas de meia encosta e de montanha, geralmente acima dos 500 metros de altitude. [XVII]

A adaptação a condições adversas conferiu ao Garrano uma elevada resistência física e uma notável capacidade de subsistência em ecossistemas marcados pela escassez de recursos. [XVIII] Neste contexto, o animal desempenha um papel ecológico importante na gestão da biomassa vegetal, na manutenção das áreas abertas e na prevenção de incêndios florestais.

A mobilidade do Garrano (fig. 24 e Anexo 4) é marcada por uma lógica de transumância sazonal instintiva, condicionada pelas variações climáticas e pela disponibilidade de alimento e água. Durante o inverno, as manadas deslocam-se para vales e encostas mais protegidos, enquanto no verão procuram zonas de maior altitude, onde subsistem pastagens frescas e pontos de água. Estas deslocações estruturam percursos territoriais contínuos, profundamente enraizados na paisagem serrana, revelando uma forte relação entre o animal, a topografia e os recursos naturais disponíveis.

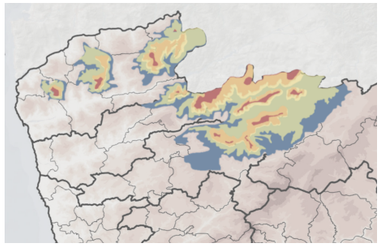
A sobrevivência do Garrano em regime livre assenta numa forte organização social em manada ou harém, geralmente compostos por 10 a 50 indivíduos (fig. 24). Estes grupos, liderados por uma égua adulta e defendidos por um garanhão, estruturam-se segundo relações hierárquicas que garantem a coesão e proteção coletiva. O comportamento gregário constitui um mecanismo fundamental de adaptação ao território, permitindo ao grupo responder às adversidades do meio e assegurar a proteção das crias durante os períodos mais vulneráveis.[XIX]

XVI Associação de Criadores de Equinos de Raça Garrana. (s.d.). ACERG – Associação de Criadores de Equinos de Raça Garrana. Consultado em 22 de dezembro de 2025, em https://www.acerg.pt/

XVII ATAHCA – Associação de Desenvolvimento das Terras Altas do Homem, Cávado e Ave. (2012). I Congresso Internacional do Garrano: candidatura a património nacional – Livro de atas (pp. 36–37). ATAHCA. Consultado em 22 de dezembro de 2025, em http://garrano.ipvc.pt/files/livro_atas.pdf

XVIII ATAHCA – Associação de Desenvolvimento das Terras Altas do Homem, Cávado e Ave. (2012). I Congresso Internacional do Garrano: candidatura a património nacional – Livro de atas (pp. 30–33). ATAHCA. Consultado em 22 de dezembro de 2025, em http://garrano.ipvc.pt/files/livro_atas.pdf

XIX ATAHCA – Associação de Desenvolvimento das Terras Altas do Homem, Cávado e Ave. (2012). I Congresso Internacional do Garrano: candidatura a património nacional – Livro de atas (pp. 40). ATAHCA. Consultado em 22 de dezembro de 2025, em http://garrano.ipvc.pt/files/livro_atas.pdf



Movimento Sazonal do Garrano no Norte de Portugal

A SOBREVIVÊNCIA DO GARRANO EM REGIME DE LIBERDADE ASSENTA NUMA FORTE ORGANIZAÇÃO SOCIAL EM MANADA OU HARÉM COMPOSTO POR:

ÉGUA LÍDER



Lidera o grupo e orienta a movimentação

GARANHÃO

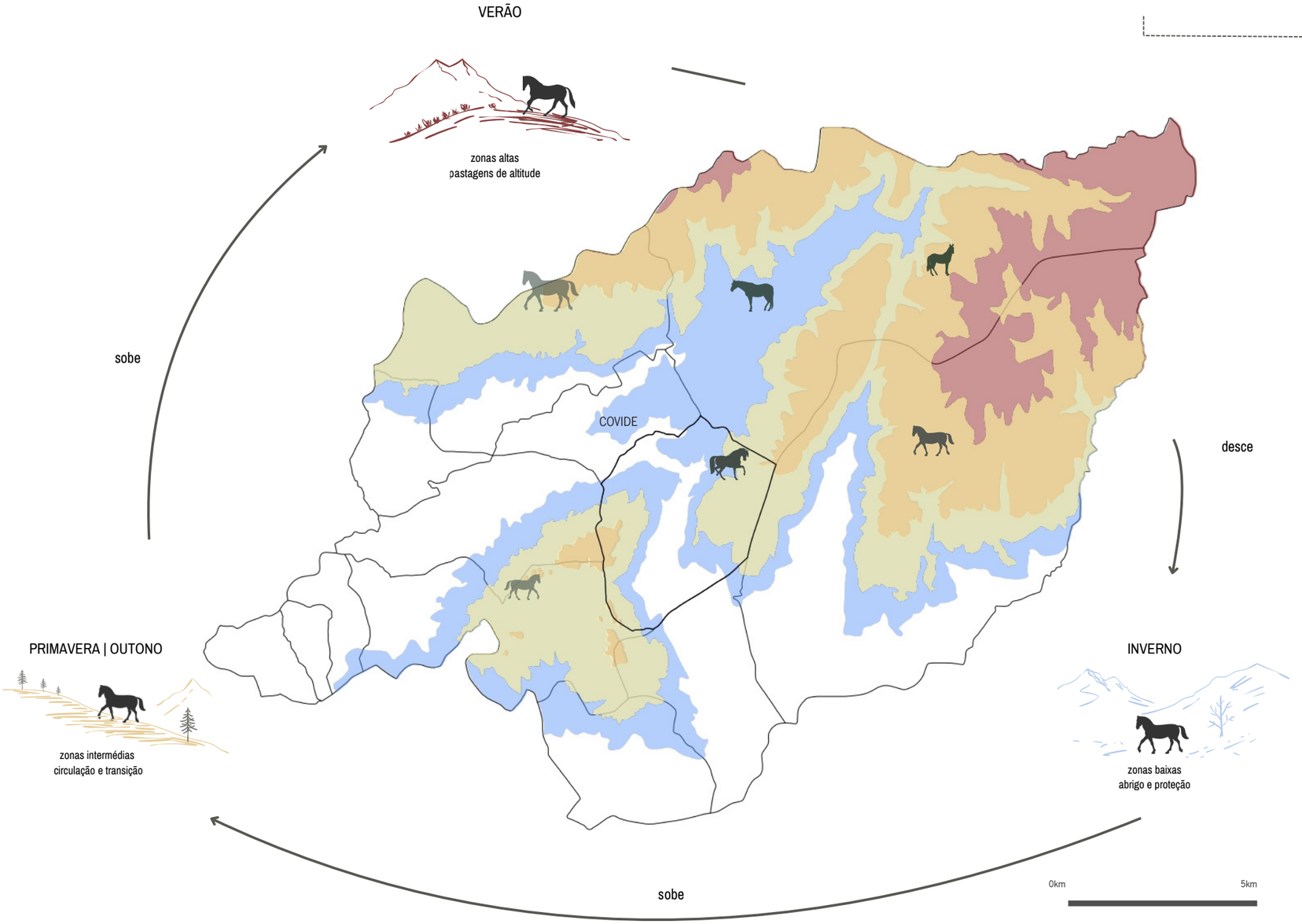


responsável pela defesa do grupo

RESTANTE GRUPO



coesão social e mobilidade em conjunto



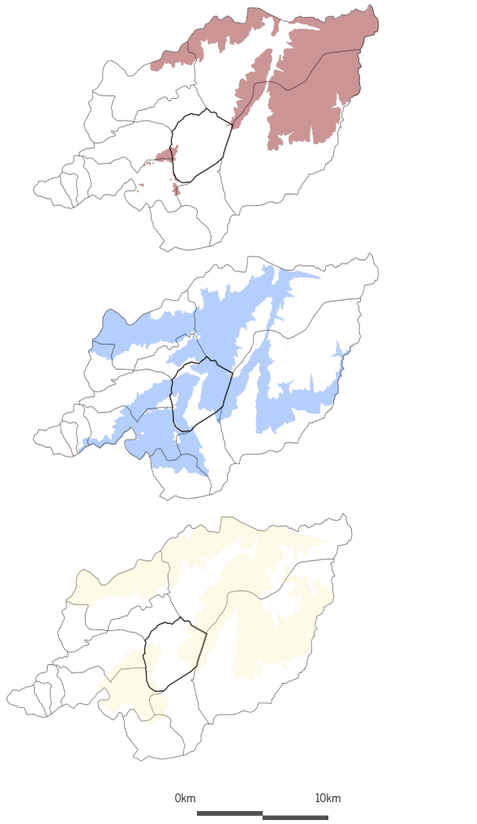


Fig. 24- Movimento Sazonal do Garrano

No que respeita à alimentação (fig. 25, 26 e 27), o Garrano caracteriza-se por uma elevada sobriedade, sendo capaz de sobreviver com recurso a vegetação espontânea existente em zonas baldias e incultas. A sua dieta baseia-se predominantemente no consumo de herbáceas, urze, giesta e outros matos característicos das serras do Norte.[XX]

Esta capacidade de converter biomassa vegetal pobre em recurso energético confere-lhe um papel ecológico fundamental (fig. 28), mantendo o equilíbrio entre matos e pastagens abertas, contribuindo para o controlo natural da vegetação, para a manutenção das áreas abertas e para a prevenção de incêndios florestais.[XXI] Neste sentido, o Garrano não deve ser entendido apenas como património biológico e cultural, mas também como agente ativo na gestão ecológica da paisagem.

XX ATAHCA – Associação de Desenvolvimento das Terras Altas do Homem, Cávado e Ave. (2012). I Congresso Internacional do Garrano: candidatura a património nacional – Livro de atas (pp. 122). ATAHCA. Consultado em 22 de dezembro de 2025, em http://garrano.ipvc.pt/files/livro_atas.pdf

XXI Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. (2020). Garranos usados na prevenção de incêndios florestais. Consultado em 22 de dezembro de 2025, em https://utadtv.utad.pt/informacao/academia/garranos-usados-na-prevencao-incendios-florestais/?utm_

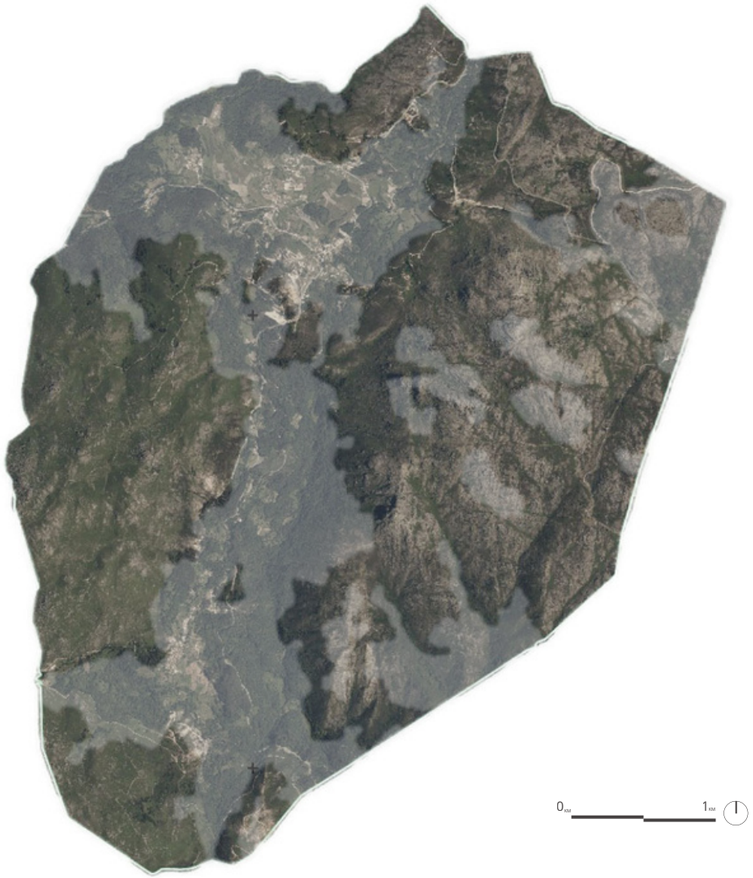
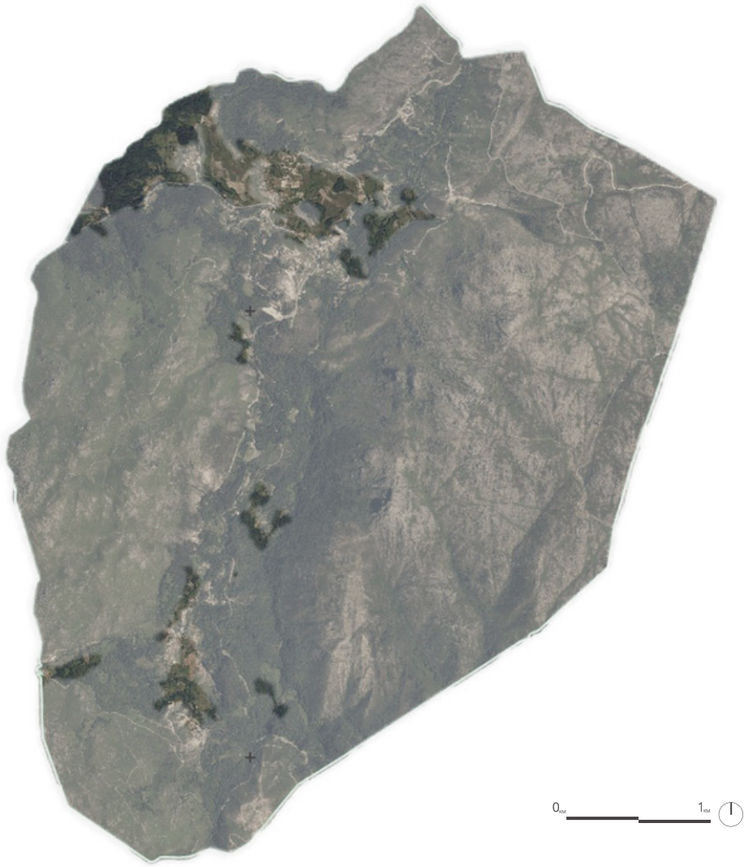




Fig. 25- Mapa de Recursos Alimentares do Garrano em função do uso do solo em Covide- Zonas de Matos





TREVOS
Trifolium repens



FESTUCA
Festuca rubra



DENTE DE LEÃO
Taraxacum officinale



SERRALHA
Sonchus oleraceus



TANCHAGEM
Plantago lanceolata



ERVILHACA
Vicia sativa



AZEDA
Rumex acetosa



AVEIA
Avena sativa

Fig .26- Mapa de Recursos Alimentares do Garrano em função do uso do solo em Covide- Zonas Agrícolas





AMORAS SILVESTRES
Rubus fruticosus



MIRTILO SILVESTRE
Vaccinium myrtillus



SALGUEIRO
Salix atrocinerea



FETOS
Pteridium aquilinum



MEDRONHEIRO
Arbutus unedo



FREIXO
Fraxinus angustifolia



CASTANHEIRO
Castanea sativa



CARVALHO NEGRAL
Quercus pyrenaica

Fig. 27- Mapa de Recursos Alimentares do Garrano em função do uso do solo em Covide- Zonas de Floresta



URZE
Erica umbellata



GIESTA
Cytisus striatus



CARQUEIJA
Genista tridentat

Vive entre 20 a 25 anos

A circulação frequente dos Garranos provoca a compactação superficial do solo, limitando o crescimento espontâneo da vegetação

A deposição de matéria orgânica promove processos de decomposição que contribuem para a formação de húmus e para o enriquecimento superficial do solo

Fig. 28- Esquema do Garrano como Agente Ecológico da Paisagem

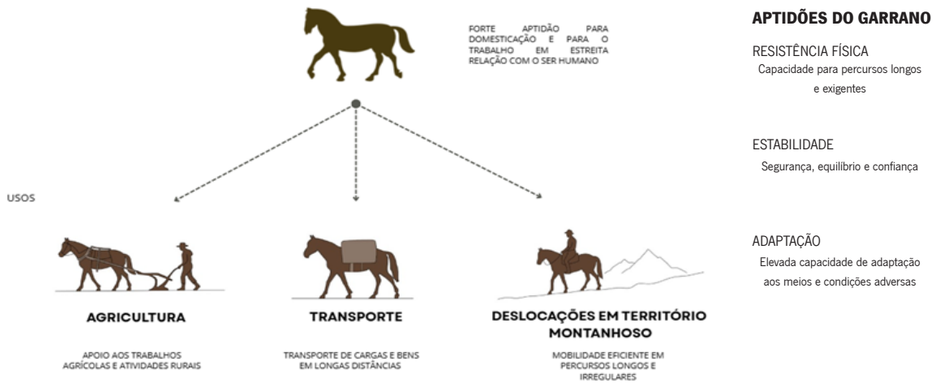


Fig. 29- Aptidão do Garrano para domesticação e trabalho

Para além da sua permanência em regime de semiliberdade, o Garrano apresenta igualmente uma forte aptidão para a domesticação e para o trabalho em estreita relação com o ser humano (fig. 29). Historicamente utilizado na agricultura, no transporte e nas deslocações em território montanhoso, destaca-se pela sua resistência física, estabilidade e capacidade de adaptação a percursos longos e irregulares.[XXII]

Para além dos andamentos clássicos, o Garrano evidencia predisposição natural para a andadura, um andamento lateral particularmente confortável e eficiente em longas distâncias, característica que contribuiu para a sua valorização enquanto montada tradicional nas regiões do Norte de Portugal.[XXIII]

Estas aptidões reforçam não apenas o seu valor cultural e funcional, mas também a sua integração na estratégia de intervenção proposta, nomeadamente através da reativação de percursos territoriais, práticas de equitação e experiências de interpretação da paisagem associadas ao território de Covide.

XXII ATAHCA – Associação de Desenvolvimento das Terras Altas do Homem, Cávado e Ave. (2012). I Congresso Internacional do Garrano: candidatura a património nacional – Livro de atas (pp. 7-9). ATAHCA. Consultado em 22 de dezembro de 2025, em http://garrano.ipvc.pt/files/livro_atas.pdf

XXIII ATAHCA – Associação de Desenvolvimento das Terras Altas do Homem, Cávado e Ave. (2012). I Congresso Internacional do Garrano: candidatura a património nacional – Livro de atas (pp. 33-35). ATAHCA. Consultado em 22 de dezembro de 2025, em http://garrano.ipvc.pt/files/livro_atas.pdf









Fig. 30- Imagens do Garrano na década de 50 durante as Feiras Novas, em Ponte de Lima

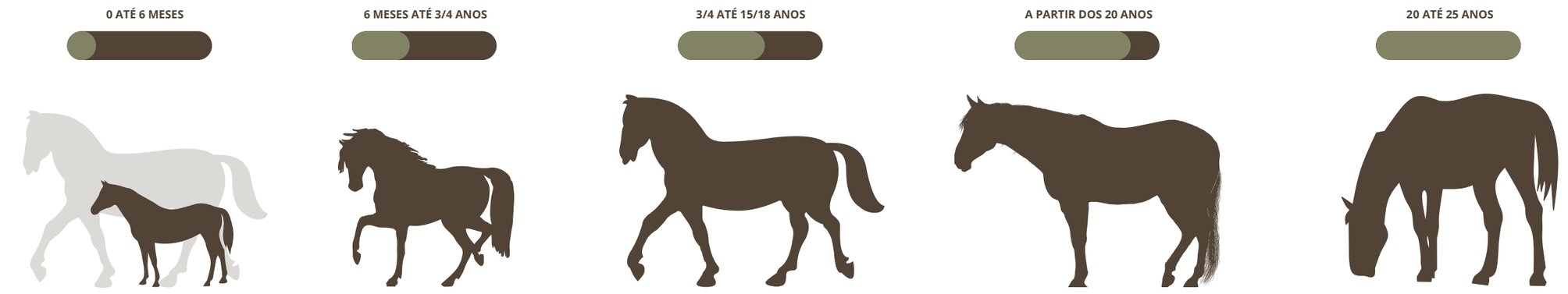


Fig. 31- Ciclo de Vida do Garrano

O ciclo de vida do Garrano (fig. 31) encontra-se igualmente associado à sazonalidade do território. A reprodução ocorre predominantemente durante a primavera, entre os meses de abril e julho, coincidindo com períodos de maior abundância alimentar, enquanto os nascimentos se concentram entre março e junho.[XXIV]

Durante a fase de desmame, as crias são frequentemente recolhidas pelos criadores para controlo sanitário, registo genealógico e processos de domesticação ou treino.[XXV] Esta necessidade de acompanhamento periódico evidencia a importância de estruturas de apoio ao maneio e monitorização da raça, particularmente em contextos de criação extensiva e semiliberdade.

XXIV ATAHCA – Associação de Desenvolvimento das Terras Altas do Homem, Cávado e Ave. (2012). I Congresso Internacional do Garrano: candidatura a património nacional – Livro de atas (pp. 40). ATAHCA. Consultado em 22 de dezembro de 2025, em http://garrano.ipvc.pt/files/livro_atas.pdf

XXV ATAHCA – Associação de Desenvolvimento das Terras Altas do Homem, Cávado e Ave. (2012). I Congresso Internacional do Garrano: candidatura a património nacional – Livro de atas (pp. 39 e 41-42). ATAHCA. Consultado em 22 de dezembro de 2025, em http://garrano.ipvc.pt/files/livro_atas.pdf

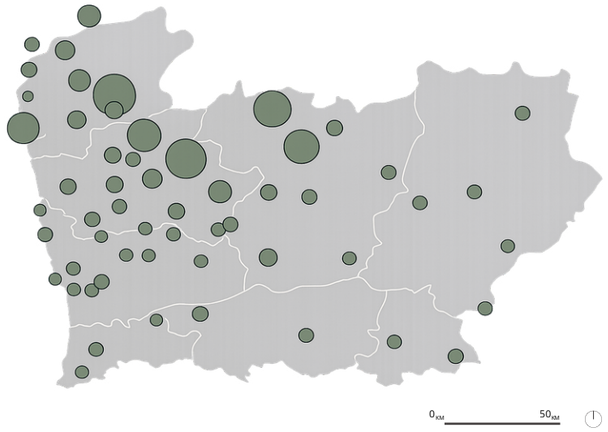


Fig. 32- Mapa de Criadores de Garranos no Norte de Portugal

Apesar da sua forte adaptação ao território, o Garrano enfrenta atualmente um acentuado processo de declínio. O abandono das práticas agro-pastoris tradicionais, a diminuição do número de criadores (fig. 32) e a reduzida valorização económica da raça têm contribuído para a fragilização do seu efetivo populacional.

Paralelamente, a predação exercida pelo lobo ibérico (fig. 33), particularmente sobre os poldros, constitui um fator adicional de vulnerabilidade e reforça a necessidade de implementação de medidas de conservação capazes de conciliarem a prevenção do lobo com a proteção do Garrano enquanto elemento estruturante da biodiversidade.[XXVI]

Atualmente classificado como raça em vias de extinção,[XXVII] o Garrano representa não apenas um património genético ameaçado, mas também o reflexo de uma transformação mais ampla das relações entre comunidade, território e sistema produtivo.

XXVI ATAHCA – Associação de Desenvolvimento das Terras Altas do Homem, Cávado e Ave. (2012). I Congresso Internacional do Garrano: candidatura a património nacional – Livro de atas (pp. 39-41). ATAHCA. Consultado em 22 de dezembro de 2025, em http://garrano.ipvc.pt/files/livro_atas.pdf

XXVII RTP Ensina. (2021). Garranos, cavalos de montanha. Consultado em 27 de dezembro de 2025, em https://ensina.rtp.pt/artigo/garranos-cavalos-de-montanha/

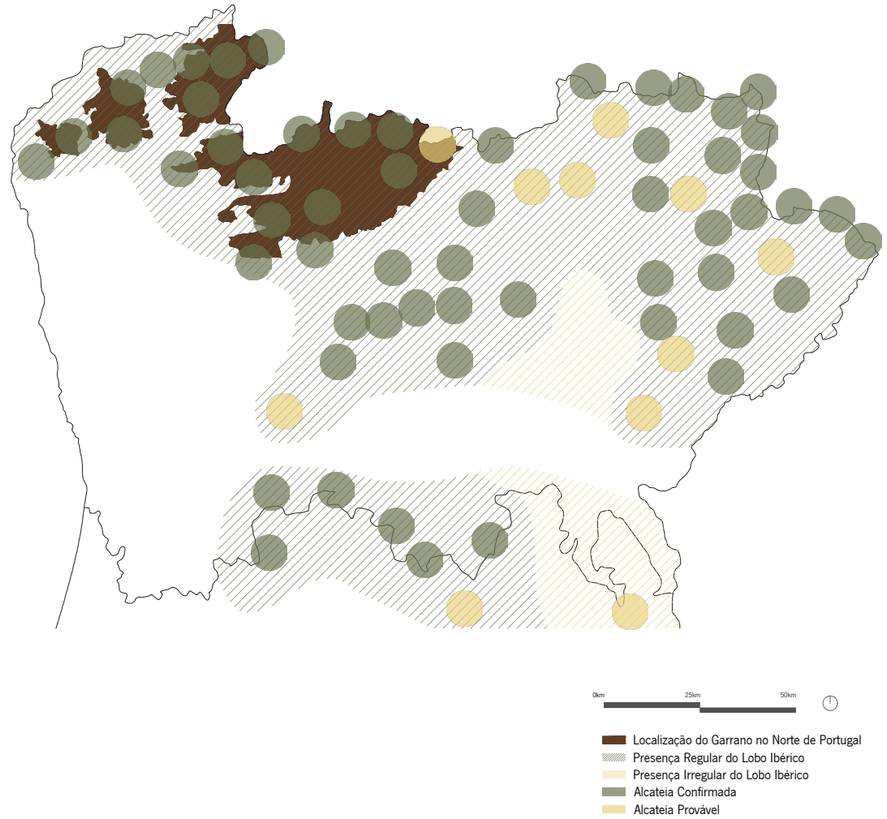


Fig. 33- Áreas de Coexistência entre Garrano e Lobo-Ibérico no Norte de Portugal

Neste contexto, a preservação do Garrano ultrapassa a simples conservação animal, assumindo-se como uma questão territorial, ecológica e cultural. A manutenção da raça depende da continuidade das práticas de maneio extensivo, da preservação dos sistemas de pastoreio e da reativação das relações entre população, paisagem e recursos naturais. Assim, as especificidades comportamentais, ecológicas e territoriais do Garrano constituem o fundamento da estratégia de intervenção proposta, justificando a necessidade de infraestruturas de apoio ao maneio, monitorização, observação e circulação integrada no território de Covide. A criação do Garrano em regime de semiliberdade constitui um modelo de maneio extensivo que exige do criador uma profunda simbiose com o território, assentando na vigilância remota e intervenção estratégica.

CAPÍTULO III

PROJETO



Fig. 34. Centro Interpretativo do Garrano

A proposta arquitetónica desenvolve-se a partir da reativação do Centro Interpretativo do Garrano (fig. 34) e da sua articulação com os terrenos aforados e com a paisagem envolvente de Covide. A intervenção procura transformar um equipamento atualmente desativado numa infraestrutura ativa de apoio à criação, monitorização e circulação do Garrano, integrando funções de educação ambiental, equitação e utilização comunitária.

Para além do núcleo edificado, o projeto estende-se ao território através da criação de uma rede de percursos associados às zonas de pastoreio e aos sistemas tradicionais de gestão da paisagem. Estes trilhos, pensados para serem realizados a Garrano, articulam-se com pontos de observação e apoio distribuídos ao longo do território, permitindo simultaneamente o descanso dos animais e a observação da paisagem e do habitat natural da raça.

Do ponto de vista material, a intervenção privilegia a reabilitação do existente e a reutilização de recursos provenientes de demolições pontuais, integrando parte destes materiais na construção das estruturas de apoio distribuídas pelos percursos territoriais.

Desta forma, o projeto procura consolidar uma infraestrutura territorial assente na relação entre arquitetura, ecologia e comunidade, propondo uma alternativa aos modelos de desenvolvimento turístico intensivo e promovendo formas de permanência mais lentas, sustentáveis e integradas nas dinâmicas do território de Covide.





Fig. 35- Centro Interpretativo do Garrano antes da intervenção de 2022

REABILITAÇÃO DO CENTRO INTERPRETATIVO DO GARRANO

Apesar do Centro Interpretativo do Garrano ter sido concebido como um equipamento capaz de dinamizar o território através da valorização da raça Garrana e do turismo associado, a sua implementação privilegiou uma lógica predominantemente expositiva e turística, sem consolidar uma relação efetiva entre o equipamento, a comunidade local e as dinâmicas agro-pastoris tradicionais do território.

Inaugurado em 2007, o centro resultou de um investimento de aproximadamente 700 mil euros, financiado parcialmente através do programa comunitário Interreg III.[XXVIII] Contudo, ao longo dos anos, o equipamento foi progressivamente perdendo funcionalidade e capacidade de utilização regular, entrando num processo gradual de degradação e abandono. Em 2022, o edifício foi alvo de uma intervenção de requalificação integrada no projeto "Qualificação das Experiências de Turismo de Natureza no Minho – Centro Interpretativo do Garrano" (fig. 35). Durante o trabalho de campo e através da análise de informação disponibilizada pelo município e de notícias associadas ao projeto, foi identificado um investimento aproximado de 244 mil euros, contrastando com os cerca de 180 mil euros referidos nos meios oficiais do município.[XXIX] [XXX]

Independentemente da discrepância entre valores, a requalificação manteve a mesma lógica funcional, centrada na promoção turística e recreativa associada ao Garrano, reduzindo o animal a um recurso turístico e expositivo, sem uma reintegração efetiva nas dinâmicas territoriais da aldeia. Como refere Manuel Tibo: "A vertente do turismo centrada no conhecimento do cavalo como produto e da exibição do cavalo (...), e o turismo a cavalo, ou seja, a utilização do cavalo como recurso, possibilitando práticas turísticas individuais" (Tibo, citado por Antunes, 2022).[XXXI]

Apesar da intervenção realizada em 2022, o Centro permaneceu sem atividade contínua ou utilização regular. A observação direta realizada durante o trabalho de campo revelou um equipamento progressivamente degradado, evidenciando não apenas a fragilidade funcional da intervenção, mas também a ausência de uma estratégia territorial capaz de integrar o edifício nas dinâmicas locais, produtivas e comunitárias da aldeia.

Mais do que a recuperação física do edifício, torna-se, assim, necessária a redefinição do seu papel no território. Neste contexto, a proposta procura transformar o Centro Interpretativo do Garrano numa infraestrutura operativa, diretamente articulada com os terrenos aforados, os sistemas de pastoreio, os percursos territoriais e as práticas de monitorização e criação da raça, estabelecendo uma relação contínua entre arquitetura, comunidade e paisagem.

XXVIII Agência Lusa. (2007). Centro e complexo desportivo do cavalo garrano abre na Primavera. RTP. Consultado em 27 de novembro de 2025, em https://www.rtp.pt/noticias/pais/centro-e-complexo-desportivo-do-cavalo-garrano-abre-na-primavera_n38200

XXIX Câmara Municipal de Terras de Bouro. (2022, 25 de março). Requalificação do Centro Interpretativo do Garrano. Consultado em 17 de maio de 2026, em https://www.cm-terrasdebouro.pt/noticias/arquivo-noticias/requalificacao-do-centro-interpretativo-do-garrano

XXX Antunes, P. (2022, 30 de janeiro). Câmara de Terras de Bouro avança com requalificação do centro interpretativo do garrano. Terras do Homem. Consultado em 27 de novembro de 2025, em https://terrasdohomem.pt/2022/01/30/camara-de-terras-de-bouro-avanca-com-requalificacao-do-centro-interpretativo-do-garrano/

XXXI Antunes, P. (2022, 30 de janeiro). Câmara de Terras de Bouro avança com requalificação do centro interpretativo do garrano. Terras do Homem. Consultado em 27 de novembro de 2025, em https://terrasdohomem.pt/2022/01/30/camara-de-terras-de-bouro-avanca-com-requalificacao-do-centro-interpretativo-do-garrano/

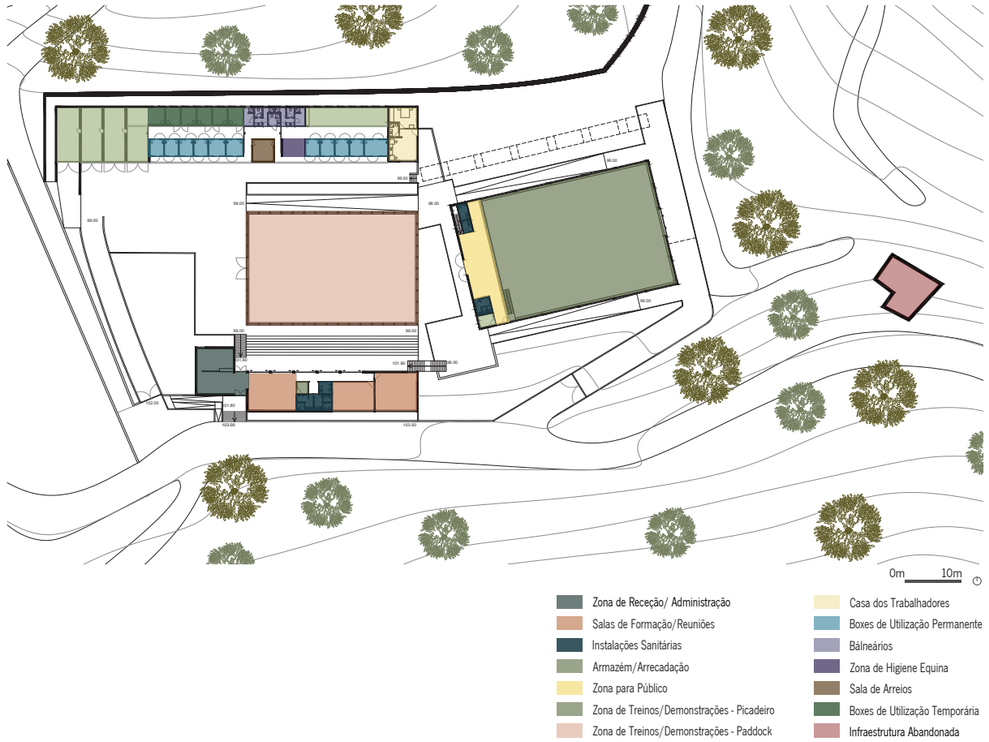
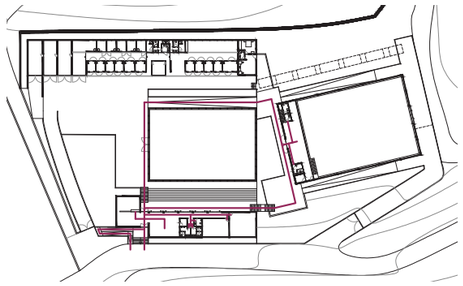
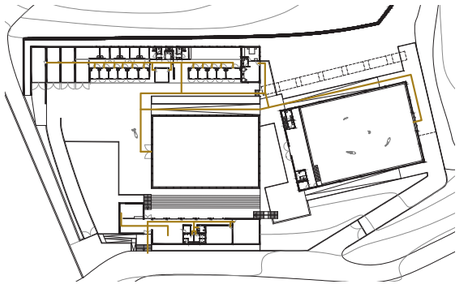


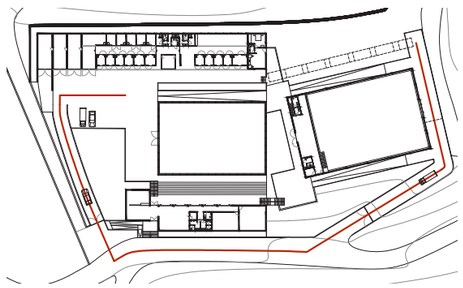
Fig. 36- Planta de Funcionalidades do Centro Interpretativo do Garrano



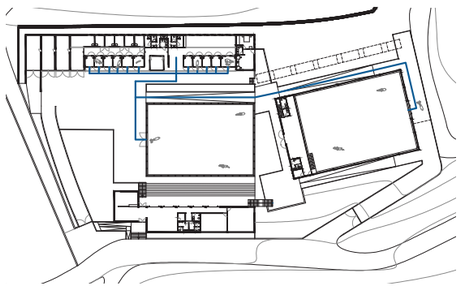
Fluxos de Vistitantes



Fluxos de Trabalhadores



Fluxos de Veículos



Fluxos de Garranos

Fig. 37- Fluxos Existentes no Centro Interpretativo do Garrano

O EXISTENTE

O Centro Interpretativo do Garrano (fig. 36) organiza-se a partir de três edifícios dispostos em torno de um paddock central, formando uma implantação em U articulada com áreas exteriores vedadas. O conjunto integra espaços associados às práticas equestres, as cavalariças e picadeiro e um terceiro volume destinado a funções administrativas, educativas e de apoio ao visitante (Anexo 5).

O paddock assume-se como o principal elemento de articulação do complexo, funcionando como espaço de treino, circulação e demonstração associado ao Garrano. O edifício administrativo localiza-se numa cota superior relativamente aos restantes volumes, permitindo a observação das atividades equestres, enquanto as cavalariças e o picadeiro concentram os espaços de apoio ao maneio, permanência e treino dos animais.

O complexo inclui ainda uma pequena infraestrutura atualmente abandonada e uma extensa área verde delimitada por uma linha de água, acompanhando a topografia natural do território e apresentando potencial para integrar zonas de pastoreio e permanência dos animais.

FLUXOS

Os fluxos existentes no Centro Interpretativo do Garrano, organizam-se a partir de uma separação funcional entre visitantes, trabalhadores, veículos e animais (fig. 37). O acesso principal realiza-se através do edifício administrativo, funcionando como ponto de distribuição para os restantes espaços do complexo.

Os visitantes concentram-se sobretudo entre o edifício administrativo, o paddock e o picadeiro, enquanto os trabalhadores circulam maioritariamente entre as cavalariças e as áreas de apoio ao maneio animal. A circulação automóvel desenvolve-se junto às zonas de acesso e apoio ao complexo, coexistindo frequentemente com os percursos pedonais.

Relativamente aos cavalos, a circulação estabelece-se entre as boxes, o paddock e o picadeiro, formando um circuito fechado limitado ao interior do recinto vedado. Esta organização evidencia uma lógica de funcionamento centrada no interior do equipamento, com reduzida articulação com o território envolvente e com os sistemas de pastoreio exteriores.



Fig. 38- Levantamento Fotográfico do Centro do Garrano

MATERIALIDADE E LINGUAGEM CONSTRUTIVA

A materialidade do complexo caracteriza-se pela utilização combinada de granito, madeira, reboco pintado e telha cerâmica, procurando reinterpretar elementos construtivos associados à arquitetura rural da região através de soluções contemporâneas (fig. 38).

O edifício administrativo combina superfícies exteriores rebocadas e pintadas a vermelho, revestimentos em madeira e em granito, enquanto que no interior, predominam acabamentos mais neutros e funcionais.

Nas cavalariças, mantém-se a continuidade material do conjunto, destacando-se a estrutura de cobertura em madeira aparente e os revestimentos cerâmicos nas zonas de apoio ao maneio animal.

O picadeiro constitui o volume de maior expressão espacial do complexo, marcado pela dimensão e pela cobertura em madeira aparente. Exteriormente, o edifício mantém a continuidade material do conjunto através da combinação entre madeira, reboco e pedra.

De forma geral, o complexo evidencia uma preocupação em articular referências construtivas vernaculares com soluções contemporâneas, embora o atual estado de abandono e subutilização comprometa parcialmente a leitura e apropriação destes espaços.

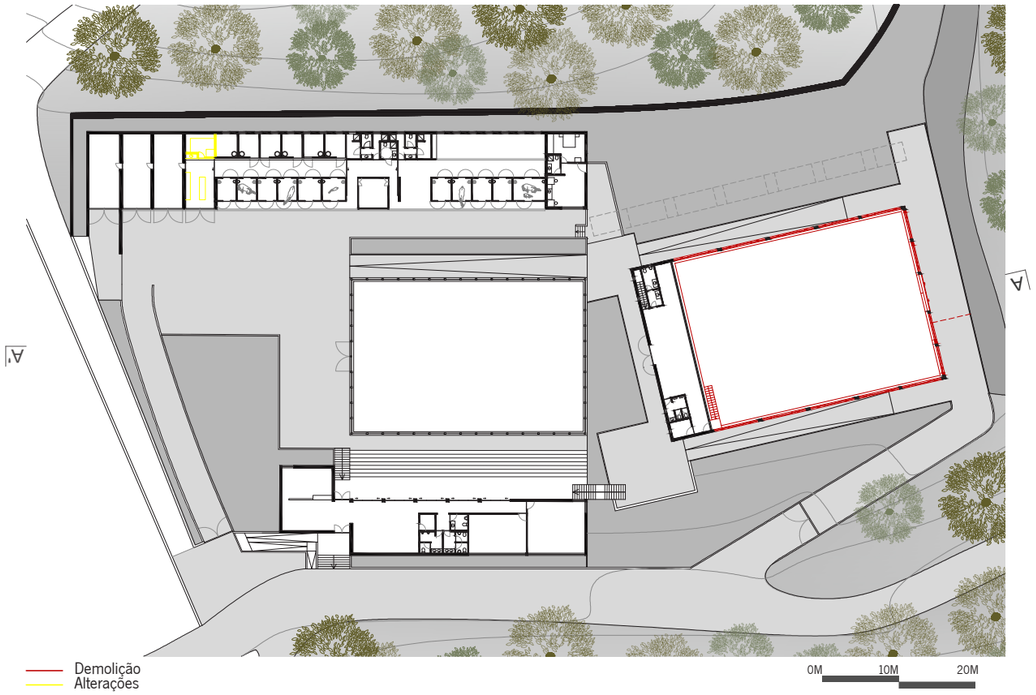


Fig. 39a- Planta de Vermelhos e Amarelos do Centro do Garrano - Piso 0

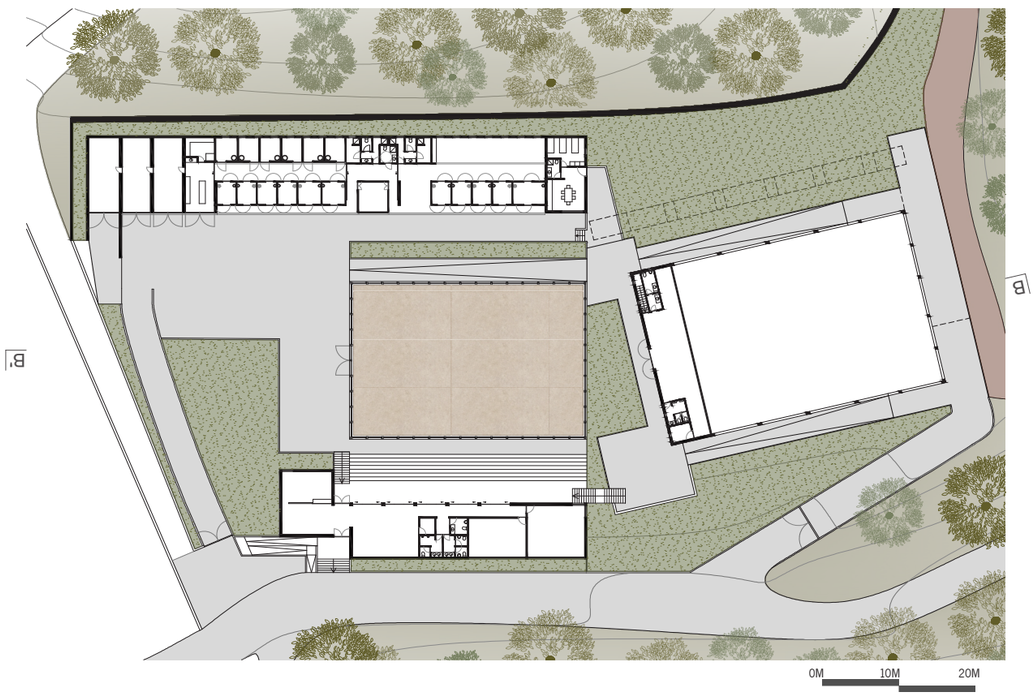


Fig. 40.a- Planta da Intervenção - Piso 0

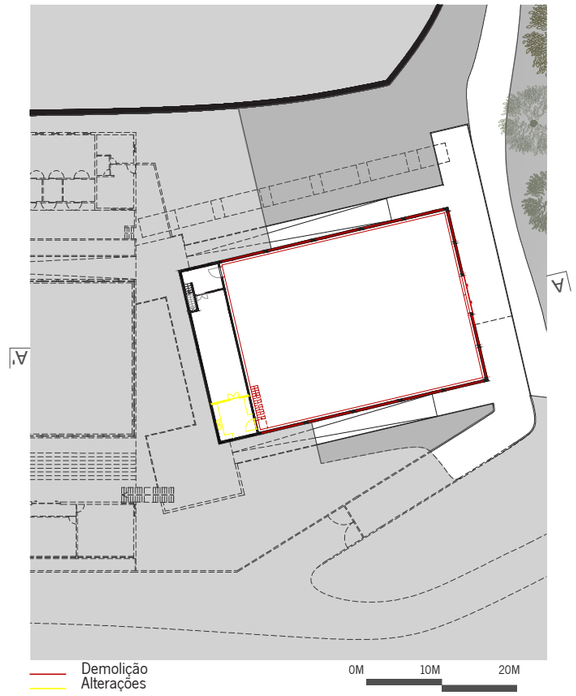


Fig. 39b- Planta de Vermelhos e Amarelos do Centro do Garrano - Piso -1

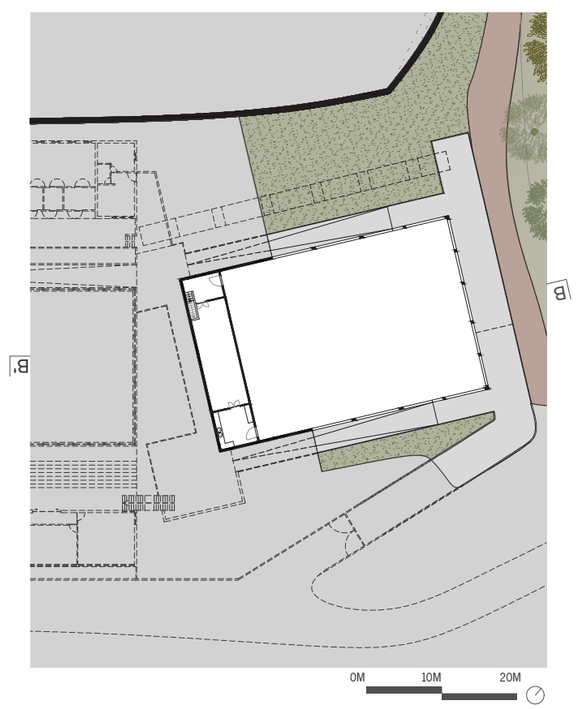


Fig. 40b- Planta da Intervenção - Piso -1

REATIVAÇÃO DO COMPLEXO

A análise do complexo existente evidencia um conjunto de limitações associadas ao isolamento funcional do equipamento relativamente às dinâmicas territoriais da aldeia e dos terrenos envolventes. Apesar da qualidade espacial e construtiva dos edifícios, a organização atual permanece excessivamente centrada numa lógica expositiva e demonstrativa, reduzindo a relação do Garrano com o território a uma utilização pontual e controlada.

Contudo, o conjunto apresenta igualmente um elevado potencial de reativação, não apenas pela presença das infraestruturas existentes, mas também pela sua proximidade aos terrenos aforados, às áreas naturais e aos percursos que atravessam Covide. A existência de espaços de apoio ao maneio animal, áreas exteriores amplas e zonas verdes adjacentes permite reinterpretar o complexo como uma infraestrutura ativa associada à criação, monitorização e circulação do Garrano.

Neste contexto, a proposta procura transformar o Centro Interpretativo num equipamento permanentemente operativo e articulado com as dinâmicas locais da aldeia. O centro deixa de funcionar exclusivamente como espaço expositivo, passando a integrar áreas associadas à criação e acompanhamento dos animais, espaços de apoio veterinário e monitorização, zonas de formação e investigação, bem como áreas de utilização comunitária e apoio às práticas equestres (fig. 41 e 42 e Anexo 6).

Paralelamente, procura-se reforçar a relação entre o complexo e a paisagem envolvente, estabelecendo uma maior continuidade entre os edifícios, os espaços exteriores e os terrenos naturais adjacentes. A área verde existente passa a assumir um papel mais ativo no funcionamento do conjunto, permitindo a permanência e o pastoreio controlado dos animais junto ao centro.

A intervenção privilegia ainda a reutilização do edificado existente e a valorização da materialidade já presente no complexo, evitando transformações excessivamente intrusivas. Mais do que introduzir um novo objeto arquitetónico, a proposta procura reativar estruturas já existentes, adaptando-as a novas formas de utilização e a uma relação mais contínua entre arquitetura, território e comunidade.

Desta forma, o Centro Interpretativo do Garrano deixa de constituir um equipamento isolado e predominantemente turístico, passando a assumir-se como o principal ponto de articulação entre a aldeia, os terrenos aforados e a futura rede territorial associada ao Garrano.

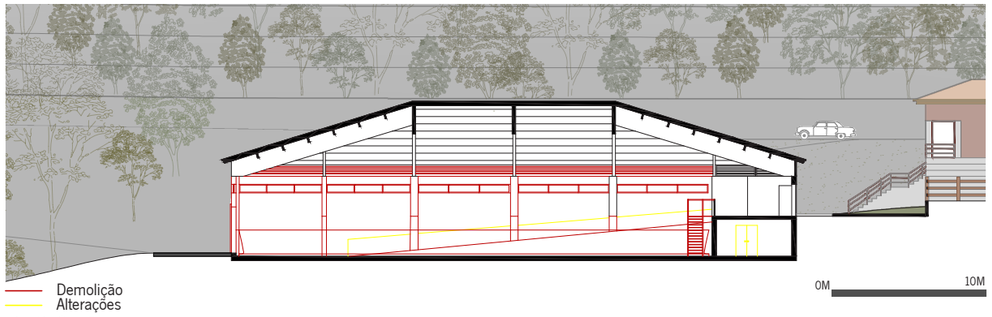


Fig. 41- Secção AA'

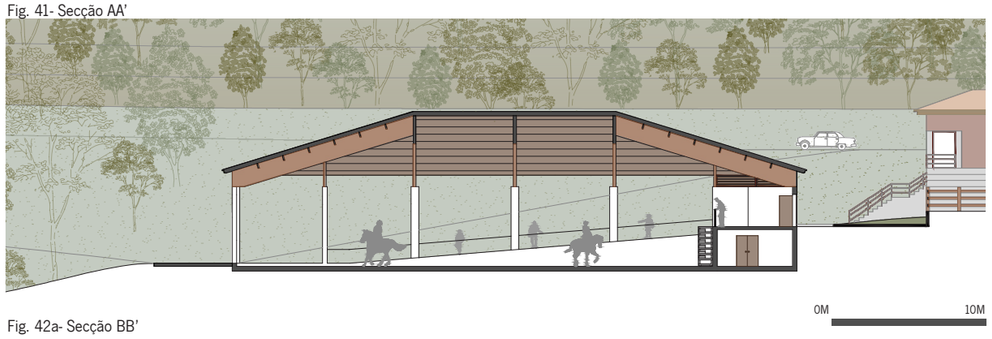


Fig. 42a- Secção BB'

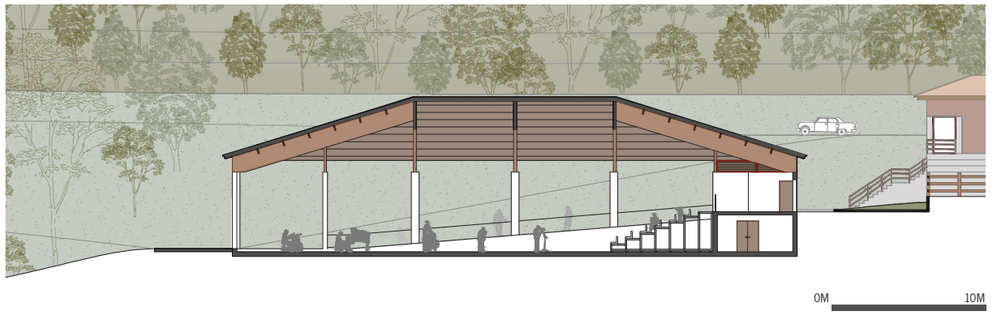


Fig. 42b- Secção BB'



Fig. 42c- Secção BB'

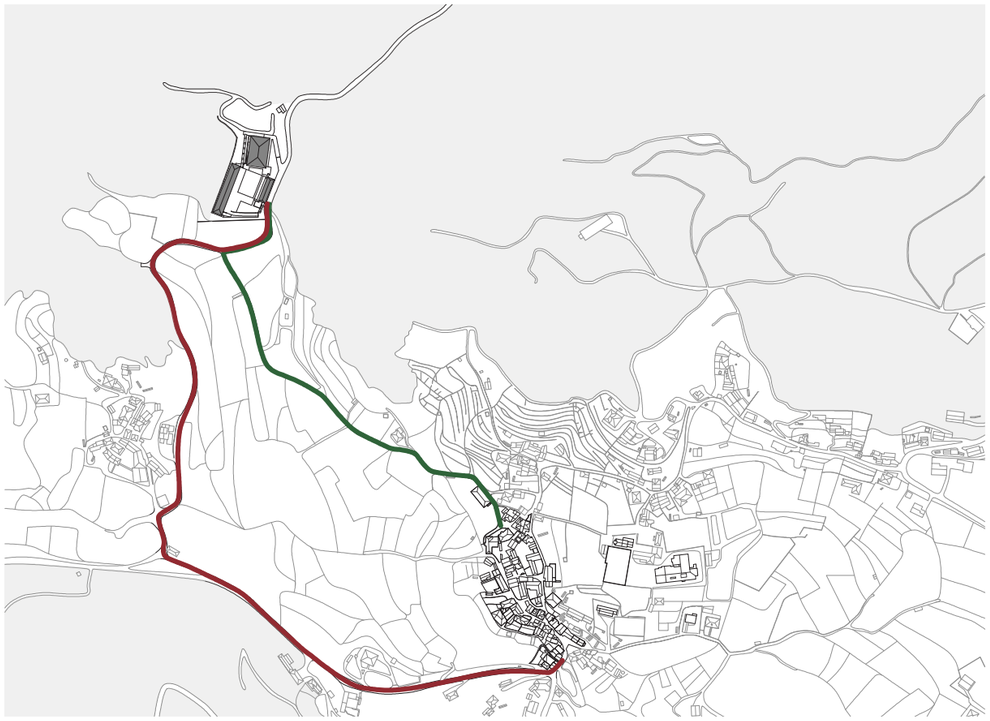


Fig. 43- Planta de Ligação do Centro Interpretativo do Garrano ao Centro da Aldeia de Covide

LIGAÇÃO ENTRE O CENTRO E A ALDEIA

A proposta procura ainda reforçar a relação entre o Centro Interpretativo do Garrano e o núcleo habitacional de Covide (fig.43), atualmente marcada por uma reduzida continuidade funcional e territorial. A criação de novos percursos pedonais e equestres e o reforço dos existentes permitem estabelecer uma maior articulação entre o equipamento, os espaços comunitários da aldeia e os terrenos envolventes, promovendo uma utilização mais contínua e integrada do complexo.

Mais do que um equipamento isolado na periferia do aglomerado, o centro passa a funcionar como extensão das dinâmicas locais, reforçando a ligação entre comunidade, paisagem e práticas associadas ao Garrano.



Fig. 44- Terrenos Aforados envolventes de Covide

ARTICULAÇÃO ENTRE O CENTRO E OS TERRENOS AFORADOS

OS TERRENOS AFORADOS COMO SUPORTE TERRITORIAL

O projeto de intervenção desenvolve-se a partir da articulação entre o Centro Interpretativo do Garrano e os terrenos aforados que envolvem a aldeia de Covide (fig. 44). Mais do que espaços residuais ou improdutivos, estes territórios assumem-se como estruturas fundamentais para a reintrodução progressiva do Garrano no seu habitat natural, permitindo restabelecer relações históricas entre pastoreio, paisagem e gestão comunitária do território.

Historicamente associados às práticas agro-pastoris da aldeia, os aforados constituem extensas áreas de montanha marcadas por matos, zonas florestais, linhas de água e áreas de pastagem espontânea. Apesar do abandono progressivo das atividades agrícolas tradicionais, estes territórios mantêm características ecológicas favoráveis à permanência do Garrano, nomeadamente pela reduzida artificialização da paisagem, continuidade territorial e disponibilidade de recursos naturais.

Neste contexto, os aforados deixam de ser entendidos apenas como áreas subutilizadas, passando a assumir um papel ativo na regeneração ecológica e territorial proposta pela intervenção. A proximidade entre estes territórios e o Centro Interpretativo permite estabelecer uma continuidade funcional entre o espaço construído e a paisagem envolvente, transformando o centro num ponto de apoio à gestão, monitorização e acompanhamento das manadas.

Desta forma, os terrenos aforados passam a constituir o principal suporte territorial do projeto, permitindo articular criação animal, gestão ecológica e reativação das dinâmicas comunitárias associadas ao Garrano e ao território de montanha.

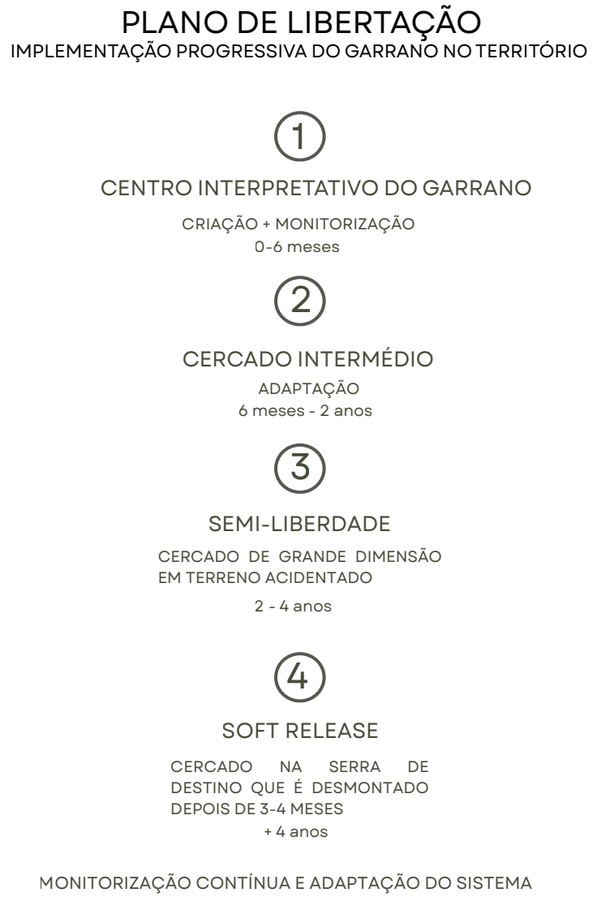


Fig. 45- Esquema do Plano de Libertação

PLANO DE LIBERTAÇÃO PROGRESSIVA

A proposta assenta na implementação de um sistema gradual de adaptação e libertação dos Garranos (fig. 45), inspirado em estratégias contemporâneas de rewilding e soft release, permitindo estabelecer uma transição progressiva entre o ambiente controlado do Centro Interpretativo e o regime de semiliberdade nos terrenos aforados. Esta abordagem procura garantir não apenas a adaptação física dos animais às condições da montanha, mas também a reconstrução progressiva das dinâmicas ecológicas associadas ao território.

O processo inicia-se no interior do complexo, através da permanência temporária dos animais nas cavalariças e nas áreas de apoio ao maneio e monitorização. Nesta primeira fase são assegurados o acompanhamento veterinário, a alimentação e o controlo inicial dos animais, particularmente durante os primeiros meses de vida e adaptação.

Posteriormente, os Garranos transitam para cercados de média dimensão dotados de abrigo, localizados nas áreas adjacentes ao centro. Estes espaços funcionam como zonas intermédias de adaptação, permitindo um primeiro contacto contínuo com o exterior e com as condições naturais do território, mantendo simultaneamente um nível controlado de acompanhamento.

Numa fase seguinte, os animais passam para áreas de semi-liberdade implantadas em terrenos de maior dimensão e topografia acidentada, aproximando-se progressivamente das condições ecológicas características da montanha. Esta etapa permite reforçar a autonomia das manadas e estimular comportamentos naturais associados à circulação, pastoreio e organização social do grupo.

Finalmente, a proposta prevê um sistema de soft release através da utilização temporária de cercados implantados já no interior dos terrenos aforados e da serra. Após um período inicial de adaptação, estas estruturas são desmontadas, permitindo a integração gradual dos Garranos no território em regime de semiliberdade.

Mais do que um simples processo de libertação animal, esta estratégia procura estabelecer uma relação contínua entre arquitetura, paisagem e ecologia, onde o Centro Interpretativo funciona como núcleo de apoio a um sistema territorial progressivamente menos artificializado e mais autónomo.

Fig. 46- Garrano

REWILDING E REGENERAÇÃO DA PAISAGEM

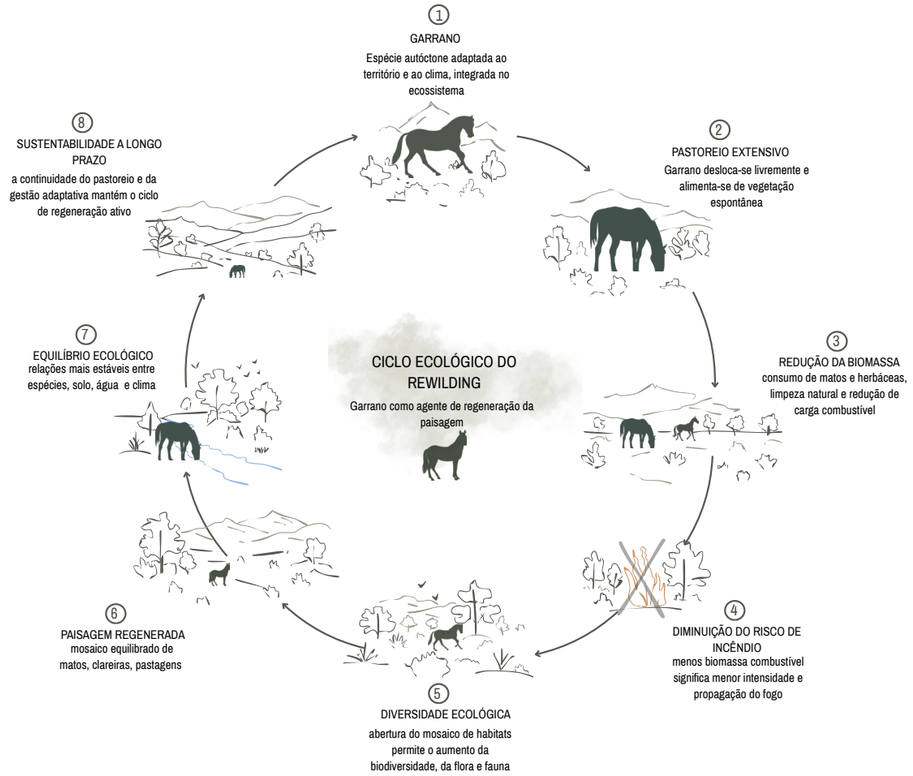


Fig. 47- Esquema de Ciclo Ecológico do Rewilding

A reintrodução progressiva do Garrano nos terrenos aforados insere-se numa lógica de rewilding (fig. 47), entendida como um processo de recuperação das dinâmicas naturais do território através da presença ativa de espécies adaptadas ao ecossistema local. Neste caso, o Garrano assume um papel fundamental enquanto agente de gestão da paisagem, contribuindo para a manutenção das áreas abertas, o controlo da vegetação espontânea e a redução da acumulação de biomassa combustível.

Através do pastoreio extensivo, os animais intervêm diretamente na transformação da paisagem, promovendo uma relação mais equilibrada entre matos, clareiras e zonas de pastagem. Esta ação permite reduzir o risco de incêndio, reforçar a diversidade ecológica e recuperar formas de gestão territorial historicamente associadas às práticas agro-pastoris.

Desta forma, o rewilding não é entendido como abandono total do território, mas como uma estratégia de gestão orientada, onde a autonomia dos animais é acompanhada por monitorização, apoio técnico e integração comunitária. A regeneração da paisagem resulta, assim, de um equilíbrio entre processos naturais e intervenção humana controlada.



Fig. 48- Transformação da Paisagem através do Sistema de Libertação e Monitorização do Garrano

CIRCULAÇÃO, GESTÃO E MONITORIZAÇÃO TERRITORIAL

A circulação dos Garranos no território organiza-se de acordo com as dinâmicas naturais da paisagem e com a disponibilidade sazonal de recursos, nomeadamente água, abrigo e zonas de pastagem. Em períodos de maior disponibilidade alimentar, os animais tendem a ocupar predominantemente as áreas de altitude e os territórios de matos abertos, enquanto nas épocas de maior rigor climático procuram encostas mais protegidas e zonas de menor exposição.

Esta mobilidade sazonal constitui um dos princípios fundamentais da proposta, permitindo que os animais estabeleçam uma relação contínua com o território e contribuam para uma ocupação mais equilibrada da paisagem. Neste contexto, os terrenos aforados deixam de funcionar como áreas estáticas ou delimitadas exclusivamente para pastoreio, passando a integrar um sistema territorial dinâmico associado à circulação e permanência progressiva das manadas.

Paralelamente, a proposta prevê a implementação de um sistema de monitorização e acompanhamento articulado com o Centro Interpretativo do Garrano. Para além do controlo sanitário e veterinário realizado no centro, o território integra pontos estratégicos de observação e apoio, permitindo acompanhar os movimentos das manadas e garantir condições mínimas de vigilância e gestão.

Mais do que controlar permanentemente os animais, esta estratégia procura estabelecer um equilíbrio entre acompanhamento humano e autonomia territorial, reduzindo progressivamente os níveis de artificialização e reforçando a integração do Garrano nos processos ecológicos da montanha (fig. 48).

TRILHO DE LIBERTAÇÃO E PONTOS DE OBSERVAÇÃO

Associado ao processo de libertação progressiva dos Garranos, a proposta prevê a criação de um percurso territorial que acompanha as diferentes fases de adaptação dos animais entre o Centro Interpretativo, os cercados intermédios e os terrenos aforados. Mais do que um simples trilho de circulação, este percurso funciona como uma infraestrutura de acompanhamento do processo de rewilding e da integração progressiva das manadas no território.

Ao longo deste percurso são implantados pontos de observação e apoio territorial localizados em zonas estratégicas da paisagem, nomeadamente áreas de pastoreio, clareiras naturais, linhas de água e locais de passagem frequente das manadas. Estas estruturas permitem acompanhar a presença e os movimentos dos animais ao longo das diferentes fases de adaptação e semiliberdade, promovendo simultaneamente uma relação de proximidade entre visitante, paisagem e o Garrano.

Para além da observação do animal no seu habitat natural, os pontos de apoio funcionam como espaços de permanência e descanso ao longo dos percursos pedonais e equestres, incentivando formas de experiência mais lentas e integradas na paisagem. Paralelamente, assumem também uma função associada à monitorização, vigilância e acompanhamento das manadas no sistema de libertação desenvolvido nos aforados.

Os pontos de observação são concebidos a partir de uma tipologia arquitetónica comum, repetida ao longo do percurso, mas capaz de se adaptar às diferentes condições topográficas e paisagísticas do território. Neste sentido, a proposta desenvolve três variações da mesma estrutura: uma implantação pousada diretamente sobre o terreno, uma segunda solução elevada cerca de um metro relativamente ao solo e uma terceira configuração mais suspensa, permitindo vencer zonas de maior declive e ampliar os pontos de observação sobre a paisagem.

As duas primeiras tipologias recorrem a muros de gabião associados a estruturas leves em madeira que suportam as coberturas, enquanto a solução mais elevada assenta apenas numa estrutura de madeira ancorada ao solo, elevando integralmente o ponto de observação. Apesar destas variações, todas as estruturas mantêm uma linguagem arquitetónica contínua e discreta, procurando integrar-se na paisagem sem assumir um carácter dominante.

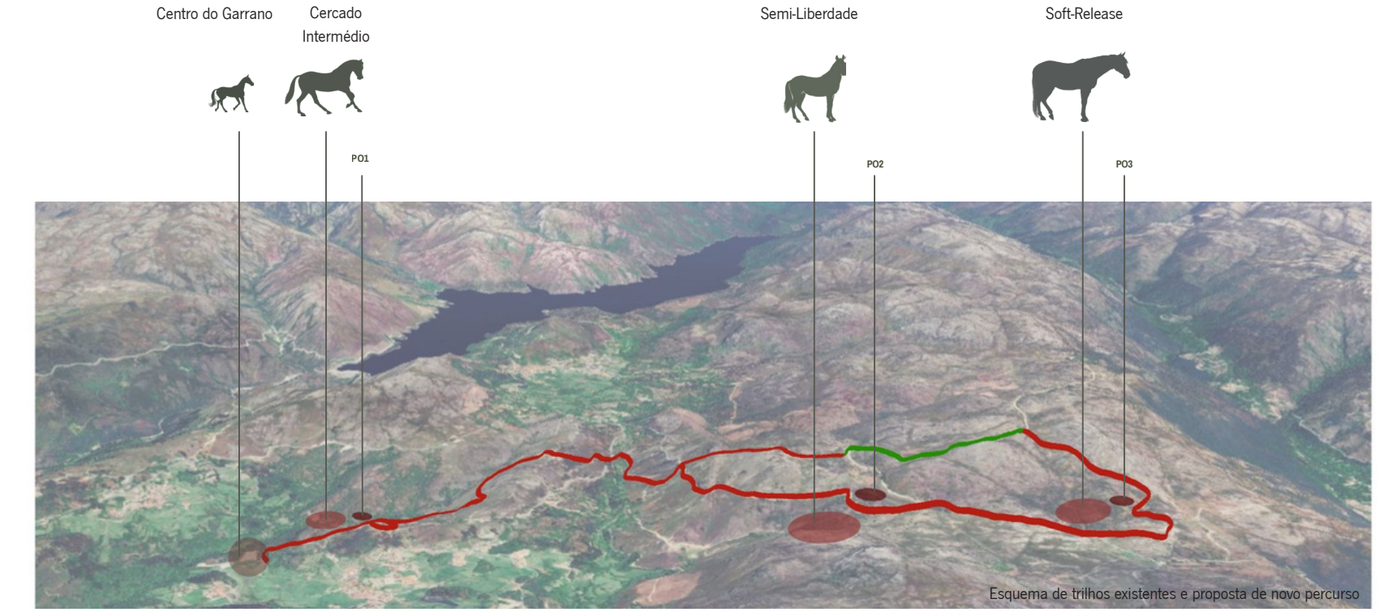
Cada ponto adapta-se ao relevo, vegetação e áreas de permanência do Garrano, funcionando simultaneamente como espaço de observação, permanência e descanso.

Do ponto de vista material, privilegia-se a reutilização de recursos provenientes das demolições e intervenções realizadas no Centro Interpretativo do Garrano. Fragmentos de pedra, tijolo e outros materiais resultantes das desmontagens são reutilizados na construção de muros tipo gabião, utilizados como elementos de suporte, contenção e integração paisagística.

Complementarmente, os pontos de observação recorrem a estruturas leves em madeira e coberturas simples, privilegiando sistemas construtivos de baixo impacto ambiental e facilmente integráveis na paisagem. Desta forma, estas estruturas assumem-se como pequenas infraestruturas territoriais onde arquitetura, reutilização material e ecologia se articulam numa lógica de mínima intervenção sobre o território.

DISTÂNCIA : 12,6KM

DURAÇÃO: 3 HORAS



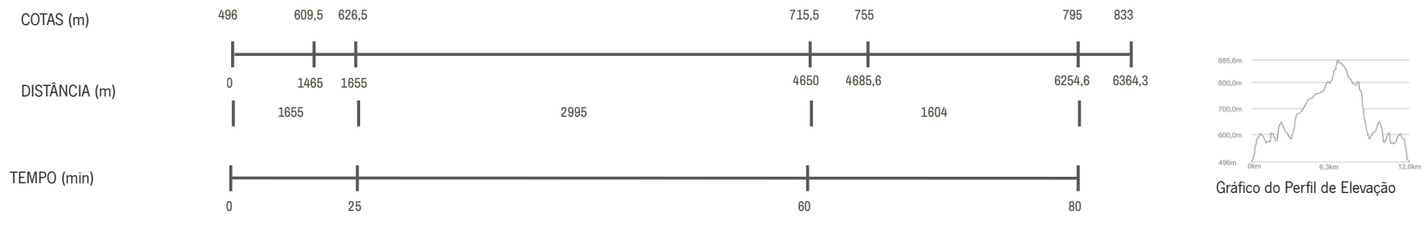
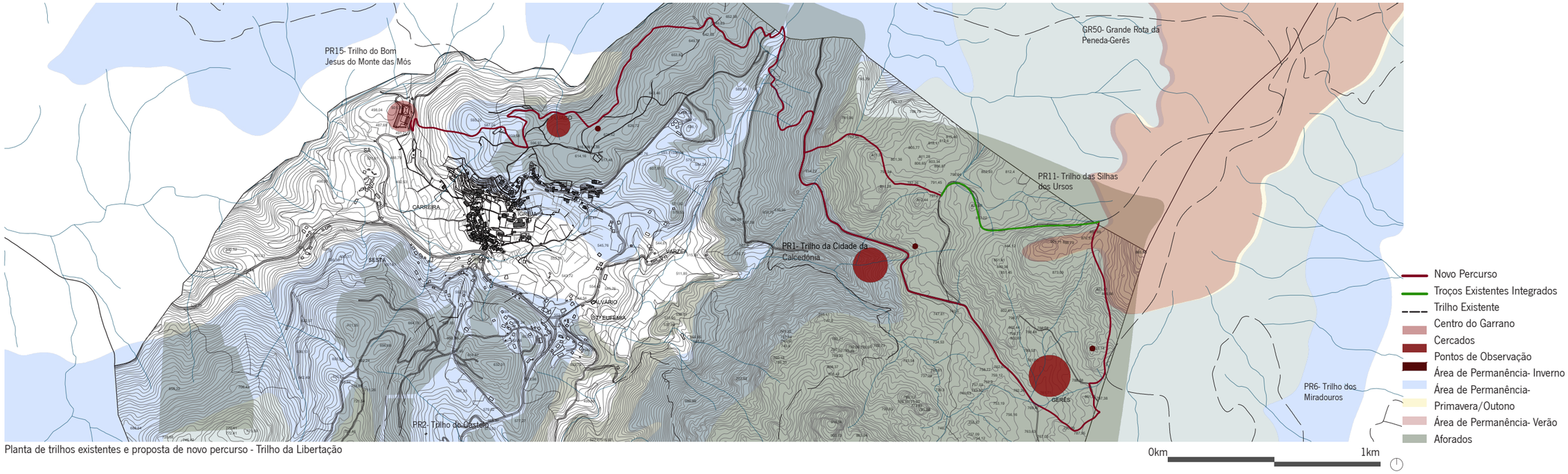


Gráfico do Perfil de Elevação

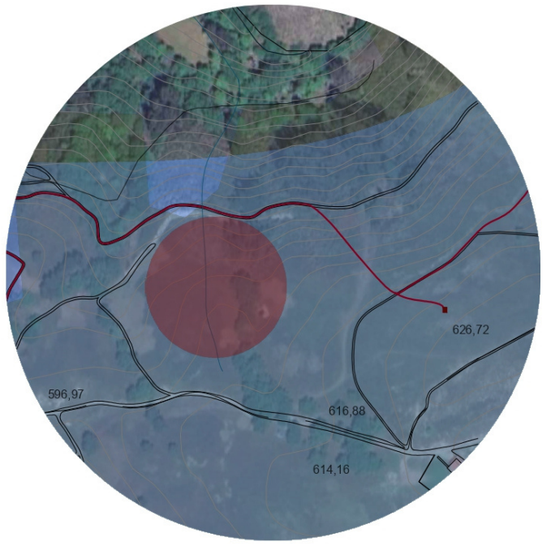


Planta de trilhos existentes e proposta de novo percurso - Trilho da Libertação

Fig. 49- Trilho da Libertação

CERCADO INTERMÉDIO

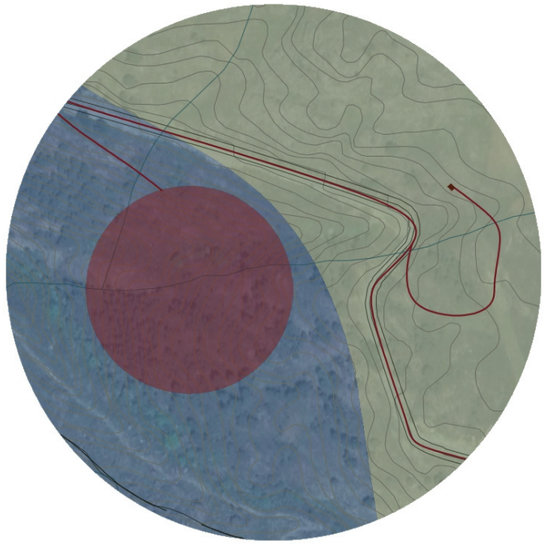
6 meses - 2 anos



ÁREA DO CERCADO: 8ha
EM ZONA DE AFORADO
ÁREA DE PERMANÊNCIA - INVERNO
EM ZONA DE MATOS E DE PASTAGEM
CONTÉM LINHA DE ÁGUA

SEMI-LIBERDADE

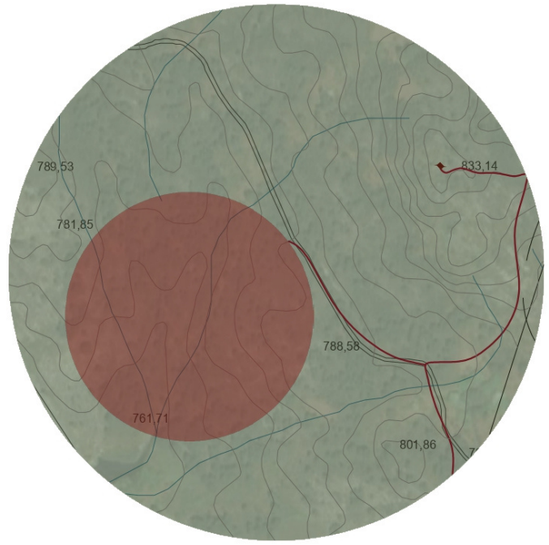
2 - 4 anos



ÁREA DO CERCADO: 20ha
EM ZONA DE AFORADO
ÁREA DE PERMANÊNCIA - INVERNO
EM ZONA DE MATOS E DE PASTAGEM
PRÓXIMO DO TRILHO PR1 E PR11
CONTÉM LINHA DE ÁGUA

SOFT-RELEASE

+ 4 anos



ÁREA DO CERCADO: 30ha
EM ZONA DE AFORADO
ÁREA DE PERMANÊNCIA - PRIMAVERA/OUTONO
EM ZONA DE FLORESTA
PRÓXIMO DO TRILHO PR6, PR11
CONTÉM LINHA DE ÁGUA

- Novo Percurso
- Troços Existentes Integrados
- Trilho Existente
- Centro do Garrano
- Cercados
- Pontos de Observação
- Área de Permanência- Inverno
- Área de Permanência- Primavera/Outono
- Área de Permanência- Verão
- Aforados



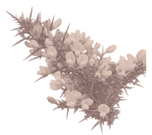
CARQUEIJA
Genista tridentata



GIESTA
Cytisus striatus



ROSMANINHO
Lavandula stoechas



TOJO
Ulex europaeus



URZE
Erica umbellata



MEDRONHEIRO
Arbutus unedo



MIRTILO SILVESTRE
Vaccinium myrtillus



AMORAS SILVESTRES
Rubus fruticosus



FETOS
Pteridium aquilinum

Recursos Alimentares Disponíveis nos Cercados

Fig. 50- Trilho da Libertação - Aproximação dos Cercados

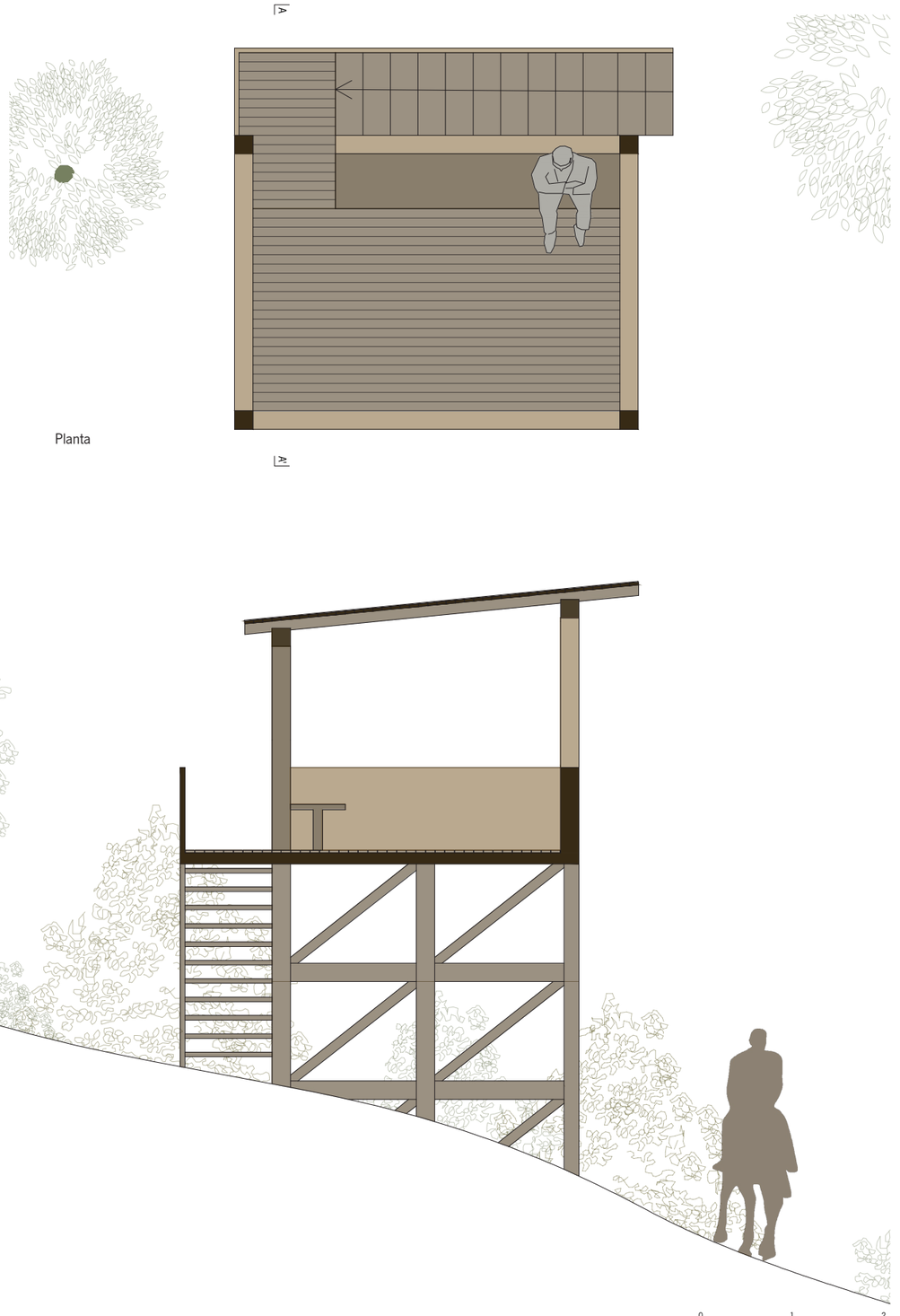
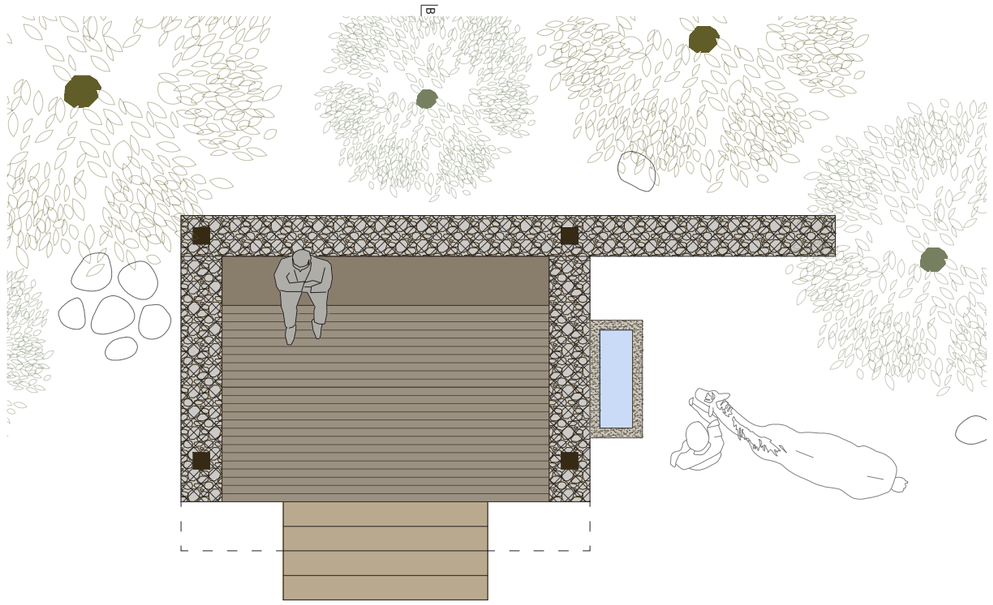
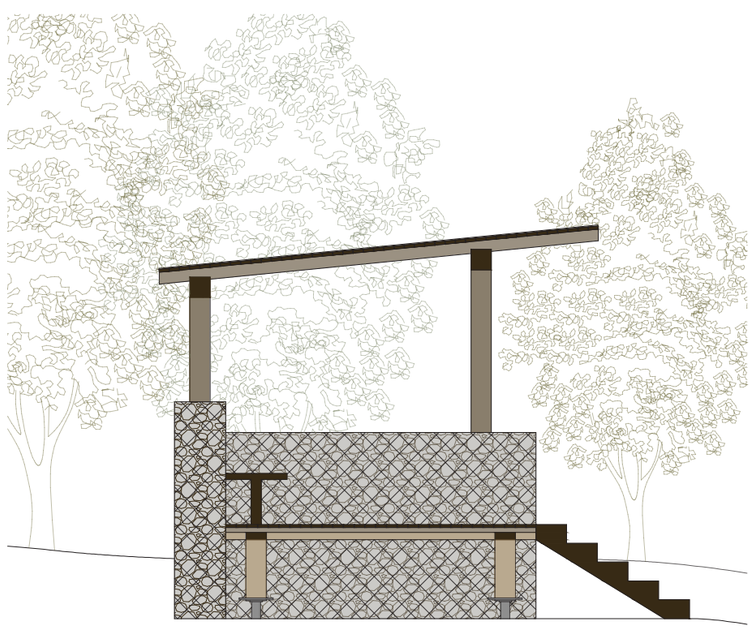


Fig. 51- Ponto de Observação Elevado

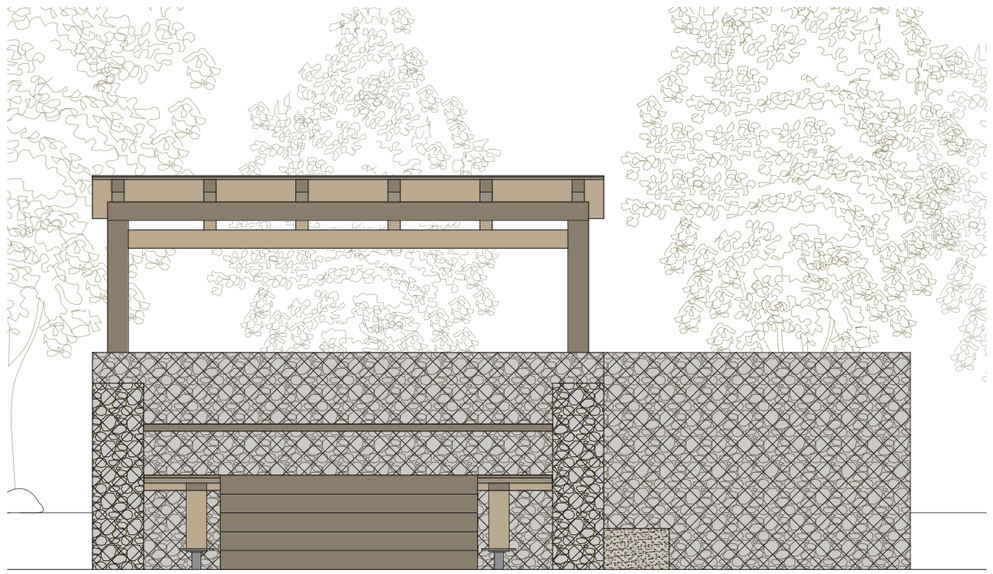
Secção AA'



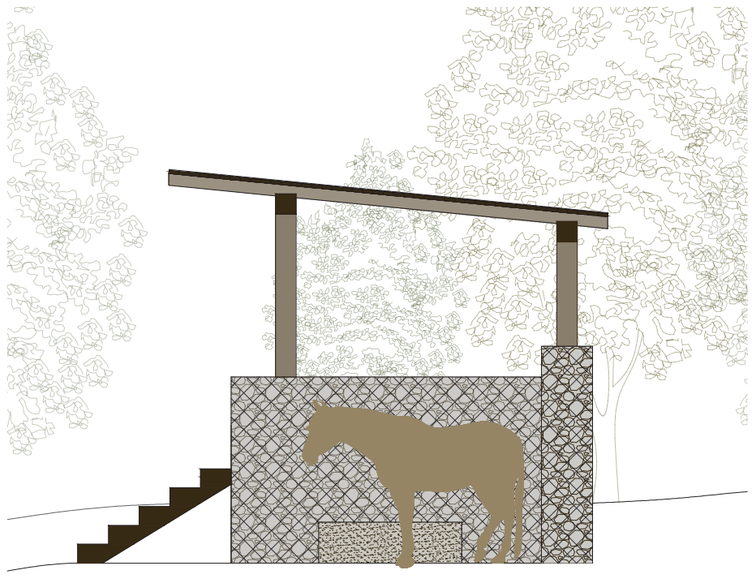
Planta



Secção BB'

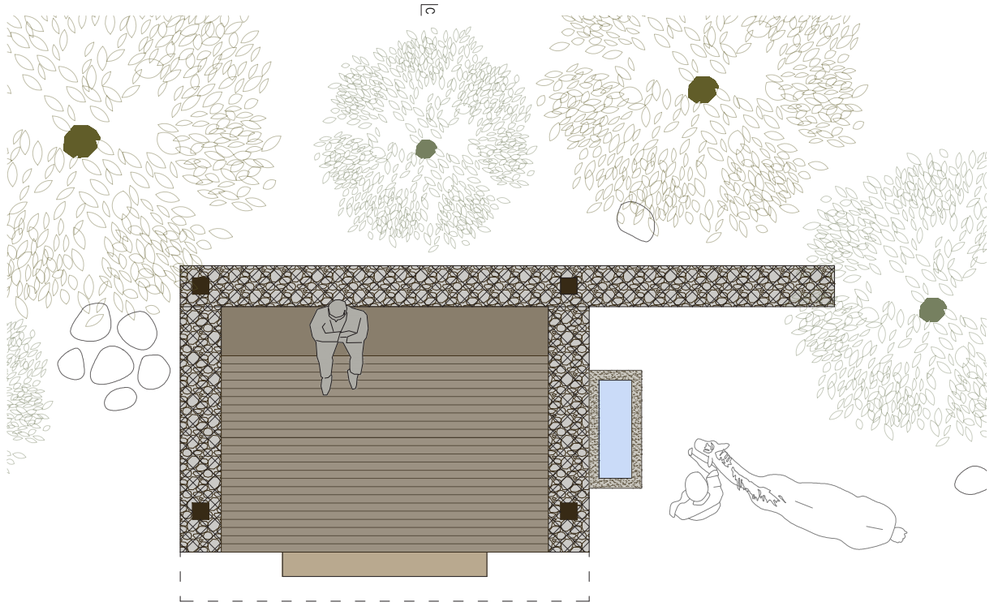


Alçado Frontal

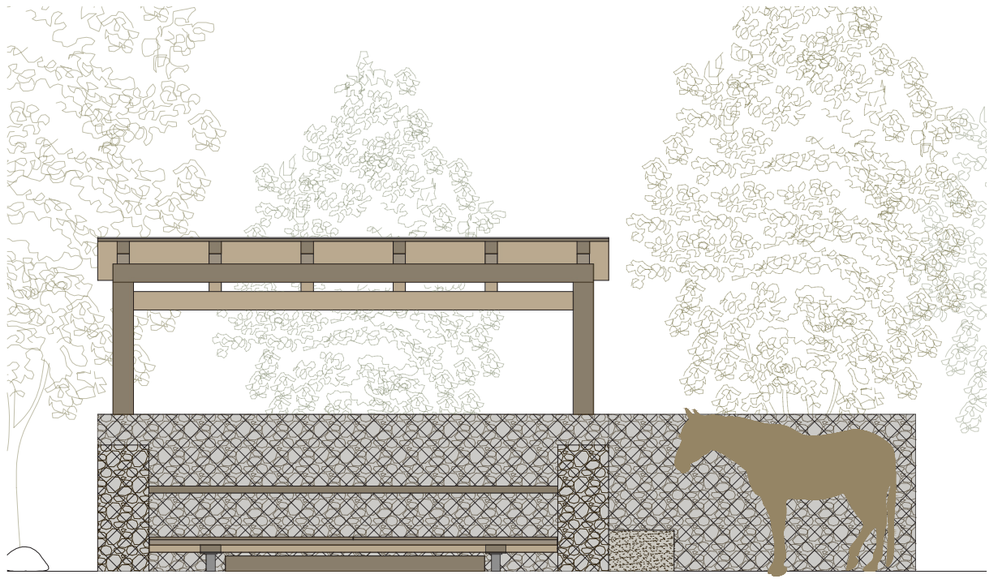


Alçado Lateral

Fig. 52- Ponto de Observação Semi-Elevado

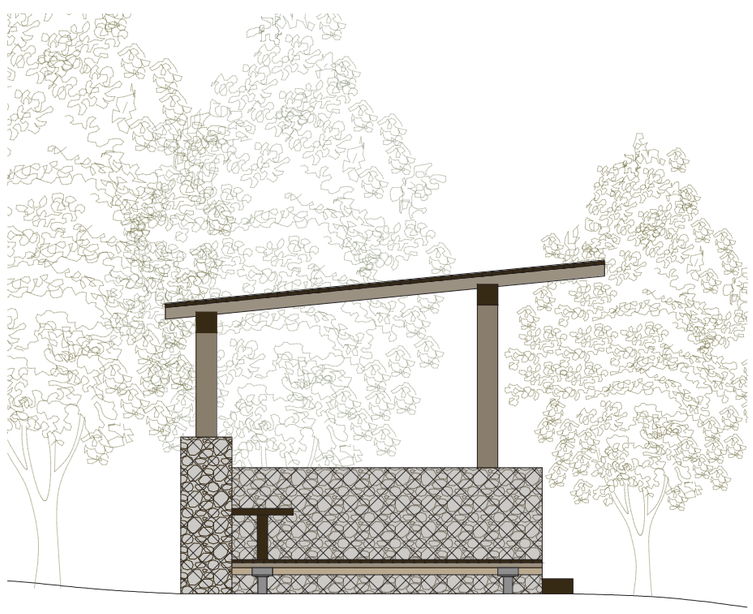


Planta

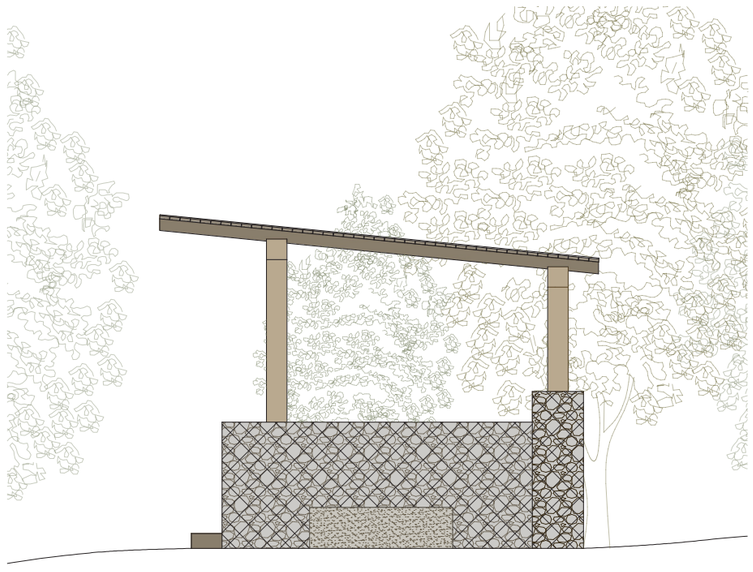


Alçado Frontal

Fig. 53- Ponto de Observação ao Nível do Solo



Secção CC'



Alçado Lateral

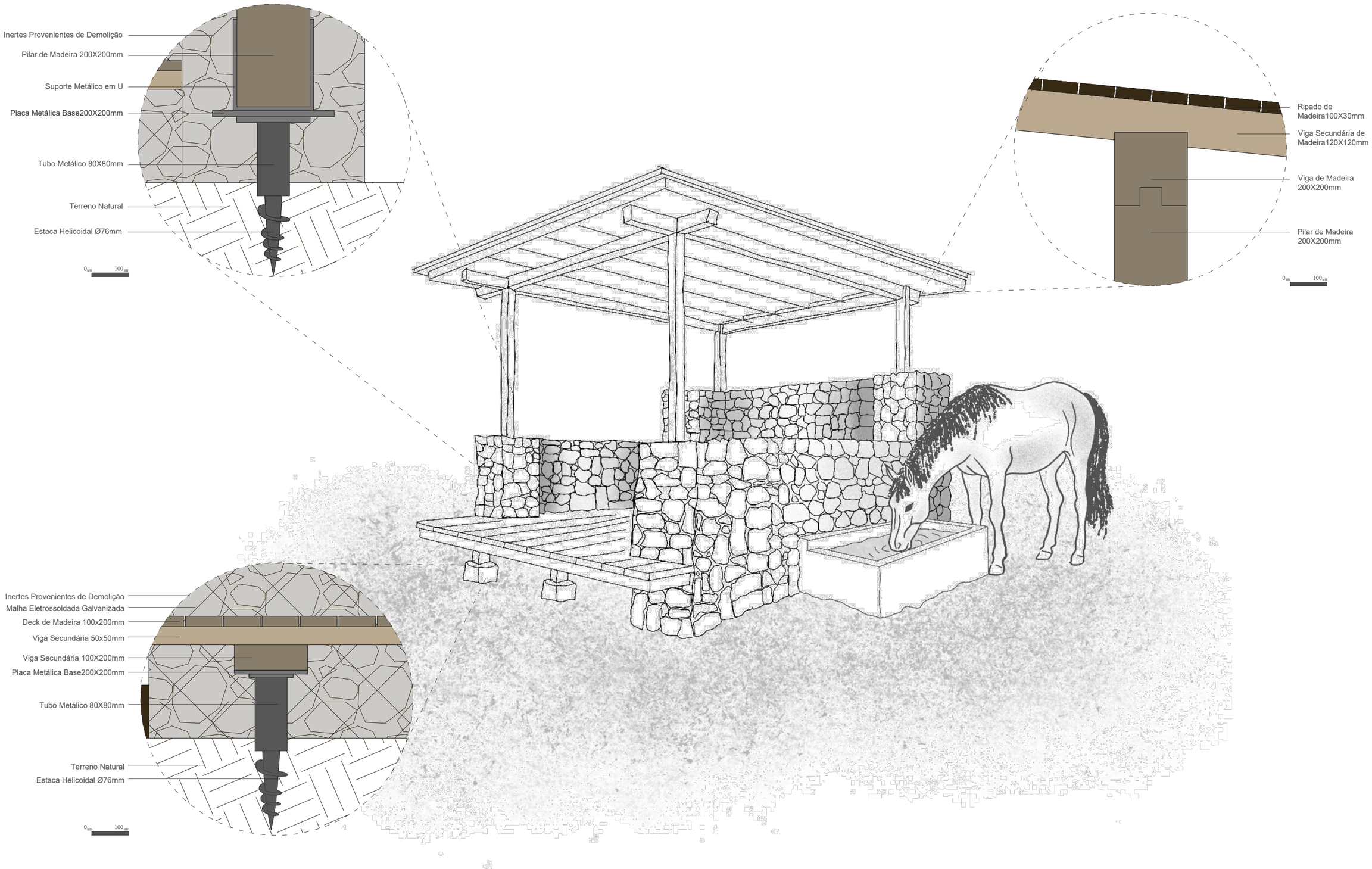


Fig. 54- Ilustração do Ponto de Observação ao Nível do Solo — Pormenores Construtivos

REDE DE PERCURSOS

A partir do sistema de libertação progressiva e das estruturas de observação associadas ao acompanhamento das manadas, a proposta expande-se para uma rede territorial mais ampla, articulando diferentes percursos relacionados com a paisagem e as dinâmicas sazonais do Garrano. A reintrodução do animal nos terrenos aforados não procura apenas restabelecer equilíbrios ecológicos e dinâmicas de pastoreio, mas também criar novas formas de relação entre comunidade, paisagem e território.

Neste contexto, o território deixa de ser entendido como espaço de atravessamento rápido, passando a assumir-se como lugar de permanência, observação e experiência lenta da paisagem. Atualmente, grande parte das dinâmicas turísticas associadas a Covide desenvolvem-se sobretudo como movimentos de passagem em direção ao Parque Nacional da Peneda-Gerês. A proposta procura contrariar esta lógica através da criação de percursos que incentivam uma relação mais contínua com o território, baseada na observação do Garrano no seu habitat natural e na descoberta gradual das dinâmicas ecológicas da montanha.

A rede de percursos procura reforçar a articulação entre a aldeia de Covide, o Centro Interpretativo do Garrano, os terrenos aforados e as áreas de permanência das manadas. Mais do que criar novos traçados de forma isolada, a intervenção baseia-se sobretudo na reativação e adaptação de caminhos já existentes, respeitando a lógica histórica de circulação associada ao território de montanha.

Os percursos organizam-se segundo diferentes escalas de utilização, integrando trajetos pedonais e equestres que acompanham a topografia, as linhas de água e as áreas de pastoreio do Garrano. Para além da circulação pedonal, os trilhos são igualmente concebidos para serem realizados a cavalo, permitindo reforçar a relação entre visitante, animal e paisagem. Neste contexto, o Garrano deixa de assumir apenas uma dimensão expositiva, passando a constituir um meio ativo de leitura e experiência do território.

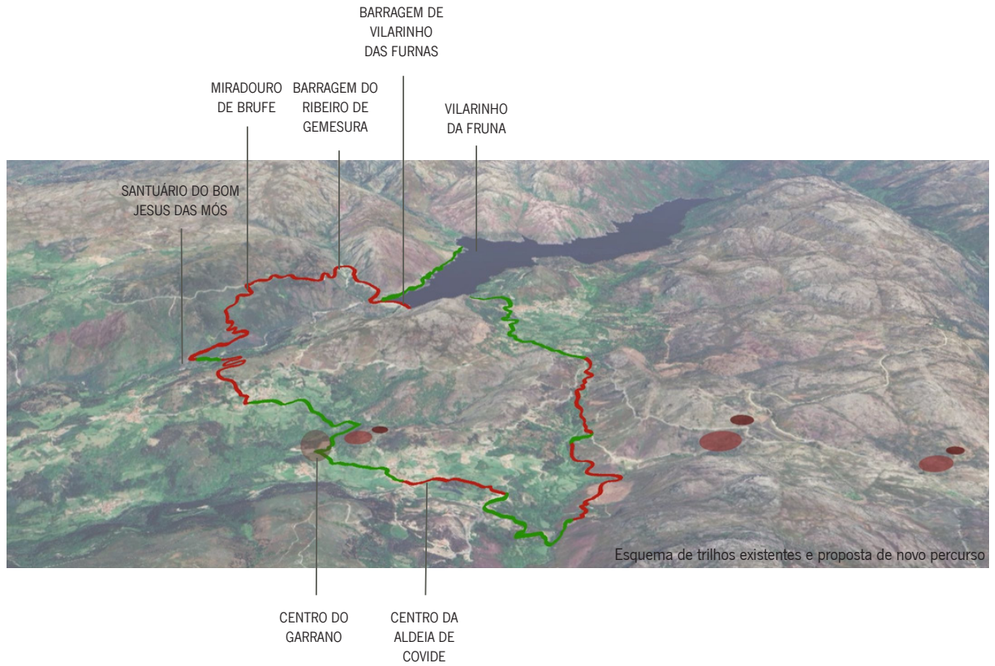
A rede territorial estrutura-se a partir de três percursos principais, desenhados de acordo com os movimentos sazonais e as áreas de permanência do Garrano ao longo do ano. Os trilhos acompanham zonas de altitude, encostas protegidas, áreas de pastoreio, pontos de água e locais de abrigo natural frequentemente utilizados pelas manadas, procurando adaptar-se às temporalidades naturais da paisagem e às próprias dinâmicas ecológicas do território.

Paralelamente, os percursos são implantados de forma a minimizar impactos ambientais, aproveitando zonas já consolidadas de passagem e reduzindo intervenções excessivamente artificializadas. Desta forma, a rede de percursos deixa de constituir apenas uma infraestrutura turística, passando a integrar um sistema territorial mais amplo associado à circulação do Garrano, à leitura da paisagem e à reativação das relações entre aldeia, montanha e comunidade.

TRILHO DA ÁGUA E DA MEMÓRIA TERRITORIAL

O Trilho da Água e da Memória Territorial (fig. 55) desenvolve-se a partir da relação histórica entre Covide, a montanha e os sistemas hídricos que estruturam o território. O percurso acompanha linhas de água, barragens e antigas áreas de permanência associadas às práticas agro-pastoris, estabelecendo uma ligação entre paisagem, memória e transformação territorial. Ao atravessar locais como a Barragem de Vilarinho das Furnas, o Santuário do Bom Jesus das Mós ou o Miradouro de Brufe, o trilho procura revelar diferentes camadas naturais e culturais associadas à montanha.

Concebido para ser realizado a cavalo e a pé, o percurso reforça formas lentas de deslocação e observação da paisagem, permitindo acompanhar as áreas de permanência do Garrano e compreender a relação histórica entre água, pastoreio e ocupação do território. Mais do que um percurso panorâmico, o trilho assume-se como uma infraestrutura de interpretação territorial, onde os elementos naturais e patrimoniais funcionam como pontos de leitura da paisagem e da memória coletiva da região.



Esquema de trilhos existentes e proposta de novo percurso

DISTÂNCIA : 20,4KM

DURAÇÃO: 5 HORAS

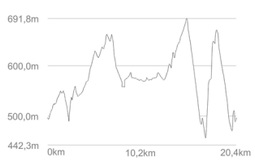
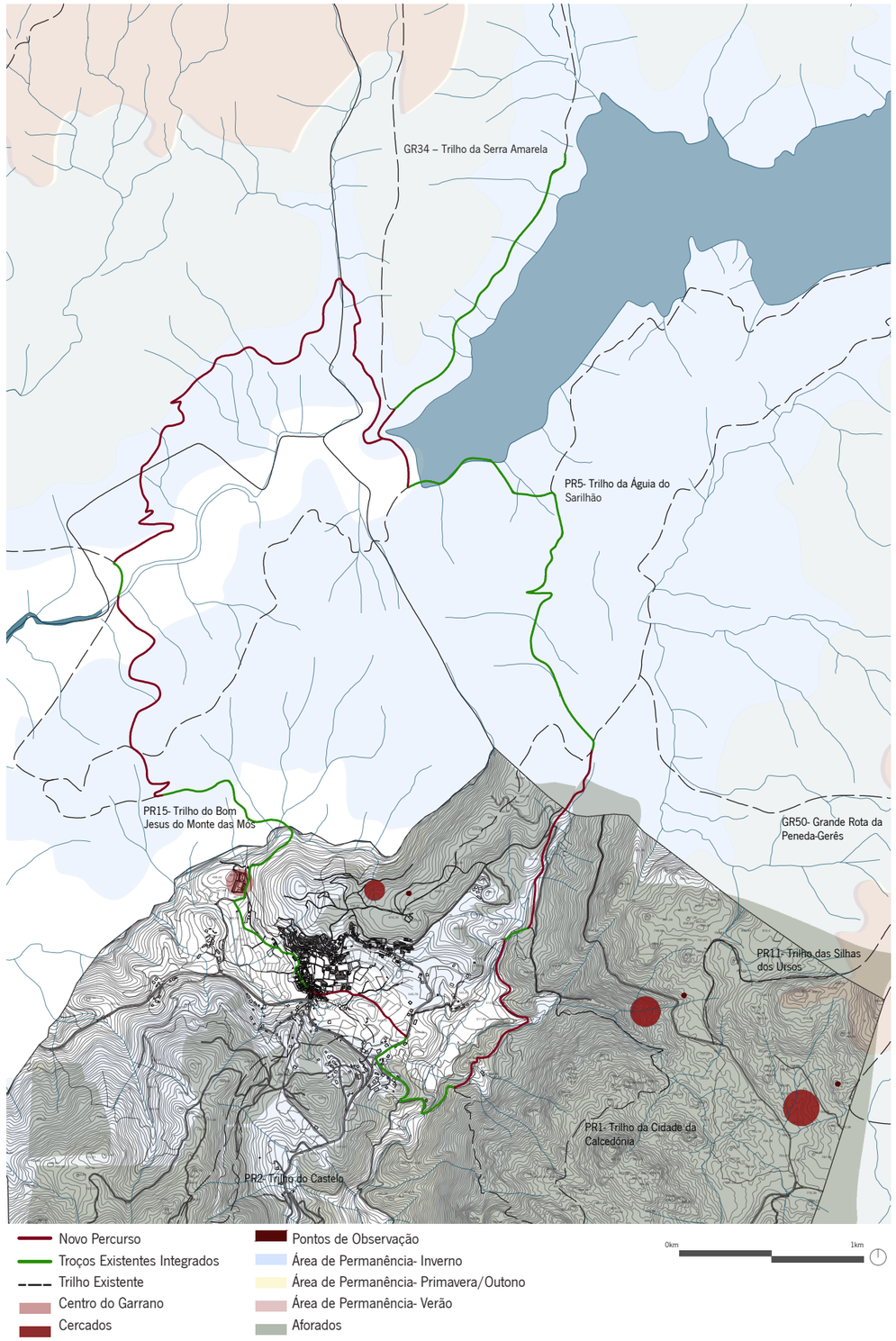


Gráfico de Elevação do Percurso

Fig. 55- Trilho da Água e da Memória Territorial



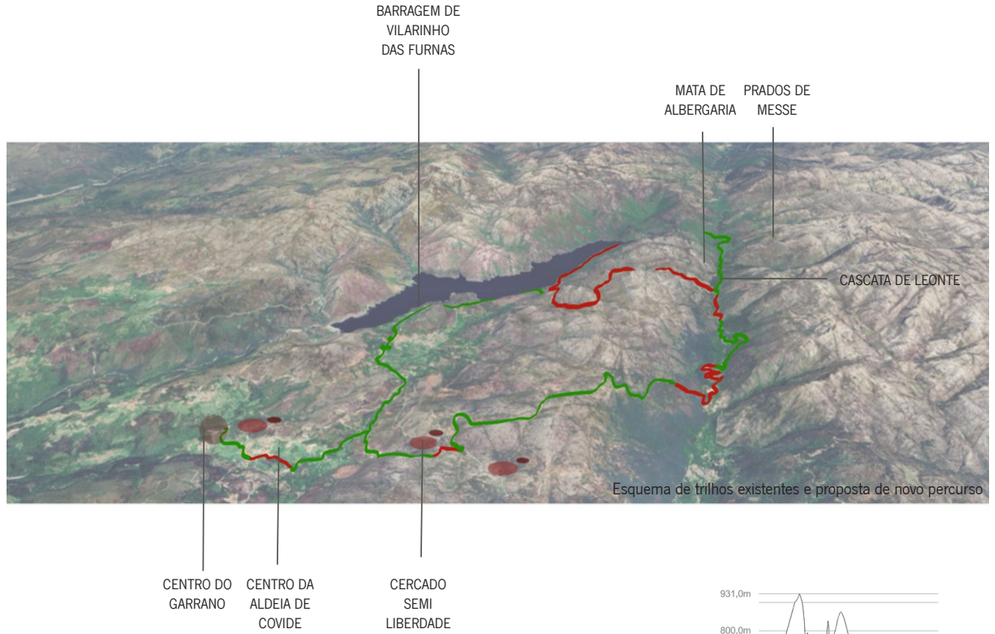
Planta de trilhos existentes e proposta de novo percurso - Trilho da Água e da Memória Territorial

TRILHO DAS PASTAGENS

O Trilho das Pastagens (fig. 56) desenvolve-se sobretudo através das áreas tradicionalmente associadas ao pastoreio e à permanência sazonal das manadas, articulando o Centro Interpretativo do Garrano, os cercados de libertação e os territórios de montanha utilizados pelos animais ao longo do ano. O percurso acompanha zonas de matos abertos, áreas de pastagem espontânea e pontos de água fundamentais para a permanência do Garrano, permitindo uma aproximação mais direta às dinâmicas ecológicas do território.

Atravessando locais como a Mata da Albergaria, os Prados da Messe e a Cascata de Leonte, o trilho procura evidenciar a relação entre o animal, a vegetação e os sistemas naturais da montanha. A possibilidade de realizar o percurso a cavalo reforça a experiência de proximidade entre visitante, animal e paisagem, recuperando formas históricas de mobilidade associadas ao território serrano.

Mais do que um percurso de circulação, o Trilho das Pastagens funciona como dispositivo de observação das dinâmicas de pastoreio e da regeneração ecológica promovida pela presença do Garrano, permitindo compreender o papel do animal na manutenção das áreas abertas e na gestão da paisagem.



DISTÂNCIA : 30,5KM

DURAÇÃO: 7 HORAS

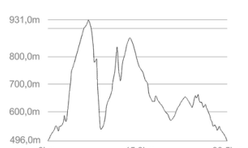
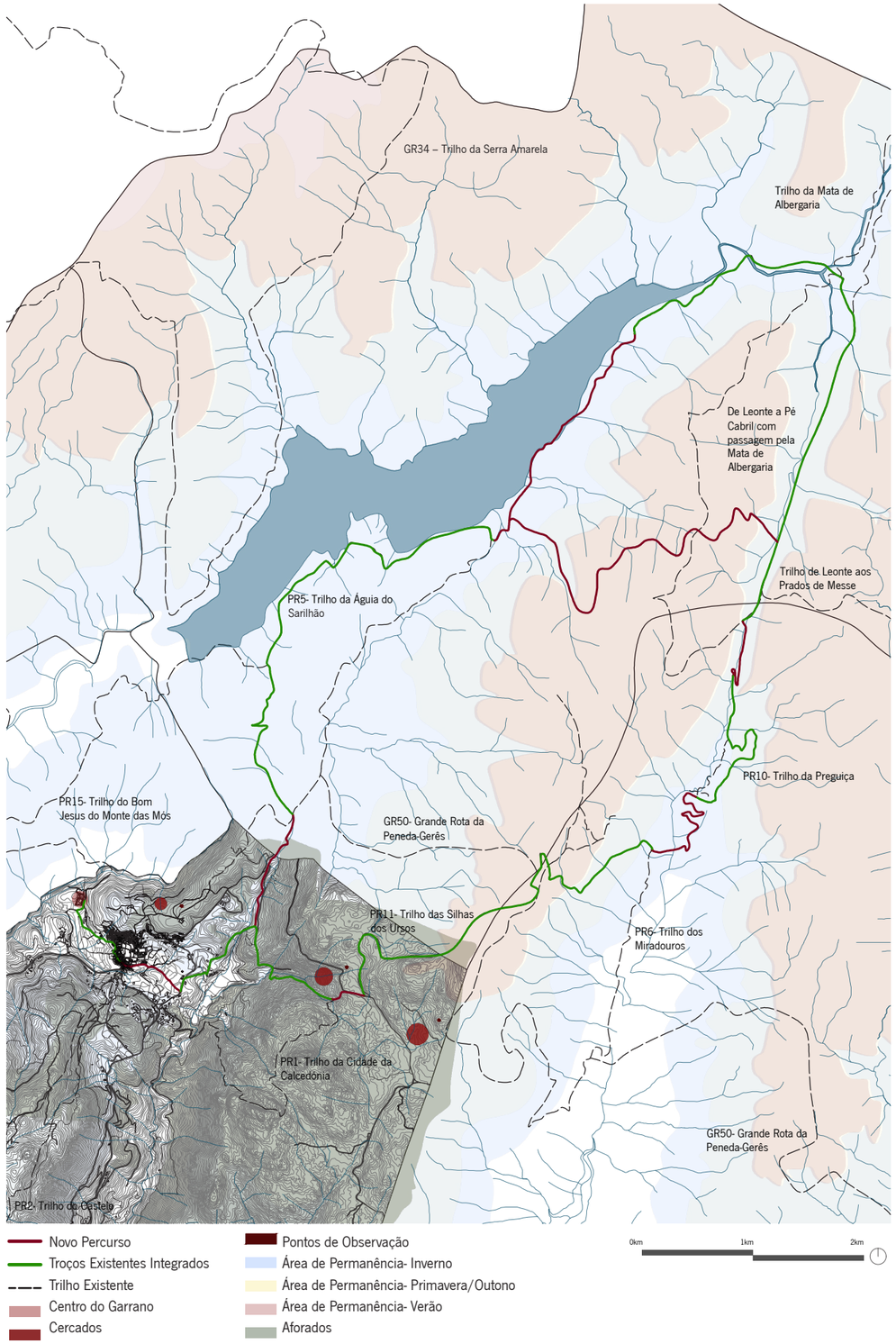


Gráfico de Elevação do Percurso

Fig. 56- Trilho das Pastagens



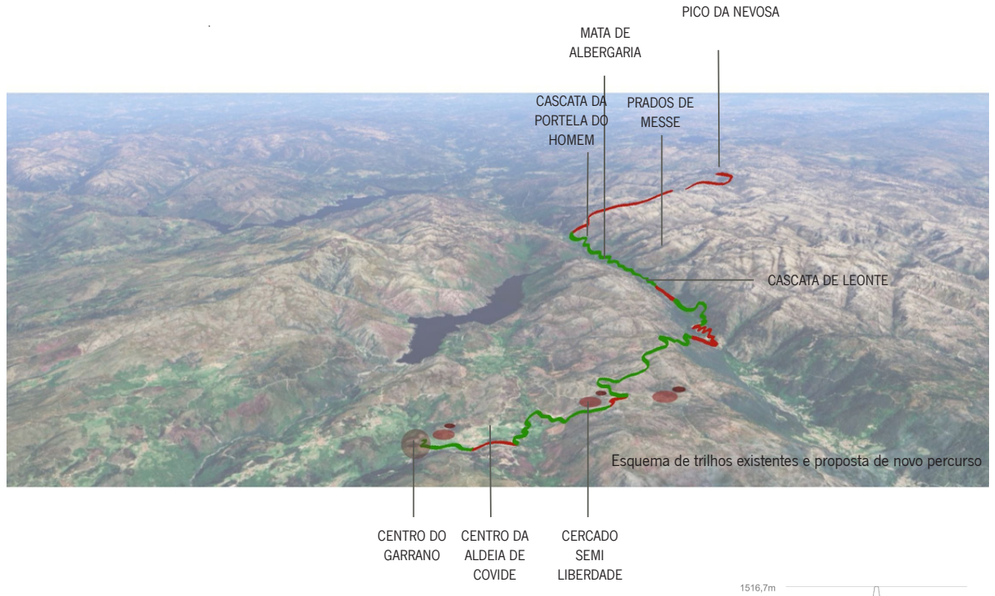
Planta de trilhos existentes e proposta de novo percurso - Trilho das Pastagens

TRILHO DO HORIZONTE

O Trilho do Horizonte (fig. 57) constitui o percurso de maior extensão territorial e altitude, desenvolvendo-se progressivamente em direção às zonas mais elevadas da Serra do Gerês. Atravessando áreas de montanha inseridas no Parque Nacional da Peneda-Gerês, o trilho acompanha territórios de elevada naturalidade onde a presença do Garrano ocorre de forma mais livre e integrada nos ecossistemas serranos.

O percurso estabelece uma relação contínua entre os sistemas de pastoreio de Covide e os territórios de altitude da serra, atravessando locais como a Mata da Albergaria, os Prados da Messe, a Cascata da Portela do Homem e o Pico da Serra do Gerês. Neste contexto, o horizonte e a amplitude visual da paisagem tornam-se elementos centrais da experiência territorial proposta.

Concebido para ser realizado a cavalo e a pé, o trilho privilegia uma relação prolongada com a montanha e com as dinâmicas naturais do território, permitindo observar o Garrano em contextos de maior liberdade e afastamento da presença humana. Mais do que um percurso panorâmico, o Trilho do Horizonte procura reforçar a ligação entre mobilidade lenta, observação da paisagem e experiência ecológica da montanha.



DISTÂNCIA : 54,7KM

DURAÇÃO: 10-14h HORAS

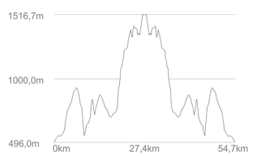
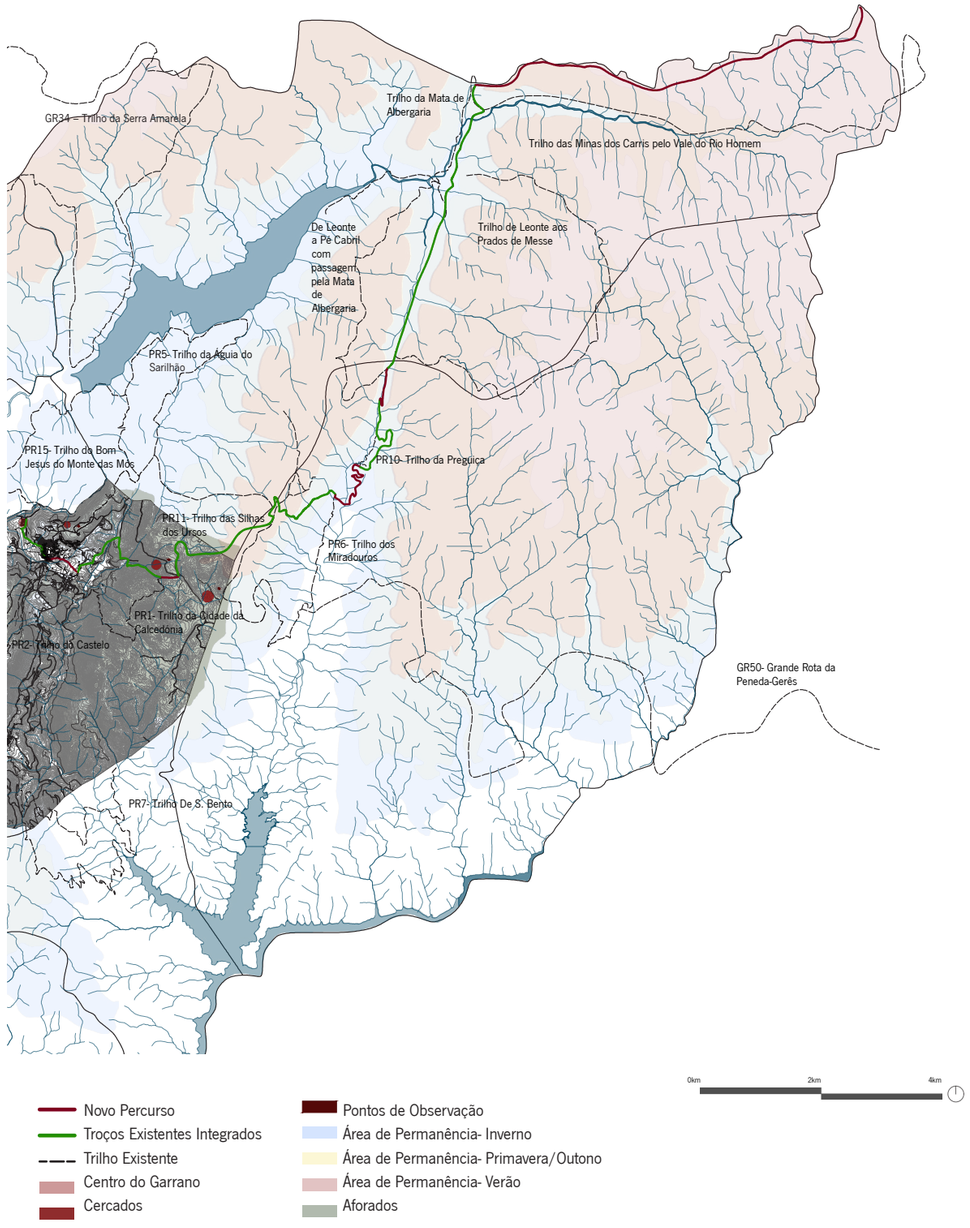


Gráfico de Elevação do Percurso

Fig. 57- Trilho do Horizonte



Planta de trilhos existentes e proposta de novo percurso - Trilho do Horizonte



Fig. 58- Garranos no seu Habitat Natural - Serra da Cabreira

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação procurou compreender de que forma a arquitetura pode contribuir para a regeneração de territórios rurais em processo de despovoamento e retração funcional, tomando a aldeia de Covide como caso de estudo. A análise desenvolvida ao longo do trabalho evidenciou um território marcado pela perda progressiva de população, pelo abandono das práticas agro-pastoris tradicionais e pela crescente desvinculação entre comunidade, paisagem e sistemas produtivos locais.

Paralelamente, verificou-se uma progressiva transformação das dinâmicas territoriais associadas ao turismo, frequentemente centradas numa lógica de atravessamento rápido em direção ao Parque Nacional da Peneda-Gerês, reduzindo a aldeia a um espaço de passagem e enfraquecendo a relação entre visitante e território. Neste contexto, o encerramento e abandono do Centro Interpretativo do Garrano tornou-se particularmente representativo da fragilidade de estratégias excessivamente dependentes de modelos turísticos expositivos e pouco articulados com as dinâmicas locais e ecológicas da montanha.

Perante esta realidade, a proposta procurou desenvolver uma estratégia de intervenção assente nos princípios do decrescimento, da reutilização e da regeneração territorial, reinterpretando o Garrano não apenas como património biológico e cultural, mas como uma verdadeira infraestrutura ecológica e territorial. A reintrodução progressiva do animal nos terrenos aforados permitiu estruturar um sistema capaz de articular criação, pastoreio, monitorização, regeneração paisagística e experiência territorial, reforçando simultaneamente a relação entre arquitetura, ecologia e comunidade.

Neste sentido, o projeto ultrapassa a escala do edifício isolado, entendendo a arquitetura como parte integrante de um sistema territorial mais amplo. A reabilitação do Centro Interpretativo do Garrano deixa de procurar apenas a recuperação física de um equipamento devoluto, passando a funcionar como núcleo operativo associado à gestão das manadas, aos sistemas de pastoreio, à monitorização territorial e à articulação entre aldeia, aforados e paisagem de montanha.

Paralelamente, a criação de uma rede de percursos e pontos de observação procurou estabelecer novas formas de aproximação ao território, promovendo experiências de permanência lenta e observação consciente da paisagem e do Garrano no seu habitat natural. A reutilização de materiais provenientes das demolições do centro na construção das novas estruturas permitiu ainda reforçar os princípios de baixa artificialização e reutilização de recursos presentes ao longo da proposta.

Mais do que apresentar uma solução definitiva para os problemas identificados, o trabalho procurou demonstrar o potencial da arquitetura enquanto ferramenta de mediação entre território, ecologia e comunidade. A proposta entende o processo de regeneração não como uma recuperação nostálgica do passado, mas como a construção de novas formas de relação entre práticas tradicionais, sistemas naturais e modos contemporâneos de habitar e experienciar a paisagem.

Desta forma, o Garrano deixa de assumir apenas uma dimensão simbólica ou patrimonial, passando a constituir um elemento ativo na reativação ecológica, cultural e territorial de Covide. Através da articulação entre arquitetura, paisagem e práticas comunitárias, a proposta procura contribuir para a construção de um território mais resiliente, habitado e ecologicamente integrado, onde a permanência, a observação e o cuidado voltam a assumir um papel central na relação entre comunidade e montanha.

ANEXOS

ANEXO 1

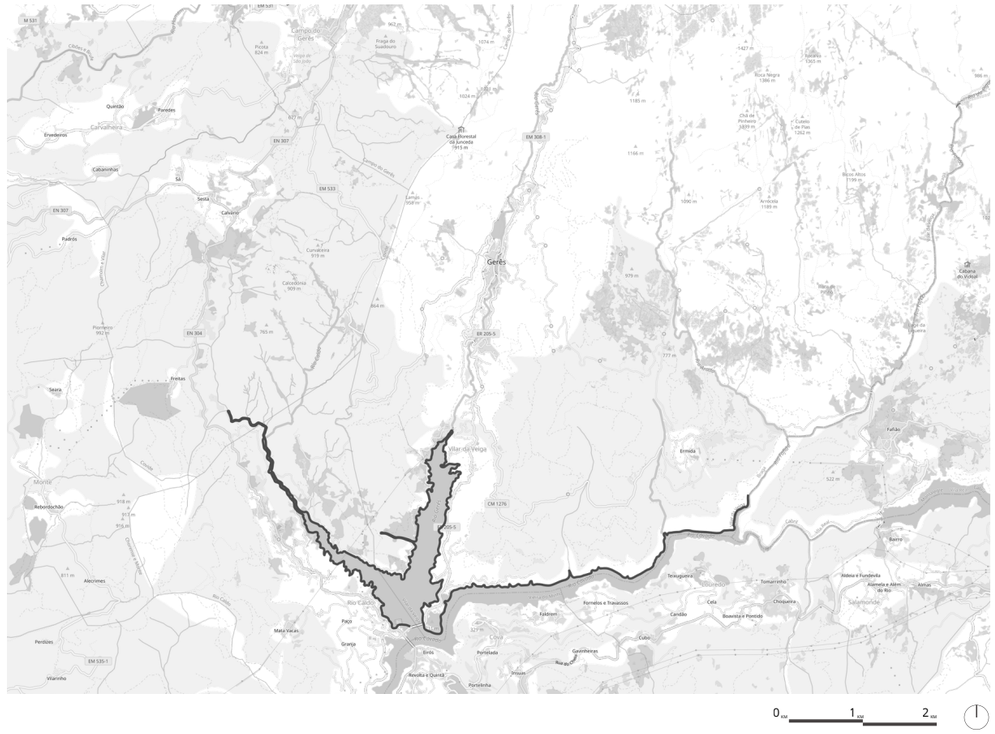


Fig. 59- Mapa da Caça e Pesca

ANEXO 2

ANEXO 2A

Entrevista à Associação de Criadores de Equinos da Raça Garrana (ACERG)

Excerto revisto e corrigido

Sofia: Então, nós começámos a desenvolver um projeto em Covide, em Terras de Bouro, devido ao risco de despovoamento da aldeia. Como tema de projeto, pretendíamos intervir em Covide, atrair mais pessoas, reabilitar algumas estruturas e introduzir novas dinâmicas no local. Quando começámos a analisar a aldeia, percebemos que existia o Centro Interpretativo do Garrano, reabilitado em 2022, mas atualmente sem utilização.

Dr. José Leite: Não funciona.

Sofia: Exatamente. A partir daí procurámos trabalhar em torno da ideia do Garrano, compreender a sua importância histórica em Covide e perceber de que forma estes animais poderiam contribuir para a regeneração do território. Surgiu então a ideia de reabilitar e reorientar o Centro Interpretativo para um espaço associado à criação da raça, permitindo reinserir o cavalo no território de Covide e reforçar a ligação com a população local. No entanto, durante este processo surgiram várias questões relacionadas com a criação, domesticação e eventual libertação dos animais na serra.

Dr. José Leite: Eu vou-lhe explicar como tudo começou. Isso tem uma história longa. Fomos nós que estivemos na génese da criação daquele centro. Havia uma senhora que tinha sido distinguida pelo Presidente da República com o título de Comendadora e que era muito dinâmica. Inicialmente, pretendíamos reabilitar uma aldeia abandonada junto ao cruzamento de Covide, através de um programa comunitário. A ideia era exatamente semelhante àquilo que vocês pretendem agora: recuperar a aldeia e criar novas dinâmicas. No entanto, essa proposta não foi bem recebida pela população e acabámos por abandonar o projeto, porque não se pode intervir contra a vontade das pessoas.

Mais tarde, essa senhora disponibilizou gratuitamente um terreno para construirmos o centro. A ideia era que o espaço tivesse os cavalos presentes, estábulos ativos, visitas regulares e atividades associadas ao Garrano, criando movimento e vida naquele território.

Entretanto, a Câmara Municipal decidiu avançar com o projeto. Nós também enfrentávamos dificuldades financeiras, por isso acabou por ser uma solução viável. Contudo, o projeto acabou por se afastar da visão inicial da associação. Os arquitetos chegaram a visitar vários espaços connosco, incluindo instalações em Alter, de forma a perceber como os estábulos e os espaços associados aos cavalos deveriam funcionar. Apesar disso, o resultado final acabou por não corresponder totalmente àquilo que defendíamos.

Sempre dissemos que, em tudo o que estivesse relacionado com os Garranos, estaríamos disponíveis para ajudar. Mais tarde houve uma nova tentativa de reabilitar o centro e voltámos a colaborar, explicando a história e o funcionamento da raça, mas o espaço voltou a não avançar.

Dr. Susana Lopes: Na altura foi elaborado um documento onde se explicava toda a organização do espaço. Vocês não tiveram acesso a esse documento?

Sofia: Um documento relativo à organização funcional do centro?

Dr. Susana Lopes: Sim. O espaço estava dividido por secções interpretativas.

Dr. José Leite: Na minha opinião, a única forma de reabilitar verdadeiramente aquele espaço seria através da presença constante de pessoas, especialmente escolas e grupos organizados. As crianças poderiam visitar o centro, aprender o que é um Garrano, ter contacto com o cavalo e com a temática da natureza. Poderia existir uma vertente ligada à fauna, à flora e ao território do Gerês.

A ideia seria criar uma espécie de escola temática associada ao Garrano e à paisagem, permitindo às crianças e visitantes um primeiro contacto com o animal e com o território. Isso manteria o espaço permanentemente ativo.

Sofia: Em relação à criação, como é que isso funciona?

Dr. José Leite: A criação implica custos e responsabilidades. Para existir criação é necessário haver animais, alimentação, acompanhamento e pessoas responsáveis. Podem existir criadores interessados em colocar animais no centro, pagando ou não, permitindo que esses animais sejam utilizados em atividades educativas ou de equitação.

Sofia: A nossa ideia seria tornar o centro mais interativo e mais focado no Garrano, menos associado exclusivamente à equitação.

Dr. José Leite: Podem coexistir as duas vertentes. Os animais podem servir para exposição, mas também para passeios ou atividades.

Sofia: Pensámos igualmente na possibilidade de associar a criação aos trilhos já existentes em Covide.

Dr. José Leite: Isso pode funcionar, mas a criação implica sempre custos e responsabilidade.

Questão da libertação dos animais

Sofia: A nossa ideia surgiu da possibilidade de criar animais no centro e reinseri-los posteriormente no território de Covide.

Dr. Susana Lopes: Os animais têm sempre de ter proprietário, marca de exploração e alguém responsável por eles. Não podem simplesmente permanecer livres sem acompanhamento.

Sofia: Foi precisamente essa questão que nos levantou dúvidas, porque vimos entrevistas e textos onde os animais aparecem a circular livremente nas serras.

Dr. Susana Lopes: Esses animais pertencem a criadores que os colocam em baldios ou áreas comunitárias.

Sofia: Covide possui uma área significativa de terrenos aforados.

Dr. Susana Lopes: Sim, mas esses terrenos podem já estar associados a outros usos ou proprietários.

Sofia: Nós falámos com o presidente dos aforados e tentámos perceber de que forma esses terrenos eram utilizados. Foi-nos dito que muitos deles não estavam associados à colocação de animais.

Dr. Susana Lopes: O principal problema continua a ser o custo da alimentação e da manutenção dos animais.

Dr. José Leite: O grande problema da libertação de animais criados em ambiente doméstico é a sua adaptação à serra. Aqui existe um grande predador, o lobo. Um animal que não esteja habituado às condições da serra torna-se muito vulnerável.

Sofia: A nossa ideia passava pela criação de cercados nos aforados, permitindo uma adaptação gradual dos animais ao território.

Dr. José Leite: Isso exigiria cercas de grande dimensão.

Dr. Susana Lopes: Provavelmente cercas elétricas.

Sofia: A ideia seria que os animais permanecessem nesses cercados até atingirem uma maior capacidade de adaptação.

Dr. Susana Lopes: Isso é possível, mas é sempre necessário alguém responsável pelos animais, mesmo que sejam utilizados sistemas de monitorização GPS.

Utilização do centro e multifuncionalidade

Sofia: Pensámos também que o picadeiro pudesse transformar-se num espaço multiusos, permitindo receber atividades comunitárias.

Dr. Susana Lopes: Aqui utilizamos o nosso espaço para atividades educativas, aulas e pequenos eventos.

Maria: A ideia seria criar estruturas temporárias que permitissem transformar o picadeiro num espaço multifuncional.

Sofia: Inicialmente pensámos que o espaço poderia perder parcialmente a função original de picadeiro,

caso o centro assumisse uma vertente mais ligada à criação e monitorização da raça.

Dr. Susana Lopes: Talvez funcionasse melhor se houvesse criadores interessados em colocar lá alguns animais mais mansos, permitindo às pessoas conhecer o Garrano.

Sofia: Pretendemos igualmente associar os animais à aldeia, nomeadamente a atividades agrícolas e percursos territoriais.

Dr. Susana Lopes: Seria interessante, embora dependesse muito da adesão da população.

Relação com o território

Sofia: Pensámos em utilizar os terrenos aforados como espaços de semiliberdade, permitindo aos animais uma adaptação gradual ao território.

Dr. Susana Lopes: Isso implicaria sempre autorização dos compartes e responsabilidade contínua.

Dr. José Leite: Os animais que vivem atualmente na serra já estão adaptados às condições do território. O problema é introduzir animais domesticados nesse contexto.

Sofia: Percebemos então que talvez fosse mais viável trazer animais da serra para domesticação do que o processo inverso.

Dr. José Leite: Exatamente.

Considerações finais

Dr. José Leite: Aquilo que considero mais importante é perceber como envolver os criadores e a comunidade local. O projeto só funciona se houver participação das pessoas.

Dr. Susana Lopes: Qualquer questão que tenham podem sempre contactar a associação.

Sofia: Muito obrigada pela disponibilidade.

ANEXO 2B











Fig. 60- Levantamento Fotográfico na ACERG



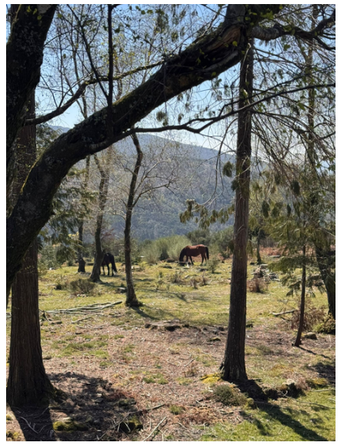


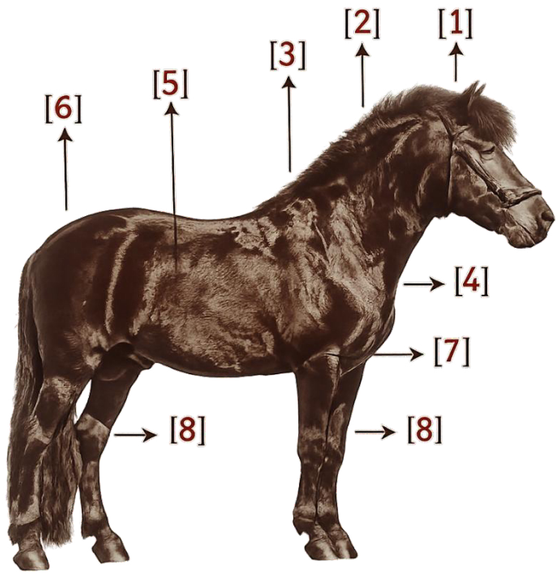



Fig. 61- Levantamento Fotográfico de Garranos na Serra da Cabreira

ANEXO 3

O seu nome deriva, segundo J. Pokorny, do radical indo-europeu *gher*, que significa "curto" ou "pequeno", refletindo uma das características morfológicas mais distintivas da raça. Criado frequentemente em regime de semiliberdade, o Garrano mantém características comportamentais e adaptativas profundamente ligadas ao meio natural, sendo considerado por diversos autores e investigadores como um dos últimos testemunhos vivos do antigo cavalo selvagem da Península Ibérica.[1]

PADRÃO DA RAÇA GARRANA



[1] ATAHCA – Associação de Desenvolvimento das Terras Altas do Homem, Cávado e Ave. (2012). *I Congresso Internacional do Garrano: candidatura a património nacional – Livro de atas* (pp. 30–33). ATAHCA. Consultado em 22 de dezembro de 2025, em http://garrano.ipvc.pt/files/livro_atas.pdf

Fig. 62- Padrão da Raça Garrana

TIPO: Perfil recto, por vezes concâvo. Animais de corpo atarracado, perni-curtos, de sólida constituição óssea.

ALTURA MÉDIA: Medida ao garrote, nos animais adultos: 1,35m. A altura recomendável é de 1,23m.

PELAGEM: Predominantemente castanha, podendo apresentar tonalidades mais escuras. Geralmente sem marcas, com zonas mais claras no focinho e, ocasionalmente, no ventre e nos membros. Topete abundante, com crinas e cauda de cor preta.

TEMPERAMENTO: O Carácter dócil. O macho inteiro tem muita vivacidade mas, após o desbaste, torna-se tolerante no trabalho e manso. É um cavalo de fundo, resistente, sóbrio e fácil de ensinar.

ANDAMENTOS: Rápidos e ágeis. Em terrenos de montanha revelam firmeza e segurança, adaptando-se facilmente a caminhos acidentados. Demonstram facilidade em aprender andadura e passo travado.

APTIDÃO: Sela, tiro ligeiro e carga a dorso, com especial aptidão para caminhos de montanha e pequenos trabalhos agrícolas.

CABEÇA [1] fina, vigorosa e máscula, de perfil geralmente recto ou ligeiramente côncavo. Apresenta fronte convexa, olhos expressivos, narinas largas, orelhas médias e ganachas fortes e musculosas.

PESCOÇO [2] Bem dirigido e musculoso, mas curto e grosso, especialmente nos ga-ranhões.

GARROTE [3] Baixo e pouco destacado.

PEITORAL [4] Amplo.

COSTELAS [5]: geralmente chatas e verticais.

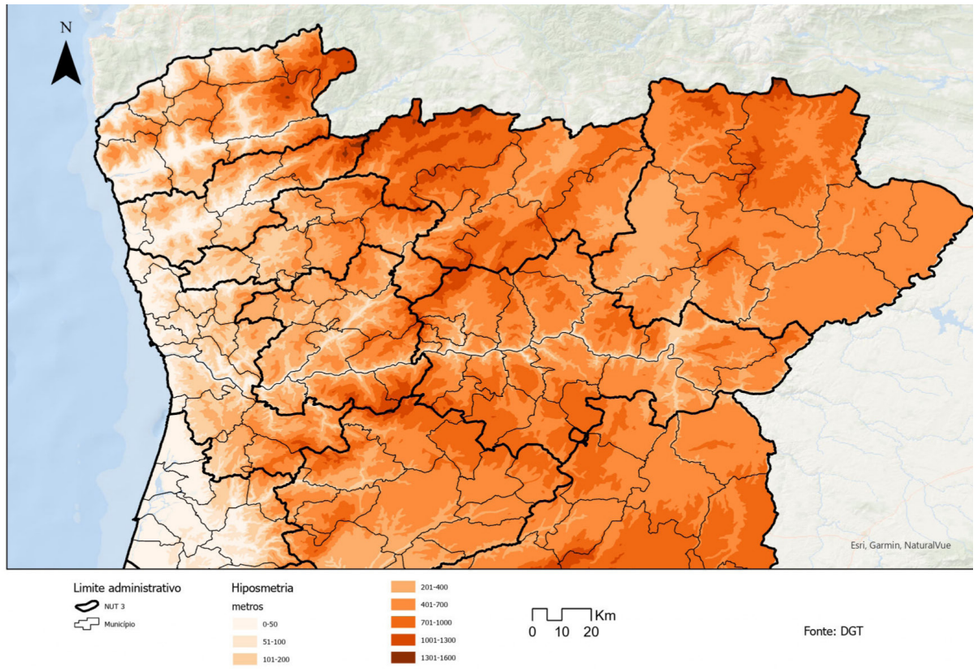
GARUPA [6] De ancas saídas, é forte, larga, tendente para o horizontal.

ESPÁTULA [7] Vertical e curta.

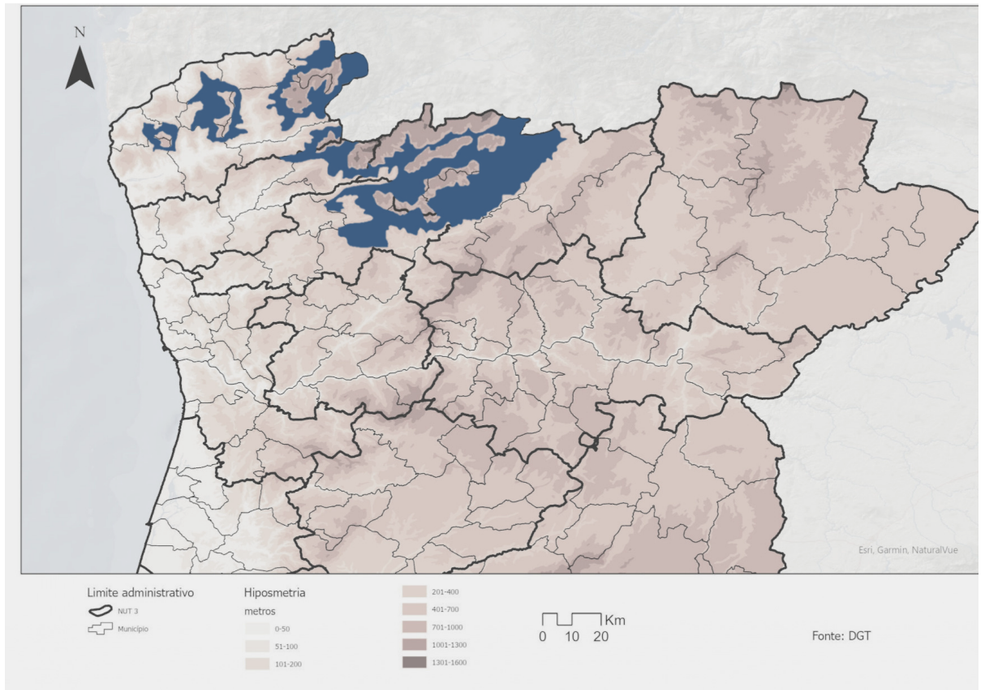
MEMBROS [8] aprumados, curtos e robustos, com quartelas direitas revestidas por pêlo espesso. Cascos de forma cilíndrica.[2]

[2] Leite, J. V., & Dantas, R. (Coords.). (2017). *Livro genealógico da raça Garrana: Stud book 2011–2015* (Tomo IV). Município de Ponte de Lima; Associação de Criadores de Equinos de Raça Garrana.

ANEXO 4

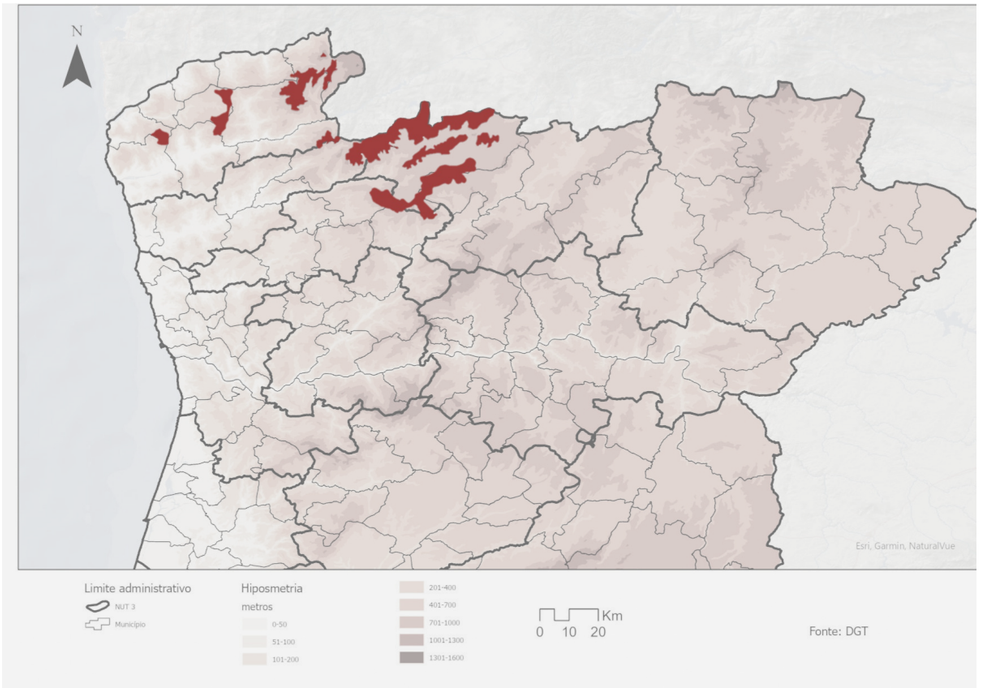


Hipsometria do Norte de Portugal

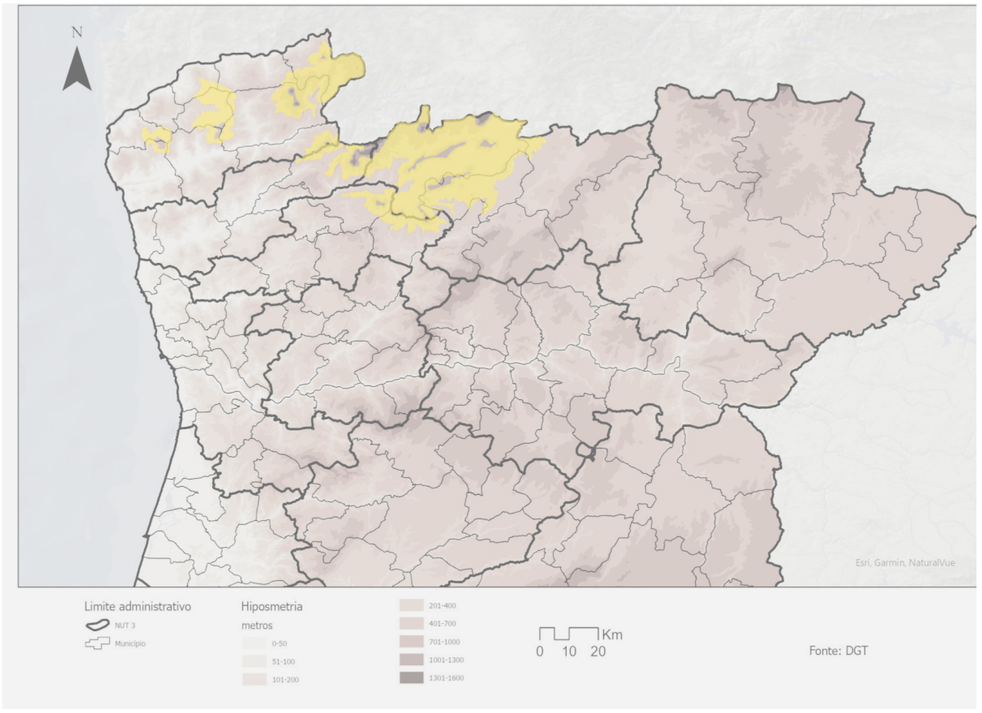


Zona de Permanêcia do Garrano-Inverno

Fig. 63- Hipsometria do Norte de Portugal e respetivas Zonas de Permanência do Garrano



Zona de Permanêcia do Garrano- Verão



Zona de Permanêcia do Garrano- Primavera/Outono

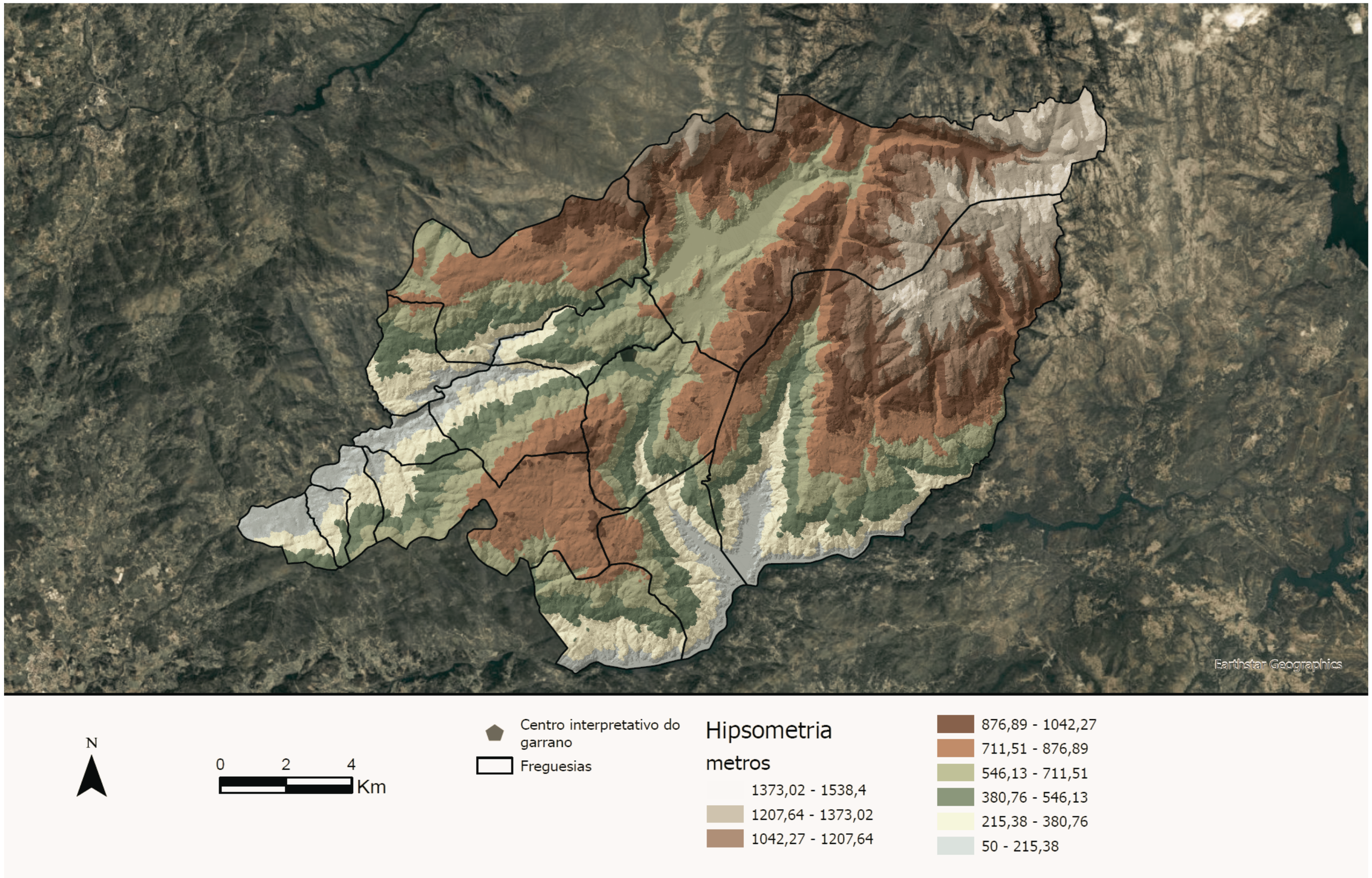


Fig. 64- Hipsometria de Terras de Bouro

ANEXO 5

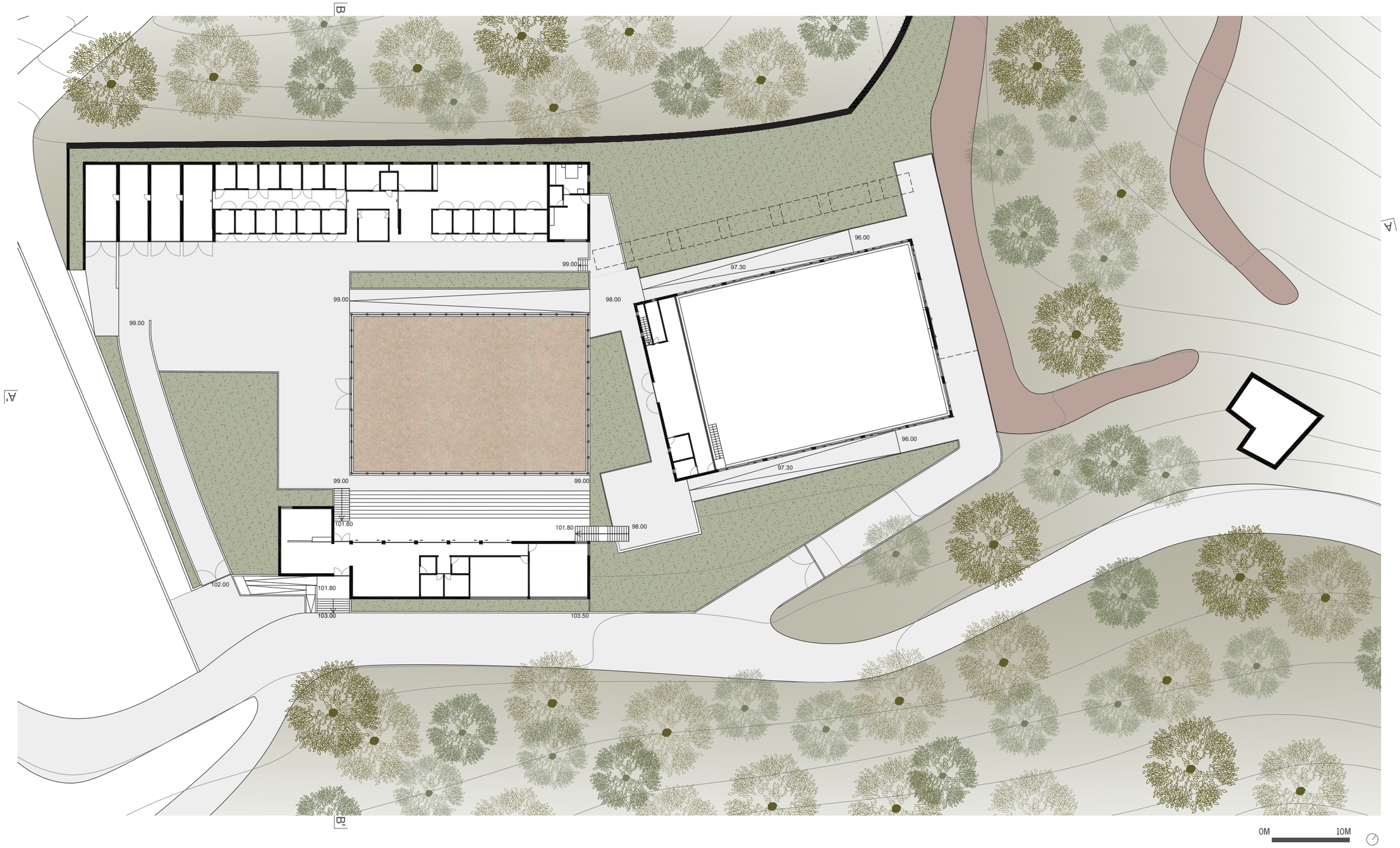


Fig. 65- Planta atual do Centro Interpretativo do Garrano - Piso 0

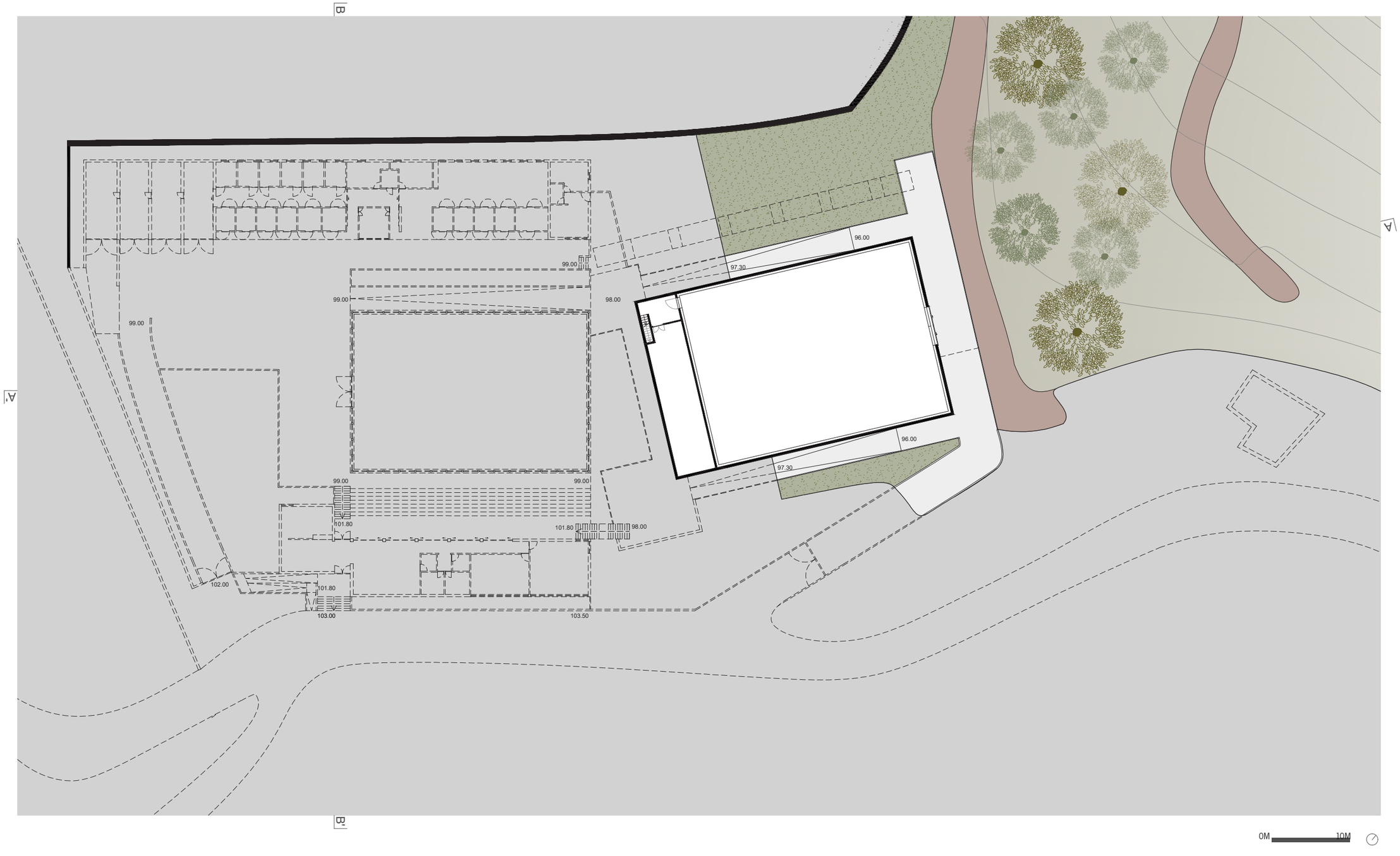
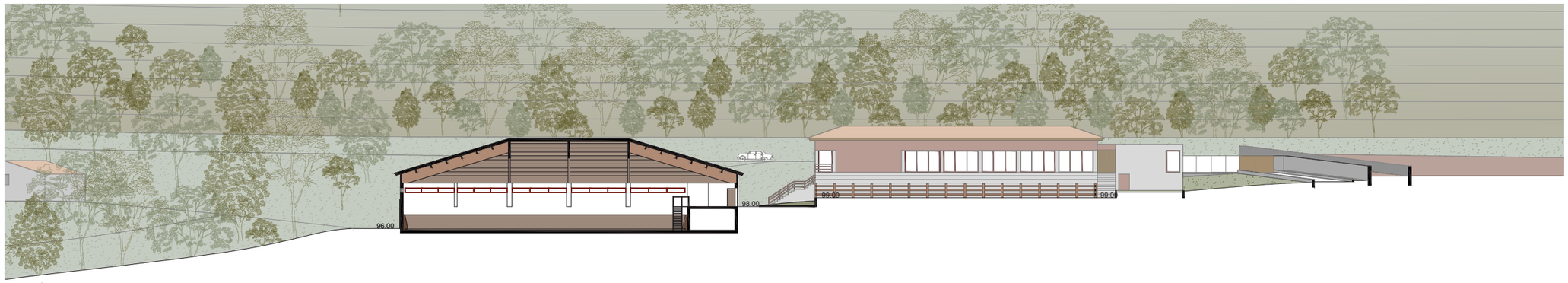
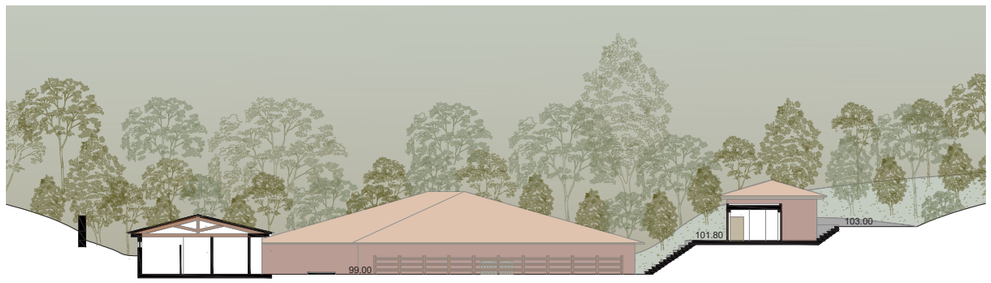


Fig. 66- Planta atual do Centro Interpretativo do Garrano - Piso -1



Secção AA'



Secção BB'



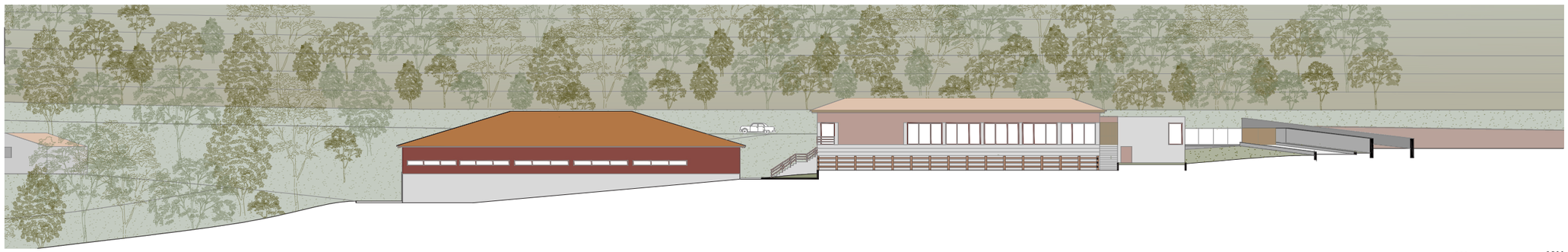
Alçado do Edifício Cavalariças



Alçado do Edifício Administrativo



Alçado do Edifício Picadeiro



Alçado do Edifício Picadeiro e Administrativo

0M 10M

Fig. 67- Secções e Alçados atuais do Centro Interpretativo do Garrano

ANEXO 6

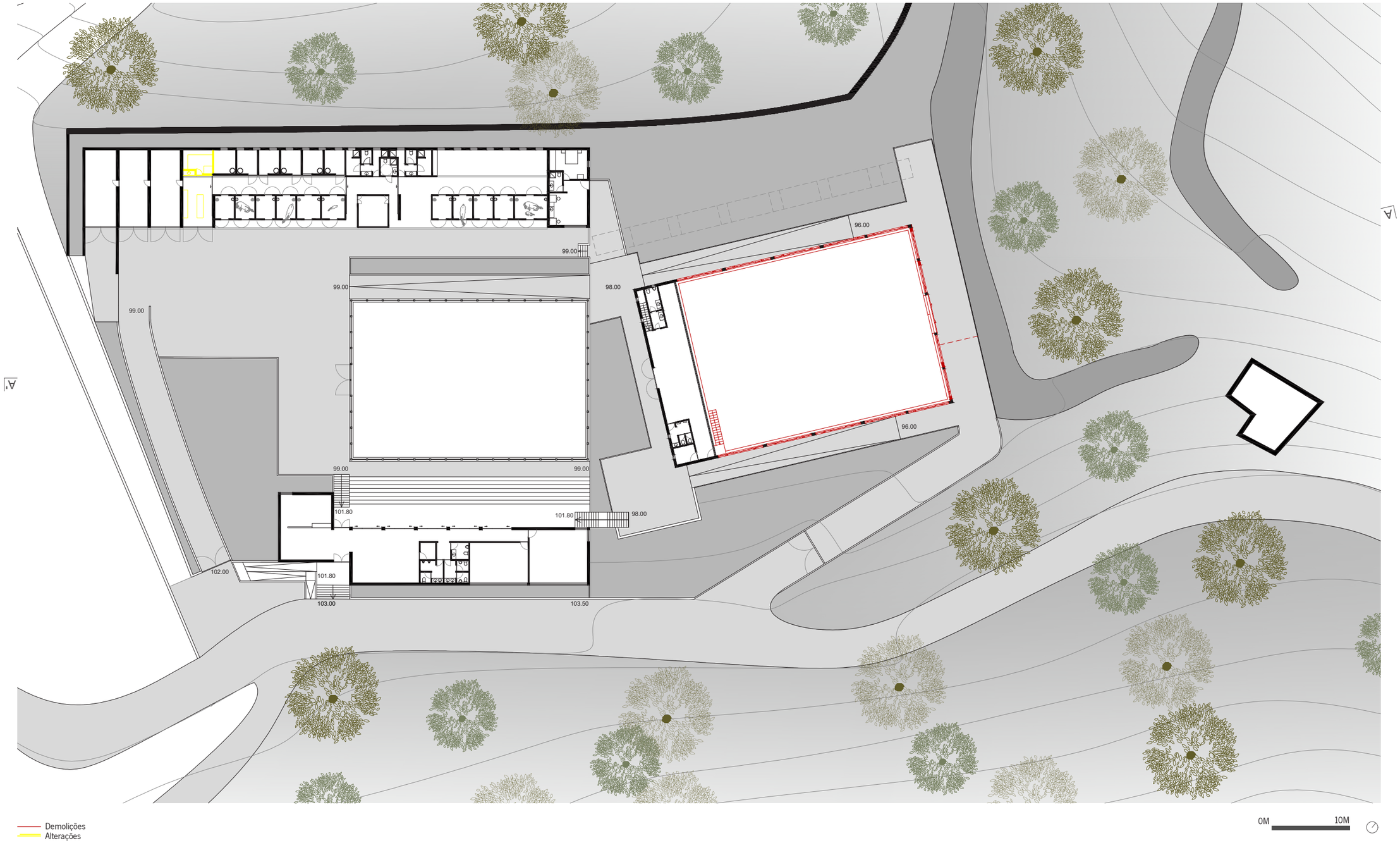


Fig. 68- Planta de Vermelhos e Amarelos Centro Interpretativo do Garrano - Piso 0

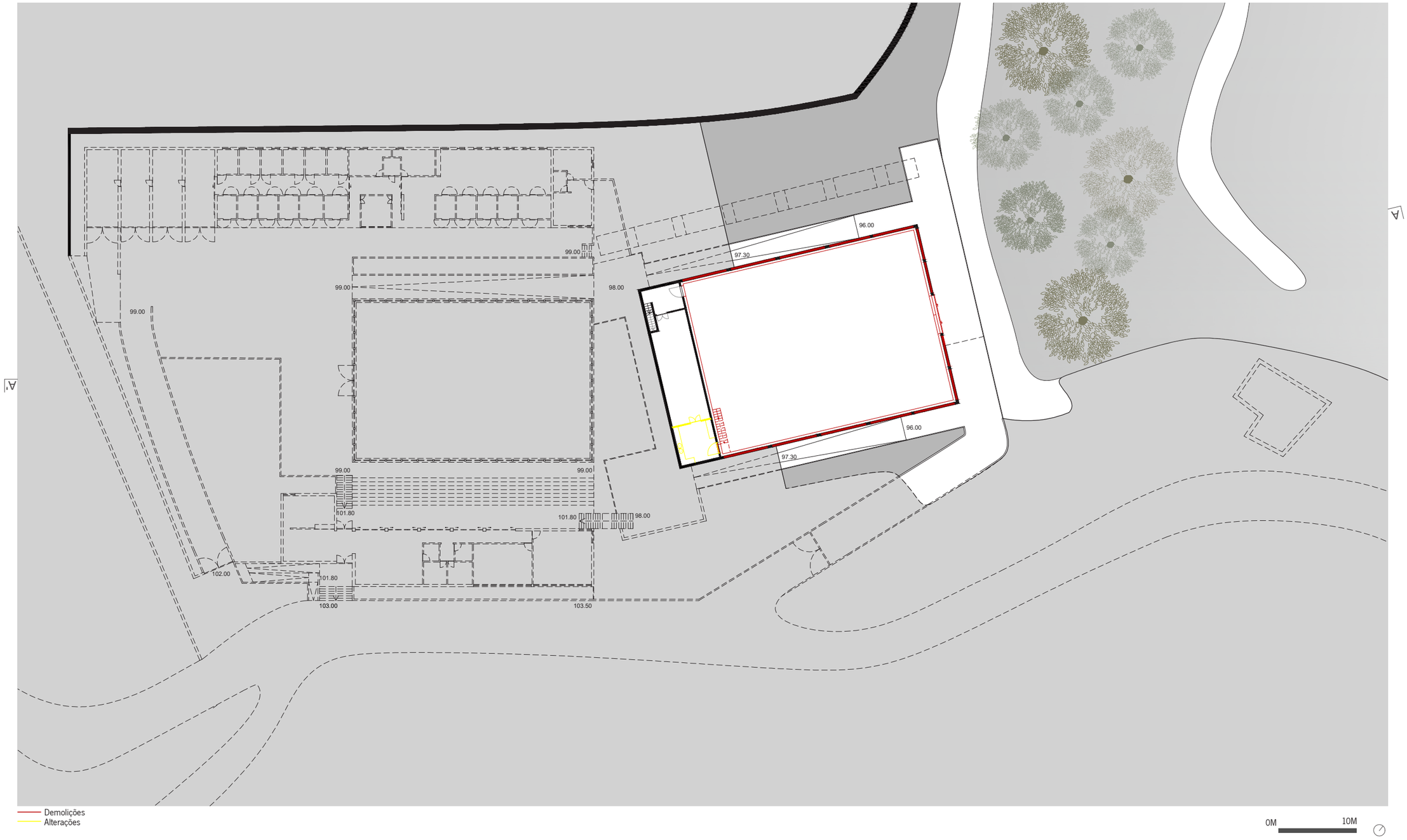


Fig. 69- Planta de Vermelhos e Amarelos Centro Interpretativo do Garrano - Piso -1

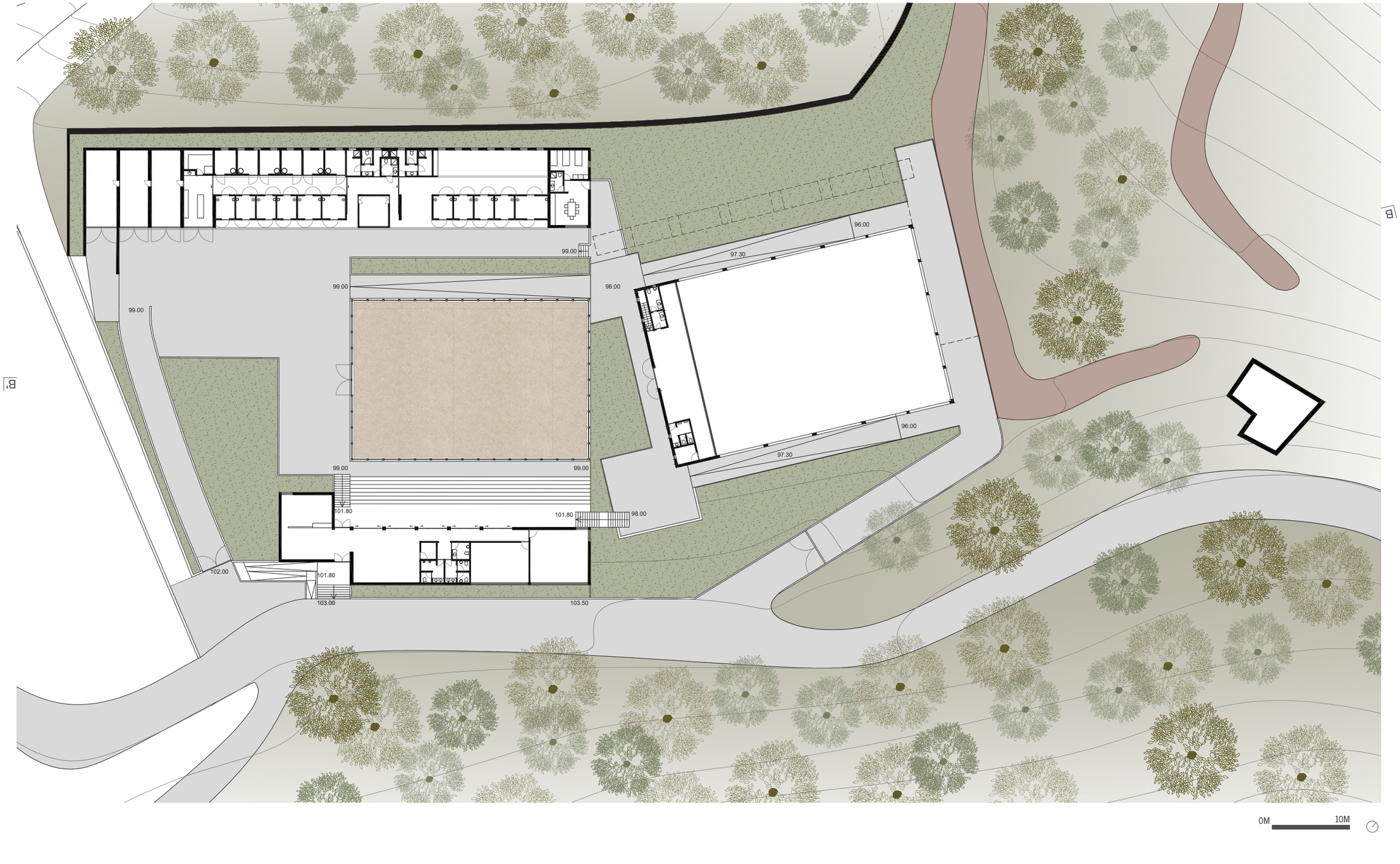


Fig. 70- Planta de Intervenção do Centro Interpretativo do Garrano - Piso 0

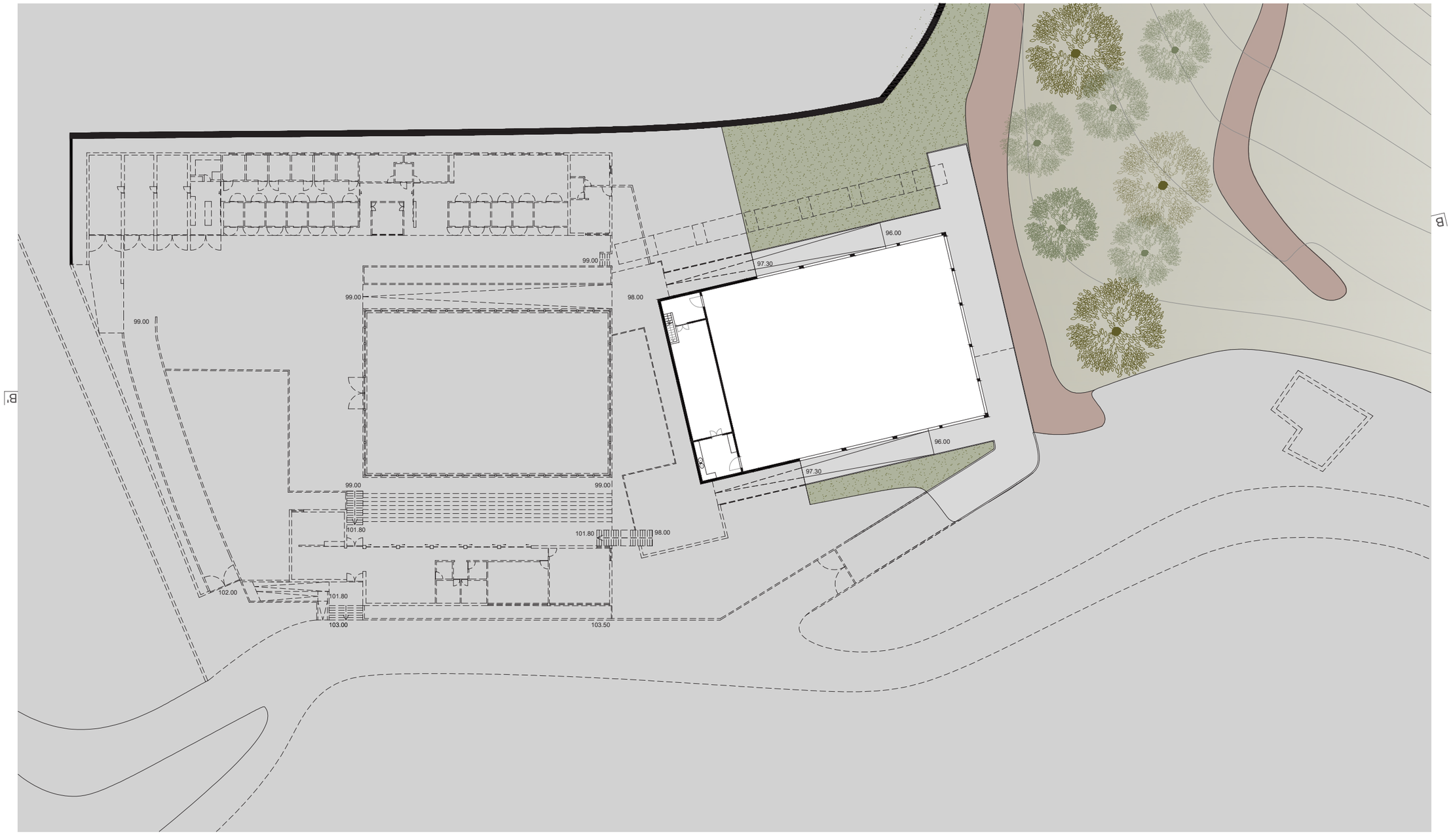
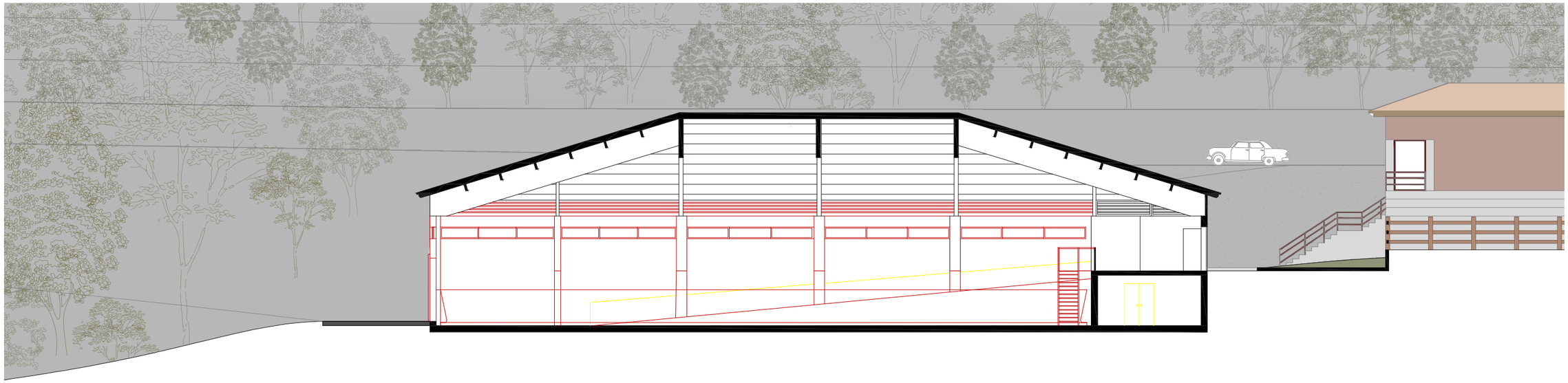
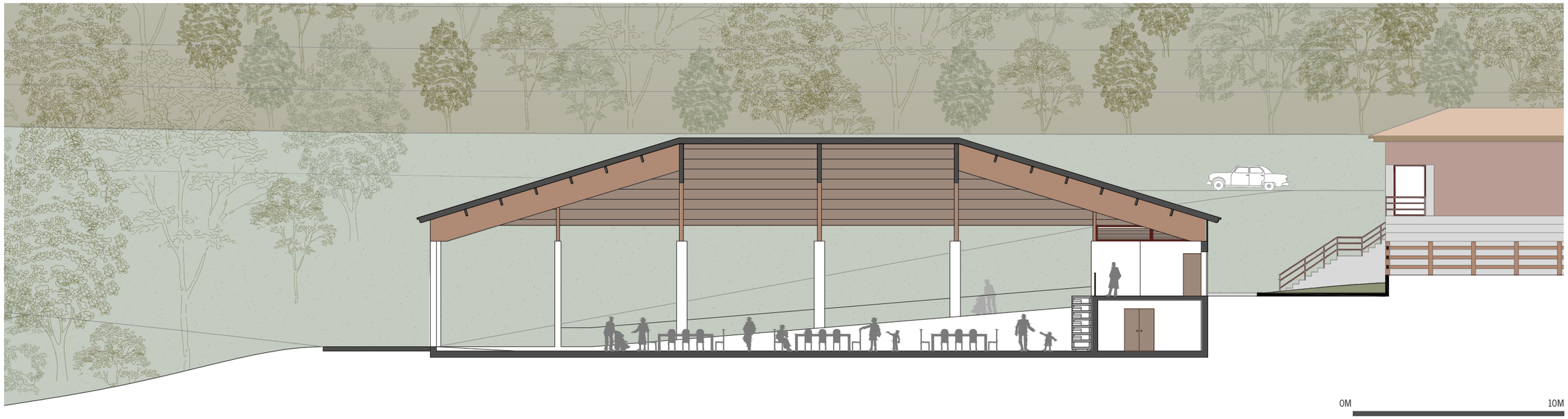


Fig. 71- Planta de Intervenção do Centro Interpretativo do Garrano - Piso -1

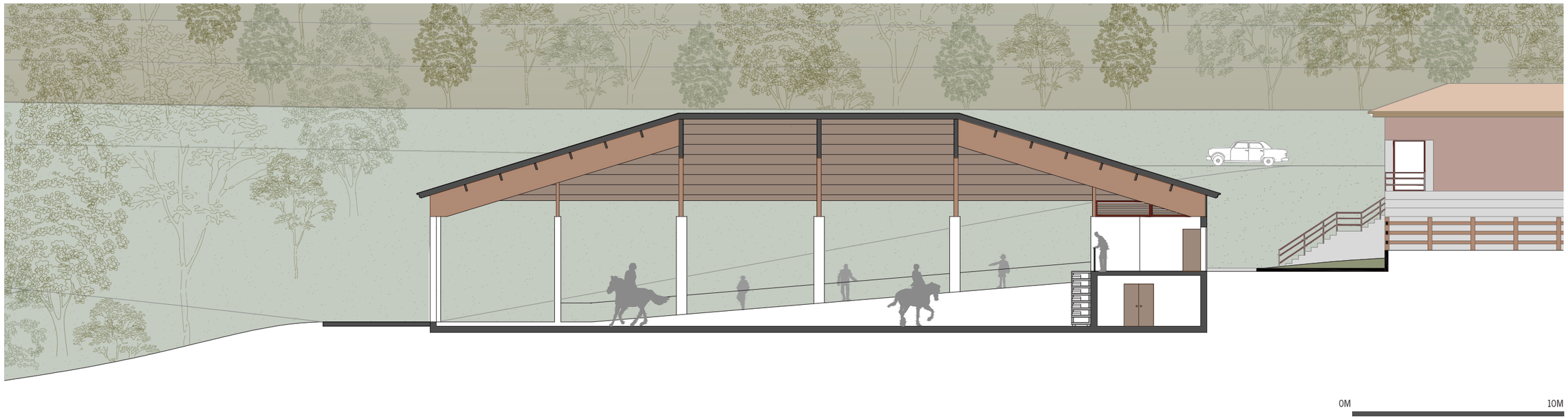


Secção AA'

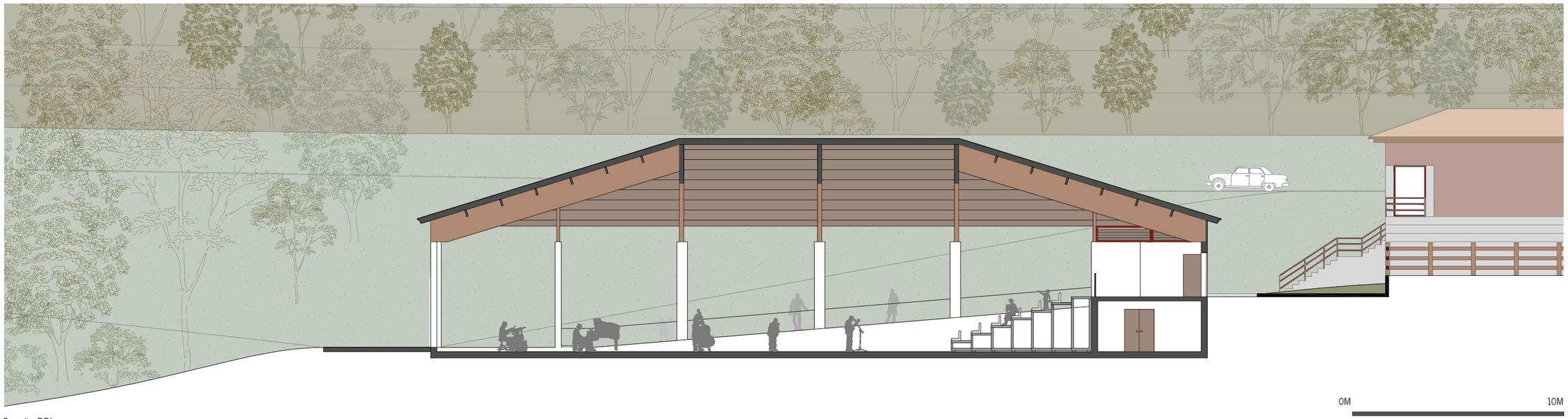


Secção BB'

Fig. 72- Secção Vermelhos e Amarelos e Secção de Intervenção do Centro Interpretativo do Garrano



Secção BB'



Secção BB'

Fig. 73- Secções de Intervenção do Centro Interpretativo do Garrano

BIBLIOGRAFIA

- ACERG – Associação de Criadores de Equinos de Raça Garrana. (s.d.). Associação de Criadores de Equinos de Raça Garrana. Consultado em 22 de dezembro de 2025, em https://www.acerg.pt/
- Antunes, P. (2022, 30 de janeiro). Câmara de Terras de Bouro avança com requalificação do centro interpretativo do garrano. Terras do Homem. Consultado em 9 de janeiro de 2026, em https://terrasdohomem.pt/2022/01/30/camara-de-terras-de-bouro-avanca-com-requalificacao-do-centro-interpretativo-do-garrano/
- Associação Portuguesa de Dressage e Alta Escola Equestre. (s.d.). Catálogo da exposição Garrano. Consultado em 12 de fevereiro de 2026, em https://equitationportugaise.com/wp-content/uploads/2.Cata%CC%81logoEbook_Exposic%CC%A7a%CC%83o_Garrano-ilovepdf-compressed-ilovepdf-compressed.pdf
- ATAHCA – Associação de Desenvolvimento das Terras Altas do Homem, Cávado e Ave. (2012). I Congresso Internacional do Garrano: Candidatura a património nacional – Livro de atas. ATAHCA. Consultado em 22 de dezembro de 2025, em http://garrano.ipvc.pt/files/livro_atas.pdf
- Biodiversidade. (s.d.). Garrano: O cavalo fidalgo de Portugal. Consultado em 7 de janeiro de 2026, em https://biodiversidade.com.pt/biogaleria/garrano-o-cavalo-fidalgo-de-portugal/
- Câmara Municipal de Terras de Bouro. (1995). Plano Diretor Municipal de Terras de Bouro. Diário da República. Consultado em 17 de outubro de 2025, em https://www.cm-terrasdebouro.pt/servicos/urbanismo-e-ordenamento-do-territorio/pdm-online
- Câmara Municipal de Terras de Bouro. (2020). Mapa turístico: Terras de Bouro. Consultado em 17 de outubro de 2025, em https://turismo.cm-terrasdebouro.pt/wp-content/uploads/docs/Mapa-Turistico-Terras-de-Bouro-2020-06-19.pdf
- Câmara Municipal de Terras de Bouro. (2021). Guia 2021: Trilhos pedestres na senda de Miguel Torga. Consultado em 16 de março de 2026, em https://turismo.cm-terrasdebouro.pt/wp-content/uploads/docs/Guia-2021-Trilhos-Pedestres-na-Senda-de-Miguel-Torga.pdf
- Câmara Municipal de Terras de Bouro. (2022, 25 de março). Requalificação do Centro Interpretativo do Garrano. Consultado em 14 de fevereiro de 2026, em https://www.cm-terrasdebouro.pt/noticias/arquivo-noticias/requalificacao-do-centro-interpretativo-do-garrano
- Câmara Municipal de Terras de Bouro. (s.d.). Covide. Consultado em 13 de outubro de 2025, em https://www.cm-terrasdebouro.pt/municipio/freguesias/covide
- Câmara Municipal de Terras de Bouro. (s.d.). Dia Mundial da Criança assinalado em Terras de Bouro a 1 de junho. Consultado em 17 de fevereiro de 2026, em https://www.cm-terrasdebouro.pt/noticias/educacao/dia-mundial-da-crian%C3%A7a-assinalado-em-terras-de-bouro-a-1-de-junho
- Câmara Municipal de Terras de Bouro. (s.d.). Trilhos pedestres. Consultado em 16 de março de 2026, em https://turismo.cm-terrasdebouro.pt/listings/?search_keywords=trilhos&submit=&filter_job_type%5B%5D=
- Câmara Municipal de Terras de Bouro. (s.d.). Via XVIII / Geira. Consultado em 24 de outubro de 2025, em https://turismo.cm-terrasdebouro.pt/listings/via-xviii-geira/
- Cascais Ambiente. (s.d.). Largada de cavalos Garranos na Peninha. Consultado em 6 de janeiro de 2026, em https://ambiente.cascais.pt/pt/noticias/largada-cavalos-garranos-na-peninha
- Compre Rural. (s.d.). Conheça o país onde os cavalos da raça garranos vivem livremente. Consultado em 6 de janeiro de 2026, em https://www.comprerural.com/conheca-o-pais-onde-os-cavalos-da-raca-garranos-vivem-livremente/
- Equisport. (2022). Obras no Centro Interpretativo do Garrano vão avançar. Consultado em 11 de fevereiro de 2026, em https://www.equisport.pt/noticias/obras-no-centro-interpretativo-do-garrano-vao-avancar/
- FERA – Federação Equestre da Raça Autóctone. (s.d.). FERA. Consultado em 26 de dezembro de 2025, em https://fera.com.pt/
- Fundació Miranda. (s.d.). Rewilding. Consultado em 14 de fevereiro de 2026, em https://fundaciomiranda.org/en/rewilding/
- Garranos.pt. (s.d.). Garranos. Consultado em 22 de dezembro de 2025, em https://www.garranos.pt/
- Go2Nature. (s.d.). À descoberta dos Garranos. Consultado em 22 de janeiro de 2026, em https://go2nature.pt/programas-e-atividades/a-descoberta-dos-garranos/
- Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas. (s.d.). GeoCatálogo ICNF. Consultado em 18 de fevereiro de 2026, em https://geocatalogo.icnf.pt/websig/
- Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas. (s.d.). Plano de ação para a conservação do lobo-ibérico em Portugal. Consultado em 6 de março de 2026, em https://www.icnf.pt/api/file/doc/3f6504bbdb61bc4e
- Instituto Nacional de Estatística. (2021). Censos 2021. Consultado em 20 de novembro de 2025, em https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_populacao&xpid=CENSOS21
- Jornal de Notícias. (2007). Centro para interpretar o Garrano. Consultado em 25 de janeiro de 2026, em https://www.jn.pt/arquivo/artigo/centro-para-interpretar-o-garrano/678515
- Leite, J. V., & Dantas, R. (Coords.). (2017). Livro genealógico da raça Garrana: Stud book 2011–2015 (Tomo IV). Município de Ponte de Lima; Associação de Criadores de Equinos de Raça Garrana.
- Lobo Ibérico. (s.d.). Distribuição e número. Consultado em 6 de março de 2026, em https://www.loboiberico.pt/lobo-iberico/distribuicao-e-numero/
- Lobo Ibérico. (s.d.). Lobo Ibérico. Consultado em 6 de março de 2026, em https://www.loboiberico.pt/
- O Amarense. (2022). Mais de 244 mil euros para requalificar Centro Interpretativo do Garrano em Terras de Bouro. Consultado em 28 de janeiro de 2026, em https://oamarense.pt/mais-de-244-mil-euros-para-requalificar-centro-interpretativo-do-garrano-em-terras-de-bouro/
- REN. (s.d.). Cavalos Garranos ajudam a prevenir incêndios na serra. Consultado em 6 de janeiro de 2026, em https://www.ren.pt/pt-pt/sustentabilidade/iniciativas/cavalos-garranos-ajudam-a-prevenir-incendios-na-serra
- REN. (s.d.). Cavalos Garranos vão ajudar a prevenir incêndios na Serra da Cabreira. Consultado em 6 de janeiro de 2026, em https://www.ren.pt/pt-pt/media/noticias/cavalos-garranos-vao-ajudar-a-prevenir-incendios-na-serra-da-cabreira
- Rewilding Europe. (s.d.). Rewilding Europe. Consultado em 12 de fevereiro de 2026, em https://rewildingeurope.com/
- RTP. (2025). I Liga: FC Porto–Santa Clara. Consultado em 20 de dezembro de 2025, em https://www.rtp.pt/noticias/desporto/i-liga-fc-porto-santa-clara_e1741444
- RTP Ensina. (2021). Garranos, cavalos de montanha. Consultado em 27 de dezembro de 2025, em https://ensina.rtp.pt/artigo/garranos-cavalos-de-montanha/
- Agência Lusa. (2007). Centro e complexo desportivo do cavalo garrano abre na Primavera. RTP. Consultado em 27 de dezembro de 2025, em https://www.rtp.pt/noticias/pais/centro-e-complexo-desportivo-do-cavalo-garrano-abre-na-primavera_n38200
- Trilhos & Caminhadas. (s.d.). Percursos. Consultado em 13 de abril de 2026, em https://www.trilhosecaminhadas.pt/percursos/
- Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. (2020). Garranos usados na prevenção de incêndios florestais. Consultado em 22 de dezembro de 2025, em https://utadtv.utad.pt/informacao/academia/garranos-usados-na-prevencao-incendios-florestais/
- YouTube. (s.d.). Vídeo sobre Garranos. Consultado em 2 de fevereiro de 2026, em https://www.youtube.com/watch?v=hCIcpG0QPG0
- YouTube. (s.d.). Vídeo sobre o Garrano. Consultado em 18 de dezembro de 2025, em https://www.youtube.com/watch?v=-MBEfWkSCkM

CRÉDITOS DE IMAGENS

Figura 1. Aldeia de Covide
Fotografias de autoria do Grupo de Trabalho de Atelier Integrado: Ana Ribeiro, Cláudia Alves e Mariana Ferreira
Figura 2. Paisagem de Covide
Fotografia de autoria do Grupo de Trabalho de Atelier Integrado: Ana Ribeiro, Cláudia Alves e Mariana Ferreira
Figura 3. Planta de localização de Covide
Fotomontagem de autoria própria com imagem base retirada de: https://executivedigest.sapo.pt/peninsula-iberica-e-um-dos-principais-pontos-de-invasoes-biologicas-no-mundo/
Figura 4. Planta Topográfica e de Ocupação do Solo em Covide
De autoria do Grupo de Trabalho de Atelier Integrado: Ana Ribeiro, Cláudia Alves e Mariana Ferreira; informação retirada do Plano Diretor Municipal de Terras de Bouro
Figura 5. Evolução da Aldeia de Covide entre 2004 e 2024
De autoria do Grupo de Trabalho de Atelier Integrado: Ana Ribeiro, Cláudia Alves e Mariana Ferreira; com imagem base retirada do Google Maps
Figura 6. Planta das Áreas de Aforados e Avistamento do Garrano
De autoria do Grupo de Trabalho de Atelier Integrado: Ana Ribeiro, Cláudia Alves e Mariana Ferreira
Figura 7. Evolução da população da aldeia de Covide
De autoria do Grupo de Trabalho de Atelier Integrado: Ana Ribeiro, Cláudia Alves e Mariana Ferreira; informação retirada de: https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_populacao&xpid=CENSOS21
Figura 8. População de Covide por sexo e grupo etário
De autoria do Grupo de Trabalho de Atelier Integrado: Ana Ribeiro, Cláudia Alves e Mariana Ferreira; informação retirada de: https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_populacao&xpid=CENSOS21
Figura 9. Distribuição percentual dos trabalhadores por grupo profissional
De autoria do Grupo de Trabalho de Atelier Integrado: Ana Ribeiro, Cláudia Alves e Mariana Ferreira; retirado de: https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_populacao&xpid=CENSOS21
Figura 10. Estrutura Territorial de Covide
De autoria própria
Figura 11. Núcleo Habitacional de Covide
Fotografia de autoria do Grupo de Trabalho de Atelier Integrado: Ana Ribeiro, Cláudia Alves e Mariana Ferreira
Figura 12. Levantamento fotográfico da aldeia
Fotografias de autoria do Grupo de Trabalho de Atelier Integrado: Ana Ribeiro, Cláudia Alves e Mariana Ferreira
Figura 13. Planta de Usos, Equipamentos e Serviços
De autoria do Grupo de Trabalho de Atelier Integrado: Ana Ribeiro, Cláudia Alves e Mariana Ferreira
Figura 14. Levantamento fotográfico dos Equipamentos e Serviços
Fotografias de autoria do Grupo de Trabalho de Atelier Integrado: Ana Ribeiro, Cláudia Alves e Mariana Ferreira

Figura 15. Levantamento da materialidade da Aldeia
De autoria do Grupo de Trabalho de Atelier Integrado: Ana Ribeiro, Cláudia Alves e Mariana Ferreira
Figura 16. Materialidade Vernacular da Aldeia
Fotografia de autoria do Grupo de Trabalho de Atelier Integrado: Ana Ribeiro, Cláudia Alves e Mariana Ferreira
Figura 17. Levantamento do Estado de Ocupação
De autoria do Grupo de Trabalho de Atelier Integrado: Ana Ribeiro, Cláudia Alves e Mariana Ferreira
Figura 18. Levantamento fotográfico de edifícios abandonados/ desocupados
Fotografias de autoria do Grupo de Trabalho de Atelier Integrado: Ana Ribeiro, Cláudia Alves e Mariana Ferreira
Figura 19. Mapa de trilhos presentes em Covide
Fotomontagem de autoria própria com imagens retiradas de: https://turismo.cm-terrasdebouro.pt/wp-content/uploads/docs/Guia-2021-Trilhos-Pedestres-na-Senda-de-Miguel-Torga.pdf
Figura 20. Garranos
Fotografia de autoria própria
Figura 21. O Garrano no centro de um sistema ecológico, produtivo e cultural
Esquema de autoria própria
Figura 22. Diagrama de faseamento da estratégia
Diagrama de autoria própria
Figura 23. Garrano na Serra da Cabreira
Fotografia de autoria própria
Figura 24. Movimento Sazonal do Garrano
Fotomontagem de autoria própria com desenhos base retirados da DGT
Figura 25. Mapa de recursos alimentares do Garrano em função do uso do solo em Covide- Zonas de Matos
Fotomontagem de autoria própria com mapa base retirado de: https://smos.dgterritorio.gov.pt/vi-smos/
Figura 26. Mapa de recursos alimentares do Garrano em função do uso de solos em Covide- Zonas Agrícolas
Fotomontagem de autoria própria com mapa base retirado de: https://smos.dgterritorio.gov.pt/vi-smos/
Figura 27. Mapa de recursos alimentares do Garrano em função do uso de solos em Covide- Zonas de Floresta
Fotomontagem de autoria própria com mapa base retirado de: https://smos.dgterritorio.gov.pt/vi-smos/
Figura 28. Esquema do Garrano como agente ecológico da paisagem
Esquema de autoria própria
Figura 29. Aptidão do Garrano para domesticação e trabalho
Esquema de autoria própria
Figura 30. Imagens do Garrano na década de 50 durante as Feiras Novas, em Ponte de Lima
Imagens retiradas de: http://lugardoreal.com/fotomemoria/sociedade-1?page=190
Figura 31. Ciclo de Vida do Garrano
Esquema de autoria própria

Figura 32. Mapa de criadores de Garranos no Norte de Portugal
Imagem retirada de: https://www.acerg.pt/
Figura 33. Áreas de Coexistência entre Garrano e Lobo-Ibérico no Norte de Portugal
Mapa de autoria própria com informação retirada de: https://www.loboiberico.pt/lobo-iberico/distribuicao-e-numero/ e https://geocatalogo.icnf.pt/websig/
Figura 34. Centro Interpretativo do Garrano
Fotografias de autoria do Grupo de Trabalho de Atelier Integrado: Ana Ribeiro, Cláudia Alves e Mariana Ferreira
Figura 35. Centro Interpretativo do Garrano antes da intervenção de 2022
Imagens retiradas de: https://terrasdohomem.pt/2022/01/30/camara-de-terras-de-bouro-avanca-com-requalificacao-do-centro-interpretativo-do-garrano/
Figura 36. Planta de Funcionalidades do Centro Interpretativo do Garrano
Câmara Municipal de Terras de Bouro. Tratamento e adaptação gráfica da autora
Figura 37. Fluxos existentes no Centro Interpretativo do Garrano
Câmara Municipal de Terras de Bouro. Tratamento e adaptação gráfica da autora
Figura 38. Levantamento fotográfico do Centro do Garrano
Fotografias de autoria do Grupo de Trabalho de Atelier Integrado: Ana Ribeiro, Cláudia Alves e Mariana Ferreira
Figura 39a. Planta de Vermelhos e Amarelos do Centro do Garrano – Piso 0
De autoria própria
Figura 39b. Planta de Vermelhos e Amarelos do Centro do Garrano – Piso -1
De autoria própria
Figura 40a. Planta de Intervenção - Piso 0
De autoria própria
Figura 40b. Planta de Intervenção – Piso -1
De autoria própria
Figura 41. Secção AA'
De autoria própria
Figura 42a. Secção BB'
De autoria própria
Figura 42b. Secção BB'
De autoria própria
Figura 42c. Secção BB'
De autoria própria
Figura 43. Planta de ligação do Centro Interpretativo do Garrano ao centro da Aldeia de Covide
De autoria própria
Figura 44. Terrenos Aforados envolventes de Covide
Fotografias de autoria do Grupo de Trabalho de Atelier Integrado: Ana Ribeiro, Cláudia Alves e Mariana Ferreira
Figura 45. Esquema do Plano de Libertação
De autoria própria

Figura 46. Garrano
Fotografia de autoria própria
Figura 47. Esquema do Ciclo Ecológico de Rewilding
Esquema de autoria própria
Figura 48. Transformação da paisagem através de um Sistema de Libertação e Monitorização do Garrano
Fotomontagem com imagem base da autoria do Grupo de Trabalho de Atelier Integrado: Ana Ribeiro, Cláudia Alves e Mariana Ferreira e imagem gerada através de Inteligência Artificial
Figura 49. Trilho da Libertação
Esquema de trilhos existentes e proposta de novo percurso feito com imagem de satélite e gráfico de perfil de elevação retirada do Google Maps; Planta de Trilhos existentes e proposta de novo percurso-Trilho de Libertação de autoria própria
Figura 50. Trilho da Libertação – Aproximação dos Cercados
Fotomontagem de autoria própria, com imagens de de satélite retirada do Google Maps
Figura 51. Ponto de Observação Elevado
De autoria própria
Figura 52. Ponto de Observação Semi-Elevado
De autoria própria
Figura 53. Ponto de Observação ao Nível do Solo
De autoria própria
Figura 54. Ilustração do Ponto ao Nível do Solo – Pormenores Construtivos
De autoria própria
Figura 55. Trilho da Água e da Memória Territorial
Esquema de trilhos existentes e proposta de novo percurso feito com imagem de satélite e gráfico de perfil de elevação retirada do Google Maps; Planta de Trilhos existentes e proposta de novo percurso-Trilho da água e da memória territorial de autoria própria
Figura 56. Trilho das Pastagens
Esquema de trilhos existentes e proposta de novo percurso feito com imagem de satélite e gráfico de perfil de elevação retirada do Google Maps; Planta de Trilhos existentes e proposta de novo percurso-Trilho das Pastagens de autoria própria
Figura 57. Trilho do Horizonte
Esquema de trilhos existentes e proposta de novo percurso feito com imagem de satélite e gráfico de perfil de elevação retirada do Google Maps; Planta de Trilhos existentes e proposta de novo percurso-Trilho do Horizonte de autoria própria
Figura 58. Garranos no seu Habitat Natural – Serra da Cabreira
Fotografia de autoria própria
Figura 59. Mapa da Caça e Pesca
De autoria do Grupo de Trabalho de Atelier Integrado: Ana Ribeiro, Cláudia Alves e Mariana Ferreira
Figura 60. Levantamento Fotográfico na ACERG
Fotografias de autoria própria

Figura 61. Levantamento Fotográfico de Garranos na Serra da Cabreira

Fotografias de autoria própria

Figura 62. Padrão da Raça Garrana

Informação retirada de: Leite, J. V., & Dantas, R. (Coords.). (2017). Livro genealógico da raça Garrana: Stud book 2011–2015 (Tomo IV). Município de Ponte de Lima; Associação de Criadores de Equinos de Raça Garrana

Figura 63. Hipsometria do Norte de Portugal e respetivas Zonas de Permanência do Garrano

Mapa retirado da DGT e adaptação gráfica da autora

Figura 64. Hipsometria de Terras de Bouro

Mapa retirado da DGT

Figura 65. Planta atual do Centro Interpretativo do Garrano - Piso 0

Câmara Municipal de Terras de Bouro. Tratamento e adaptação gráfica da autora

Figura 66. Planta atual do Centro Interpretativo do Garrano - Piso -1

Câmara Municipal de Terras de Bouro. Tratamento e adaptação gráfica da autora

Figura 67. Secções e Alçados atuais do Centro Interpretativo do Garrano

Câmara Municipal de Terras de Bouro. Tratamento e adaptação gráfica da autora

Figura 68. Planta de Vermelhos e Amarelos Centro Interpretativo do Garrano - Piso 0

De autoria própria

Figura 69. Planta de Vermelhos e Amarelos Centro Interpretativo do Garrano - Piso -1

De autoria própria

Figura 70. Planta de Intervenção do Centro Interpretativo do Garrano - Piso 0

De autoria própria

Figura 71. Planta de Intervenção do Centro Interpretativo do Garrano - Piso -1

De autoria própria

Figura 72. Secção Vermelhos e Amarelos e Secção de Intervenção do Centro Interpretativo do Garrano

De autoria própria

Figura 73. Secções de Intervenção do Centro Interpretativo do Garrano

De autoria própria